Cuido, logo existo

A GRAMÁTICA
DO CUIDADO

**Cuido,
logo existo**

A GRAMÁTICA DO CUIDADO

Cuido, logo existo

A GRAMÁTICA DO CUIDADO

1ª edição São Paulo 2011

REALIZAÇÃO Instituto Ecofuturo
DIREÇÃO Christine Castilho Fontelles
RESPONSÁVEL PELO PROJETO Palmira Petrocelli Nascimento
ASSISTENTE DO PROJETO Amanda Garcia Silva
COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO Alessandra Avanzo
ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Patrícia Mirabile Barbosa Banevicius

Concepção e coordenação editorial

Organização e textos complementares

Maria Betânia Ferreira e Dora Carrasse – Pingo é Letra
Renata de Andrade

Ilustrações do Concurso 7

Nelma Guimarães

Pesquisa

Elisabete Braga Siqueira

Produção editorial

Heloisa C. M. Vasconcellos – Tino Editorial

Preparação e revisão

Jonathan Busato – Brinde Editorial

Direção de arte e arte-final

Andréa Vilela de Almeida – Pimenta Design e Conceito

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Cuido, logo existo : a gramática do cuidado / [concepção e
coordenação editorial, organização e textos complementares
Maria Betânia Ferreira, Dora Carrasse e Renata de Andrade] .
-- 1. ed -- São Paulo : Instituto Ecofuturo, 2011.

“7º Concurso Cultural : ler e escrever é preciso”

1. Literatura brasileira 2. Redação – Concursos I. Ferreira, Maria
Betânia II. Carrasse, Dora. III. Andrade, Renata de.

11-13445

CDD-869

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Redação : Concursos : Literatura brasileira 869

© 2011 Instituto Ecofuturo

Todos os direitos reservados

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1355 – 7º andar

01452-919 – São Paulo – SP

tel.: +55 (11) 3503-9554

www.ecofuturo.org.br

Terminada a aula, ele deu-me
uma folha de caderno com
os dizeres, olhou para mim e
disse que sua profissão seria
fazer frases que melhorassem
a vida das pessoas. Nesse dia
acreditei mais na educação.

Hélio Ramos de Oliveira
Diadema, SP

Sumário geral

Cuido, logo existo – a gramática do cuidado 12

PROPOSTAS PARA VIVER CUIDANDO DA VIDA 14

Utopia 16

Semeadura	Fabiana Camargo da Silva	PB-ES		17
Cuidar da vida	Erick Thiago Farias Santana Silva	EJA		18
Um artesão	Mozar Inácio da Silva	EJA		19
As cores da Guernica	Isabela Rodrigues de Paula	EM	1º lugar	20

Terra e humanismo 22

Simplesmente assim	Oldemar Cabanhe	P	2º lugar	23
Do chão à educação	Verissiano Cardoso da Silva	PB-ES	2º lugar	25
A Jennifer	Ralph Kelley Gonzaga do Nascimento	PB-ES		27
No passado	Paulo de Pontes	EJA	3º lugar	28
Encontrando um amigo no sertão	Micaele dos Santos Dantas	EF 2		30
O segredo da vida	Leobaldo Duarte Júnior	EF 2		32

Bio-lógica 34

Lembranças	Aparecido Barbosa	EJA		35
ViDavida	Davi Souza Araújo	EJA		37
O cuidador de vidas	Anthony Vieira Pirola	EM		38
Carta a uma amiga	Victória Martinez Demichei	EM	2º lugar	40

O modo feminino 42

Em busca dos gestos poéticos	João Mendes Possiano	P		43
Uma vida a serviço do amor	Maria Neick da Piedade Lopes	PB-ES		45
A história de Lisa	Giovanna Mantovani Salim	EF 1		48
Tico e eu	Julia Alfano Keller Ventura Neves da Costa	EF 1	3º lugar	50
Algum conto	Emily Monteiro Costa	EM		52

Agroecologia 54

À terra voltarás um dia	Valéria Aparecida Galdino Magalhães	PB-ES	1º lugar	55
As frutas mágicas	Nicolle Jacob Vieczorek	EF 1		57
Louco?	Camille Jacob Vieczorek	EF 2		59
Uma flor nasceu	Viviane Reinaldo Martins	EF 2	3º lugar	61
Osteodesertificação	Yuri Ruppini	EM		62

Sobriedade e contentamento 64

Todos os dias, um novo renascer!	Risoneide Alves Pequeno	P		65
Cansei do jogo, entrego o joystick	André Xavier Rodrigues	EF 2	2º lugar	67
A emoção de viver dos jovens	Patrícia Rodrigues Costa	EF 2		69
Devore-me!	Maxwell Cândido da Silva	EM		71

Economia do cuidado 74

Como cuidar de uma flor no asfalto	Fabiana Coelho de Souza Leão	PB-ES	3º lugar	75
A falácia das acácias	Rafael Marcell Dias Simões	EJA	2º lugar	77
Rio Suco de Maracujá	Eduardo Fechus Becker Reis	EF 1	2º lugar	78

Via Láctea, planeta Terra, ano de 2011	Alan Nascimento Maia	EF 1		80
A paz pode acontecer	Yuri dos Reis Videira Pereira	EF 1		81
A vida é bela	Vanessa Maria do Nascimento	EF 1		82
Educação para o cuidado 84				
O menino sentado ao computador	Bárbara de Aguiar Barbosa Garrett	P		85
Meu aluno, meu espelho	Eduarda Maria Normanton Ladeira	P	1º lugar	87
É bonita, é bonita e é... bonita!	Patrícia Oliveira Cândido	EJA		89
Fragmentos humanos	Talita Sabrina da Silva	EM	3º lugar	90
Maria-Maria	Gislaine Buosi Fechus Monteiro	P	Hors-concours	92
PASSOS PARA PARA VIVER CUIDANDO DA VIDA 94				
Sensibilizar para o cuidado 96				
Escutem...	Sebastião Aparecido da Silveira Moraes	P	3º lugar	97
Caminhos para ver e ser	Lilia Virgínia Martins Santos	PB-ES		99
Bosque das Maravilhas	Andrieli de Mello	EF 1		101
Querida Branquinha	Clara Abrão Moreira	EF 1	1º lugar	102
Morte do que é vivo	Lorena Miranda de Carvalho	EM		103
Religar-se para cuidar 106				
Uno e versos	Válter de Moraes	P		107
Conquiliologista	Rita de Cássia Álvares Nogueira Bastos	P		109
Transformação	Adriana Guardiana Nogueira Silva	P		111
É preciso saber viver	Valter Hakuo Murakami	EJA		112
A escola depende de todos	Amauri Gomes Carolino	EJA		113
Vamos cuidar da vida?	Nelson Alves da Glória	EJA	1º lugar	114
Aquele sonho	Carolina Benazzato	EM		116
Pôr as mãos nas ferramentas 118				
Leitura: prazer, informação e transformação	Miracy Ferreira do Nascimento Real	PB-ES		119
Uma coisa chamada helicóptero	Francisco das Chagas da Silva	EF 2	1º lugar	121
Cuidar é respeitar as diferenças	Ianca Regina Simões	EF 2		122
Ler é cuidar bem da vida!	Henrique Ostemberg de Oliveira	EF 2		123
Uma estrela adolescente	Jaqueline Cândido Guedes	EF 2		125
Realizar a ação cuidadora 126				
Capítulos de olhar	Edileine Carvalho Bisinella	P		127
Ser sendo, aprender aprendendo	Eurípedes César Osório	PB-ES		129
O sonho é real	Robson César Correia de Mendonça	PB-ES		131
Carta aos terráqueos	Bruno Duarte Pereira	EF 1		133
Preguiça? – Só se for o bicho...	Jéssica Rangel Pereira	EM		134
Papai do Céu, você já ofendeu alguém?	Gislaine Buosi Fechus Monteiro	P	Hors-concours	136
Diário de bordo 138				
Histórias em quadrinhos 150				
Quem abriu o caminho para a escrita 154				
Quem fez a primeira leitura 161				
Quem multiplicou cuidados na seleção dos textos vencedores 162

© Nelma Guimarães

Sumário especial

Gramática da língua e do cuidado

Mensagem se estrutura 17

Utopia Semeadura

Pôr em palavras o que sente 18

Utopia Cuidar da vida

Não fale: diga 19

Utopia Um artesão

A escolha das palavras 20

Utopia As cores de Guernica

Língua e subfalares 23

Terra e humanismo Simplesmente assim

Certo e errado na escrita 25

Terra e humanismo Do chão à educação

Gramática matemática 27

Terra e humanismo A Jennifer

Feracidade do poeta 28

Terra e humanismo No passado

Quando os adjuntos tornam-se essenciais 30

Terra e humanismo Encontrando um amigo no sertão

Adjetivar 32

Terra e humanismo O segredo da vida

Aumentativo e diminutivo 35

Bio-lógica Lembranças

Onomatopeia 37

Bio-lógica ViDavida

Prosopopeia 38

Bio-lógica O cuidador de vidas

Correspondência 40

Bio-lógica Carta a uma amiga

A forma poética 43

O modo feminino Em busca dos gestos poéticos

Tecer palavras 45

O modo feminino Uma vida a serviço do amor

Conjugar 48

O modo feminino A história de Lisa

Cuidado com as palavras 50

O modo feminino Tico e eu

Poesia e poeta 52

O modo feminino Algum conto

Transitividade 55

Agroecologia À terra voltarás um dia

Vontade de ler, vontade de escrever 57

Agroecologia As frutas mágicas

Discurso direto ao ponto 59

Agroecologia Louco?

Diassistema 61

Agroecologia Uma flor nasceu

Neologismo 62

Agroecologia Osteodesertificação

Pintar com palavras 65

Sobriedade e contentamento Todos os dias, um novo renascer!

Vernáculo e estrangeirismo 67

Sobriedade e contentamento Cansei do jogo, entrego o joystick

Os tons do imperativo 69

Sobriedade e contentamento A emoção de viver dos jovens

O objeto e o sujeito 71

Sobriedade e contentamento Devore-me!

Oração, sujeito, predicado 75

Economia do cuidado Como cuidar de uma flor no asfalto

Raiz da palavra 77

Economia do cuidado A falácia das acácias

Pleonasma 78

Economia do cuidado Rio Suco de Maracujá

Vocativo 80

Economia do cuidado Via Láctea, planeta Terra, ano de 2011

As três pessoas 81

Economia do cuidado A paz pode acontecer

Rima 82

Economia do cuidado A vida é bela

Preposições 85

Educação para o cuidado O menino sentado ao computador

Palavra-ônibus 87

Educação para o cuidado Meu aluno, meu espelho

Numerais 89

Educação para o cuidado É bonita, é bonita e é... bonita!

Suspense 90

Educação para o cuidado Fragmentos humanos

As palavras da Cosmópole 92

Educação para o cuidado Maria-Maria

Sinonímia 97

Sensibilizar para o cuidado Escutem...

Há uns dias já foi, a uns dias será 99

Sensibilizar para o cuidado Caminhos para ver e ser

Pontuação 101

Sensibilizar para o cuidado Bosque das Maravilhas

Indicativo e subjuntivo 102

Sensibilizar para o cuidado Querida Branquinha

Gramática melodramática 103

Sensibilizar para o cuidado Morte do que é vivo

Velhas palavras, nova língua 107

Religar-se para cuidar Uno e versos

Concisão 109

Religar-se para cuidar Conquiliologista

Formas nominais 111

Religar-se para cuidar Transformação

Jargão 112

Religar-se para cuidar É preciso saber viver

Deu branco 113

Religar-se para cuidar A escola depende de todos

Substantivos 114

Religar-se para cuidar Vamos cuidar da vida?

Subordinação e coordenação 116

Religar-se para cuidar Aquele sonho

Ler é um prazer 119

Pôr as mãos nas ferramentas Leitura: prazer, informação e transformação

Prolepses e sínquises 121

Pôr as mãos nas ferramentas Uma coisa chamada helicóptero

Libras 122

Pôr as mãos nas ferramentas Cuidar é respeitar as diferenças

Etimologia curiosa 123

Pôr as mãos nas ferramentas Ler é cuidar bem da vida!

Voz reflexiva 125

Pôr as mãos nas ferramentas Uma estrela adolescente

Homonímia 127

Realizar a ação cuidadosa Capítulos de olhar

Gerúndio 129

Realizar a ação cuidadosa Ser sendo, aprender aprendendo

Formação de palavras 131

Realizar a ação cuidadosa O sonho é real

Boa escrita 133

Realizar a ação cuidadosa Carta aos terráqueos

Condição para praticar a gramática do cuidado 134

Realizar a ação cuidadosa Preguiça? – Só se for o bicho...

Diálogo 136

Realizar a ação cuidadosa Papai do Céu, você já ofendeu alguém?

Sobre as categorias

EF1 CATEGORIA 1 Ensino Fundamental 1

EF2 CATEGORIA 2 Ensino Fundamental 2

EM CATEGORIA 3 Ensino Médio

EJA CATEGORIA 4 Educação de Jovens e Adultos

P CATEGORIA 5 Professores

PB-ES CATEGORIA 6 Profissionais de Biblioteca e Educadores Sociais

Cuido, logo existo*

Em um silêncio de neve e algodão, é possível ouvir o zum-zum-zum levinho dos gestos e palavras dos que cuidam. Entre lusco e fusco (quer dizer, sem instruções ou com instruções vagas), de vez em quando estabanados, frequentemente emocionados, sempre bem-intencionados, eles têm certeza da própria existência e não deixam de afirmá-la: enquanto percorrem lugares e minutos cotidianos, deixam-se guiar pelo princípio de fazer o máximo de bem e causar o mínimo de dano, e assim vão revisando e corrigindo nosso jeito de escrever o “era uma vez” da humanidade.

Do latim COGITARE, nasceram duas palavras gêmeas e (às vezes) sinônimas na nossa língua: CUIDAR e COGITAR.

COGITAR é pensar, sonhar, imaginar, refletir, agitar no espírito, ter a intenção, projetar, buscar, ter uma determinada disposição de espírito.

CUIDAR é imaginar, pensar, refletir, meditar, cogitar, julgar, supor, aplicar atenção-pensamento-imaginação, fazer preparativos, tratar, prevenir-se, acautelar-se, examinar com atenção e minúcia, ocupar-se com desvelo de algo ou de alguém.

– a gramática** do cuidado

* “Penso, logo existo” é a tradução usual, em português, para uma frase em latim do filósofo francês René Descartes: “Cogito, ergo sum”. Traduzindo: eu cogito, logo eu sou; mesmo que eu muito e muitas vezes me engane, de uma coisa posso ter certeza: eu existo. Eu sou.

Os cuidados com a vida relatados nestas páginas provam que essa certeza absoluta de ser e existir — seja onde for, haja o que houver, doa a quem doer —, quando se combina com boa vontade e abertura diante daquilo que é *não eu*, floresce e frutifica em ações reais, concretas, das ínfimas às imensas, que consolam, preservam, apoiam, acolhem, se apiedam, defendem, tratam, acariciam, salvam, confortam, acalmam, animam, abraçam, compreendem, perdoam, esclarecem, lembram, encorajam, esperam, honram a vida.

** Gramática (do grego γράμμα — lê-se *gramma*, que quer dizer letra) é o conjunto de regras do funcionamento de uma **língua**. **Língua**, por sua vez, é o sistema de palavras que as pessoas de um povo, nação, país usam para se expressar e comunicar. Por extensão, isto é, esticando o significado da palavra **Gramática**, podemos dizer que existe também uma gramática do cuidado. Os autores dos textos a seguir são especialistas nesse domínio.

PENSAMENTO

PROPOSTAS
PARA VIVER
CUIDANDO
DA VIDA

Utopia que a gente precisa encarnar

(porque hoje é ovo do amanhã, utopia é só um AINDA NÃO e a sociedade só muda se os humanos mudarem)

Mensagem se estrutura

Metáfora das borboletas:
tudo o que se pode dizer
delas se aplica às palavras.
Quer achar boas palavras?
Sempre que passar uma
borboleta, olhe bem
e descubra em que ela se
parece com o que se fala
ou escreve. Palavra voando
às cegas e com as asas
danificadas não chega
aonde se espera. Mensagem
se estrutura do mesmo
jeito que asa de borboleta,
como telhas encaixadinhas.
Um descuidinho e lá se
vai, poeira de palavrório,
palavreado, palavragem
— coisa à toa,
e não mensagem.

**Um dia um homem simples abriu
a camisa e disse que era livre.**

Ademir Florentino do Nascimento
Franca, SP

**Vi-te futuro, bem-te-vi adentrar
em ares límpidos, fagueiro de tudo
dono e senhor, entrelaçando o hoje
e o amanhã na humanidade sem
raça e sem cor.**

Eliana Aparecida G. Moraes Longo
Mogi Guaçu, SP

Vamos cuidar da vida!

Semeadura

*Pensamentos, palavras, atitudes, cuidar,
Simultaneamente.
Quatro palavras tão pequeninas
Dentro do velho Eu.
O velho Eu, caboclo do mato,
Ara a terra sofrida e pisada. Sem pressa...
Espera a chuva com rezas,
Depois lança a semente na terra,
Pois dentro dele, já vingou.
Pensamentos, palavras, atitudes, cuidar.
Palavras que a vida leva,
Mas caem na terra de pedra dos homens da cidade
Aleatoriamente.
Terras essas tão vastas, aradas,
Outras curtas
E sem cuidados.
Mas, dentro do velho Eu,
Do velho Eu, caboclo do mato,
Lá no seu fértil coração de anos,
Essas palavras, simples palavras,
Tornam-se sementes,
Germinam,
Nascem para a vida.
E, na primavera, depois da chuva,
Ouve o silêncio gritante da flor que desabrochou.
O velho Eu abre a janela,
A janela da vida,
E expulsa as palavras sementes,
livres, soltas ao sabor do vento.
Germinam em outras terras,
Outras cidades,
Outros velhos Eus.*

FABIANA Camargo da Silva
34 anos
Ibitinga, SP

Pôr em palavras

o que sente para pôr ordem na vida é diferente de despejar palavras: é um ato comedido, sincero e organizador. As pessoas se orientam e agem no espaço e no tempo a partir dessas palavras, que dão nome às coisas e nascimento à mudança.

Saber que nós somos únicos, que podemos mudar tudo ou deixar tudo igual, esse é o presente da vida.

Jéssika Magalhães Fortes
Santos, SP

Em suas veias já não havia sangue e sim sonhos.

Aline Enauãn Battisti Tosin
São Miguel do Oeste, SC

E você aí na frente da televisão vendo tudo, parado!

Nossa idade pede muito mais.

Pedro Mozer Blaudt
Nova Friburgo, RJ

Cuidar da vida

*Alimentação regrada
Oito horas de sono por dia
Nada de forma exagerada
Fazer ou não
da vida uma Utopia?
Pro corpo
quinze minutos de exercícios diários
Pra mente
ler a história dos templários
Procurar conhecer
a linguagem da vida
Saber superar
a dor da despedida
Dar valor às pessoas
Contar piadas novas e boas
Levar um sorriso
onde for preciso
Se procura, acharás
o seu próprio paraíso
É nisso que acredito
Essa é minha verdade
Maktub — “está escrito”
O que te fizerem de bom
devolva na mesma intensidade.*

ERICK Thiago Farias Santana Silva
25 anos
São Vicente, SP

Não fale: diga. Muita
palavra voando sem direção,
sem sustentação na mente,
cada pessoa que diz ou
escuta entende o que
e como lhe convém.
Não fale: diga. A diferença?
Dizer é falar menos
e falar com intenção.

Entre meus 11 anos de vida
eu concluí que a vida não é fácil.

Bruna de Oliveira Ferraz
São Paulo, SP

Há muito que se vasculha no nada
um preenchimento para o vazio
que se encontra cheio.

Alexandre Cavalcante Garcia
Rio de Janeiro, RJ

Para recomeçar... Mas tudo
outra vez?... E mais uma vez,
se precisar...

Tereza Arguelho Teles
Jardim, MS

Vamos cuidar da vida!

Um artesão

*Sou artesão da vida
e aprendi com o tempo
a recuperar o saber das letras
que tanto desprezei
quando o tinha nas mãos
o futuro é a escola
e as palavras me aguardam
nos silenciosos livros,
escritos do saber.*

*Sou artesão da fé
hoje os cabelos grisalhos
dizem do tempo que foi
e meu olhar diferente
quer inventar amanhã
reinventar o futuro
vencer as duras barreiras
viver uma vida melhor.*

*Sou artesão do belo
aprendi a inventar o novo
as coisas que não servem mais
transformam-se como mágica
em uma nova beleza
cheia de harmonia e cores
um mundo novo ao redor.*

*Sou artesão do amor
meu novo coração feito
está completamente feliz.*

MOZAR Inácio da Silva
42 anos
Uberlândia, MG

As cores da Guernica

O livro de artes estava em cima da mesa. Comigo, levava lápis, borracha, água e papel.

Não queria lê-lo. Abri em uma página qualquer.

E lá estava ela: a Guernica. Tudo na imagem me lembrava sofrimento.

Derrubei o meu copo na folha. O líquido se espalhou pela figura.

“O que será de nós?” Era essa a frase que rondava as mentes de todos no local.

À esquerda, a mãe com o filho morto no colo chorava. Escondida nos braços sem vida do menino, soluçava e falava de si para si: “Meu filho, o que será de mim agora?”

Num gesto de extrema coragem, levantou-se. Os olhos há pouco molhados começaram a brilhar. Teria que seguir em frente.

— Vou viver!

Sem perceber, as lágrimas maternas, que antes rolavam pelo chão, agora tinham um novo destino e encontraram a senhora que estava no outro cômodo à direita. As chamas apagaram-se em alguns poucos minutos. A mulher ainda vivia. Seria eternamente grata por tudo o que aquela senhora havia feito.

A moça grávida, que olhava com curiosidade para a lâmpada, ajudou o homem caído no chão. Contaria — quem sabe? — ao filho. Lembraria de tudo e, com muito orgulho, descreveria como salvou uma vida.

Cuidadosamente, puxou-o em sua direção. O senhor, ainda fraco, agradeceu a ajuda que recebeu.

O mesmo, perdoando o cavalo que o havia machucado, mostrou-lhe uma nova vida longe de humanos em um lugar distante e próximo da natureza. Não queria que ele sofresse com a domesticação feita pelos homens. Encontram-se no meio da figura.

O touro, à esquerda, acolheu a senhora que sofria as queimaduras. Protegeu-a como um pai cuida de uma filha: dar-lhe-ia alimento e proteção. Haveria de ser bem cuidada.

A lâmpada talvez não fosse tão mortífera. Encontra-se na parte superior do quadro.

A Tecnologia poderia ajudar aquelas pessoas. Erraria? Sim. Nem tudo o que é feito por humanos é perfeito. Porém, é uma aliada que sempre estará à disposição de todos.

As cores negras da Guernica esvaíam-se com a água.

A luz do sol passava por uma fresta da parede.

a escolha das palavras

a palavra salvadora:

✓ as sempre usadas são como o sapato velho, confortável, de não se tirar do pé

✓ acolhedoras — nos escolhem, não o contrário

✓ num dicionário, é cada uma um livro e às vezes tudo o que é necessário

✓ pra toda ocasião há uma ou duas ou três ou quatro, ou cinco — por exemplo: lume, que é fogo, luz, clarão, fulgor e brilho

✓ com o acento num lugar imprevisto conquista-se a atenção, a paixão e o ciúme

✓ pra liberdade poética não há empecilhos: tudo é possível e será usado, sem cuidado, sem vergonha, mesmo sem necessidade e ao bel-prazer de qualquer indivíduo

Renata de Andrade

**Aquilo era filosofia prática.
Filosofia pura. Filosofia puríssima.**

Igor Ferreira da Silva
Tremembé, SP

**Meu nome é Wilian, sou vencido vez
após outra, mas existe algo dentro
de mim que nunca é derrotado.**

**Estou vivendo num aspecto
maravilhoso da vida. Estou repleto
de novos começos.**

Willian Fernando Pereira
Bauru, SP

**Seja sempre equilibrado, meio gênio
e meio retardado.**

Victor Hugo Hoga da Silva Amoroso
Matão, SP

Viaje, nem que seja na maionese.

Bárbara Zanella
Lajeado, RS

O local banhava-se de pura energia. As flores do campo floresceram naquela segunda-feira.

Sorrisos já se esqueciam das tristezas passadas... Eram ternos e igualmente esperançosos.

Todos eram unidos pelo mesmo sentimento. E pensar que tudo começou com apenas uma lágrima materna...

A tela está colorida agora.

Colorida era.

Era colorida.

Como todos os dias de sol

Da maravilhosa Guernica.

Cidadãos em companhia

Criariam um novo dia.

E aquela seria

Uma nova nação.

E um novo quadro seria

Depois da canção.

ISABELA Rodrigues de Paula

16 anos

São Paulo, SP

1º lugar

CATEGORIA 3

A teal-colored abstract graphic at the top of the page resembles a bird's head or a stylized face. It has a large, curved shape on the left, a circular shape on the right, and a large, curved shape on the bottom right containing two smaller circles.

compromisso com os valores da **terra** e do **humanismo**

(porque o mundo precisa não só
ser viável, mas também “vivível”):
compaixão, solidariedade,
beleza, sobriedade, gratidão,
equidade

A teal-colored abstract graphic at the bottom of the page consists of several teardrop-shaped elements radiating from a central point, resembling a flower or a fan.

Língua e subfalares

Unidade não é igualdade; língua viva é colorida pela diversidade de falares. Só na cadência, já temos o dialeto brasileiro cantado do Norte e o descansado do Sul. Vogais abertas, vogais fechadas, o TU, o VOCÊ... nossa língua vai estalando e cantarolando diferentemente. Quem lê estas linhas provavelmente fala português do Brasil, mas “subfala” outro subfalar: amazônico, nordestino, fluminense, mineiro, sulista, baiano*... Parece muito? Pois em Portugal, tão pequenininho perto da nossa imensidão territorial, a variedade de dialetos é ainda maior: quando você conversa com um português, pode estar ouvindo um subfalar galego oriental ou ocidental, transmontano, alto-minhoto, baixo-minhoto, duriense, beirão, do centro-litoral, do centro-interior, do sul.

Parece exagero? Pois fique sabendo que o português é considerado uma língua homogênea, em comparação com outras línguas românicas como a nossa (espanhol, italiano, francês, romeno...) e com os idiomas germânicos (alemão, inglês...), que se desdobram em um número MUITO maior de dialetos ou subfalares.

** Essa classificação foi proposta por Antenor Nascentes, depois de viajar pelos mil cantos de nosso país.*

Simplemente assim

Dona Preta era uma senhora pequena, magrinha, de rosto sulcado, de testa franzida, cujas pernas esqueléticas parecia que carregavam todas as dores do mundo. Parecia. Naquela sabedoria feita de rugas, sempre dizia: “Pra vivê bem basta lê, leno se entendi o otro, entendo o otro você respeita a todos e a tudo”. Podia se pensar que ela lera Ezra Pound. Dona Preta nunca fora à escola. Não chegou a experimentar a língua na brancura dos cabelos de Ataliba de Castilho. Ela tinha a simplicidade de Bernardo. Era lá da fronteira com o Paraguai e trazia consigo costumes e falares daquela região, dizia até que seus pais vieram lá das bandas de Corrientes, perto do Brasil com o Uruguai. Quando um menino levantava com cara amarrada, já ia dizendo: “‘vôte’, dêxe de burru guri, tá com ‘murri-nha’? Num seja ‘nhanhácho’”. Dona Preta era primorosa em receitas de como cuidar bem da vida; não ia nunca aos vizinhos, no entanto, tratava a todos com esmero. Não fazia caminhada, mas dizia que já andara muito na vida, que andar era tão bom para o coração como namorar e fazer amigos; como tomar tereré e sorrir à toa; como dar bom dia ao dia e ser voluntário de sopão. Achava que seus chás podiam curar tudo, que era só fazer uma “chapuera-da” para resolver um “chiriguelo” ou um problema de “coalho virado” em criança; isso quando a benzeção com folhas de arruda ou losna não dava jeito. Nunca dispensava uma “chipa”, uma “sopa paraguaia” ou um “caburé” bem queijudos, feitos na palha de banana e assados no forno de barro; ou ainda um “quebra-torto” de

VAMOS CUIDAR DA VIDA!

arroz de carreteiro, pela manhã. Esse tipo de pessoa simples não exige muito de Deus. Acreditava que quem pede muito a Deus trabalha pouco e reclama muito, vive menos feliz. Tomando mate em sua cuia de chifre de vaca e, às vezes, na cuia de purunga, sentada, limpinha, no fim de tarde explicava que cuidar da vida é cultivar um pé-de-homem; é regar a criança como se fosse flor; é tirar as ervas daninhas e adubar a terra com amor, respeito e equidade, para que no futuro o “Universo não chore como se fosse as dores de parto”. Insistia em dizer que entendendo o outro se respeita até o chão e as pequenas coisas do chão. Tinha ideiasmanuelinas. Certa vez, comentaram com ela que o homem estava pesquisando outros planetas para se viver, no que respondeu ingenuamente: “nambrena’, isso é mentira, onde já se viu o hôme í pro espaço? Essa estória de que o hôme já foi pra lua é tudo ‘djapúheê’; cada um tem que cuidá do seu quintal, que num vai pricisá mexê no quintal dos otro”. Dona Preta era um muito de Poliana e um pouco de Coralina e, embora nunca tenha criado uma poesia, fazia muitos doces e sempre dizia uma metáfora: “É preciso saí das concha pra catá conchinha”. Queria dizer que de dentro das conchas não se consegue sequer perceber um mendigo passando. Nunca entendi isso direito; entendia mais de seus bolinhos de chuva. Por outro lado, ela cultivava flores e fazia com que abelhas, borboletas e mangangás ficassem faceiros. Uma vez falaram-lhe que uma vizinha sua estava com depressão, e em sua simplicidade disse, colocando a mão na boca e com admiração: “hêhá, chê guaçu!’ Mande aquela guria saí um pouco, í pra igreja, quê que adianta ficá aí pelos canto, ‘caiguê’?” Não podia ver uma casca de bala no chão que já recolhia. Fazia trabalhos de beija-flor. Em certa ocasião, ouviu perplexa sobre uma tal Teoria de Gaia, refletiu um pouco e falou: “É... cuidá do planeta é uma forma de cuidá bem da vida”. Aos 91 anos, sempre apreciando verduras, dizia que é preciso “mexê sempre os esqueleto pra num endurecê as coluna”. Ela tinha uma certa filosofia chinesa de se viver bem... Ou era japonesa?

Não podemos ficar apenas embevecidos pela admirável retórica da salvação do planeta.

Vítor de Assis Almeida
Juiz de Fora, MG

Estar vivo já mostra que não se fez muitas trapalhadas, ou que se tem muita sorte.

Jéssika Magalhães Fortes
Santos, SP

OLDEMAR Cabanhe

41 anos

Campo Grande, MS

2º lugar

CATEGORIA 5

Do chão à educação

Certo e errado na escrita

Há quem acredite que a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em completa liberdade, de um jeito que o linguista dinamarquês Jespersen chamou de “anárquico”. E, conseqüentemente, não pode haver “certo” e “errado”. Mas há também quem ache que certo é escrever como nos textos clássicos, seguindo rigorosamente as regras estabelecidas. Entre esses dois extremos, um critério racional: melhor, mesmo, é escrever o que pode ser apreendido exata e rapidamente por quem lê e produzido sem sofrimento por quem escreve. Em outras palavras: simples e inteligível. A escrita às vezes fotografa a língua oral. Resultado: ao ler, tem-se a impressão de ouvir a voz do povo de algum lugar. Tem grande valor como recurso literário.

Vamos cuidar da vida!

Quem mais cuidou? Deus? Sua mãe, anjos, padre ou pastor? Seus santos, guias, amigos ou avô? Seria seu pai, filho ou a instituição por onde passou?

Não importa por qual caminho andou, sempre teve alguém que te cuidou. E pra mim a vida não foi diferente, o tempo também não parou.

Cada qual com seu cuidado, não me valho de arrogado, hoje sou homem criado. Tenho 33 anos, não por coincidência a idade de Cristo. E sem tamanha pretensão, por que não dizer a idade de Confúcio, Sócrates ou Platão?

Pra te convencer de que também faço jus ao marco na humanidade, vou te contar algo que não é segredo, mas que ainda causa medo. Exilado da sociedade, matriculado como preso, simplesmente rotulado, tenho guardado em meu peito um sonho que pra muitos não tem jeito.

*Na realidade de cordel vou trazer em verso e prosa
A história de um minino de uma fita tinhosa
Que vortô pra capital, cuma promessa honrosa
De ganhá munto dinheiro
E de um dia se dá bem
Trabaiô comu jumento, e num juntô um vintém.*

*Se iludindo e se afastano
Dos caminho de cristão
E passano nicissidade
Se virô foi num ladrão
Perdeu us seus princípio
Conheceu droga e balada
Viveno de fantasia
Nessa mentira danada.*

*Fez amizade fiel
Dessas que é de irmão
Seu nome era Francisco
Bom de tiro e bom na mão*

**Doe um abraço. Abra um sorriso.
Conte uma história.
Ouça um amigo.**

Lourival Rozalez de Azevedo
São Paulo, SP

Oh, mundão! Tão mundinho!

Rejane Ramos Soares Pereira
Itajaí, SC

**Pelos homens e mulheres que
fazem de suas vidas uma lida
cuidadosa, caprichada e emotiva
nos jardins de nossas almas.**

José Augusto de Aguiar Costa
São Paulo, SP

*Vários tiro e rolê
Sempre daquele jeito.*

*Numa dessas que se vê
Nóis passô foi na tevê
Troca de tiro infernal
Meu parceiro se deu mal
Arrumei ontão de cadeia
Meu parceiro paletó de madeira.*

*Mais isso me pôs a pensar
Que foi Deus a me cuidar
E com aquelas oração
Parei, refleti, e dos camim da educação
Com fé em Deus não saiu mais não.*

*Hoje estô nesses camim
Meus passo se aprumô
Por ironia do destino
Da cadeia professô
E ajudano a vida dos parça
Num vivo mais de farsa.*

*Falo pra eles do be-a-bá
E eles prumeti estudá
Pra logo mais nóis na rua
Todos “da vida cuidá”!*

*A mente vai acompanhano
Em forma de refrão
Com as voz dos aluno
Ecoando na amplidão
“Prova de amor maior não há
Do que melhorar a vida do irmão”.*

Dessa maneira findo minha história. Pro crime, só mais um. Pra educação, a diferença. Assim me envolvi, tão rápido me apaixonei, e quando dei por mim, comprometido me vi. Só que agora com o bem.

Resgatando alguns valores, construindo novos, outro cuidado vou dando a uma vida tão generosa.

VERISSIANO Cardoso da Silva

34 anos

Marabá Paulista, SP

2º lugar

CATEGORIA 6

gramática matemática

Eu conto nessas contas as
minhas raízes e sintaxes,
as muitas relações
parafraseadas, o nada
resultado, e os vínculos
metódicos com seus
múltiplos princípios e
numerosas finalizações.

Mas tanta realidade física,
diminuta e vasta —
giz estridente no quadro
negro que nos cobre —
só erros: figuras traindo e
subtraindo, desvendando
mil possibilidades, más
propriedades ou dados
pertinentes, quando a noção
fundamental de se ser
singular ou ser plural (uma
álgebra de gente) transcende
meus sentimentos abstratos:
deduzir o elementar não
basta, quero mais —
quero a grandeza dos
tratados elementares
infinitesimais e não carentes.

Tudo me soma. Se diminuo
o roteiro que me regra ou
se multiplico as escolhas e
me falho, divido o meu feliz
e me calo.

Renata de Andrade

A Jennifer

A Jennifer

*Dei-lhe os traços do rosto,
Dei-lhe glóbulos no sangue,
Dei-lhe o nome.
A saudade é grande.
Somos quase iguais, iguais no sobrenome.
Da minha multiplicação se deu a divisão;
A distância entre dois pontos,
Cruz gamada da minha indecisão.
Será que a vida é bela?
Somos passageiros clandestinos
De um destino indefinido
Do qual não se tem explicação.
O porquê da separação?
Hoje me olhas feito um estranho,
Olhos nos olhos, o mesmo olhar.
Não tenho palavras, não sei me expressar.
Você tão quieta não fala, prefere me exilar.
Deixo como está.
O azedume se mistura a um eterno eclipse solar.
Não culpo as minhas circunstâncias,
Nem tampouco as da vida.
Imagino o dia em que eu possa te chamar de querida,
E poder te falar: Te amo, minha filha.*

RALPH Kelley Gonzaga do Nascimento

36 anos

São Vicente, SP

No passado

— Ah! Como eu queria voltar ao passado!

Quantas saudades, tudo era belo e a vida tinha mais sentido, me lembro que morávamos numa colônia. Tinha 28 casas, de pau a pique, cobertas com telhas comuns. Eu era uma criança com sete anos mais ou menos, a vida dos habitantes da colônia me deixava irritado, apesar da pouca idade. Ainda estava escuro quando o primeiro sinal era dado pelo fazendeiro, senhor João. Era um sinal que não me agradava nem um pouco, era um enorme sino ao lado da capelinha branca. À primeira batida todos tinham que se levantar e se reunir em suas casas, fazendo a oração matinal.

Me lembro que na escola, a dona Maria Aparecida, minha professora, falava que a oração era o começo de um lindo dia, e com a mesma os anjinhos traziam uma taça com as seguintes bênçãos: o amor, a paz, harmonia, felicidade, compreensão, alegria e paz de espírito. Mas eu pensava comigo mesmo: o anjo poderia trazer uma taça cheia de dinheiro, eu iria dividir com meus amiguinhos da colônia. E um belo dia eu achei uma caneca cheia de moedas, na casa de senhor Joaquim, mas eu não peguei, aprendi que quando se acha alguma coisa alguém perdeu ou esqueceu, nada cai do céu, assim me ensinou minha mãe adotiva. Aquele dinheiro que achei mas não peguei era para comprar os remédios, que o senhor Manoel encomendava com o ovelheiro, seu Antônio Bento, remédios que serviam para vários tipos de doenças.

O senhor Antônio Bento morava numa cidadezinha por nome “Baixa da Égua”, distante a 12 quilômetros da fazenda Flor da Mata, e todas as quintas-feiras ele vinha com o seu DKV fumacento e depois pegava a pandora, a colocava na charrete e de casa em casa ia trocando as iguarias na cidade. Na fazenda ele trocava tecidos, lenços, combinações, arquinhos enfeitados, perfumes, chapéus e o mais gostoso de tudo, “os doces”, a parte que eu mais gostava. Tinha maria-mole, pé de moleque, rapadura, suspiros, doces de abóbora e de leite. Os doces eram trocados por ovos de galinha e de patas.

A parte ruim eram os remédios, os mais famosos da época: óleo de rícino, sulfato ferroso, ancilostomina, óleo de fígado de bacalhau, biotônico Fontoura etc. eram remédios para toda a molecada da fazenda. Era assim que cuidavam da vida e da saúde, tinha a queridinha de todas as crianças até nos dias de hoje, a tradicional “injeção”. Esta combatia o tétano, malária, tuberculose, varíola e gripes. Da molecada, os maiorzinhos corriam e se escondiam, enquanto os menores entravam na agulha. Era um berreiro que dava dó, mas tudo era para a saúde e preservação da vida.

Que sempre lindo!

o poema esticando o tempo/
pra gente ouvir mais ainda/
o mesmo passarinho
e eu, que nunca tinha
pensado/que a **feracidade**
do poeta/era feroz e minha
ô lágrima boa!
senta, vê o rio passar
vai cometer palavras,
exageros

Renata de Andrade

Outra coisa que eu aos poucos fui entendendo é que bastava chover uma semana que vinha o fazendeiro, no seu velho trator barulhento, pegando os colonos, que com pás, enxadas e enxadões começavam abrindo uma valeta grande no meio do cafezal, eu que só ia mais para comer do que trabalhar ficava pensando: Será que é para enterrar gente? Não, não podia, mas o melhor era esperar para ver o que ia dentro da valeta. Com as valetas abertas, o fazendeiro ia na cidade e trazia o Chevrolet cheio de palha de café, era aí que minha curiosidade vinha à tona. Adultos e crianças, mas só os machos, todos pegávamos as palhas de café e jogávamos dentro das valetas, misturando com o mato que ao capinar iam amontoando no carreador, era aquela bagunça, nós fazíamos uma farra danada. Depois de encher as valetas, nós colocávamos a terra de volta e ficavam ali enterradas as palhas e o mato, após meses abríamos as valetas novamente, pegávamos toda aquela bagaceira e esparramávamos no meio do cafezal novo, era um tipo de adubo natural. Aí aprendi que aquilo era bom para o meio ambiente, fauna, flora, animais, era o homem de mãos dadas com a “mãe natureza”, tirando e devolvendo o sustento de todos os seres viventes.

Ah! No passado se queimava menos mato, ai de quem fosse pego colocando fogo: o fazendeiro além de chamar o colono de preguiçoso e vagabundo mandava que ele fosse embora de sua fazenda. No passado a vida e a saúde dos moradores da colônia era mais saudável, tinha menos doenças, as mais conhecidas eram: a senhora gripe, a comadre varicela, compadre sarampo, tia lombriga e a doutora solitária. Eu tinha uma fauna na barriga, todo tipo de porcaria eu comia, terra, tijolo, caco de telha, carvão e a famosa caca de nariz. Eu tinha até um apelido, “lombriga”, isso no passado, mas tudo que é bom vai acabando, da colônia só restaram as ruínas, dos colonos as saudades, o hoje é nosso, e o amanhã só a Deus pertence, do passado só recordações, menos queimadas, mais amor ao próximo, menos ganância pelo vil metal, neste caso o dinheiro, o respeito pela mãe natureza, preservação da fauna e da flora e dos animais. Era menos poluição e todos contribuíam para o meio ambiente. Mas tudo ficou no passado; por isso o título “No passado”.

PAULO de Pontes

55 anos

Andradina, SP

3º lugar

CATEGORIA 4

Quem controla a vida é ninguém
mais que seu dono, ou seja,
todos os que têm vida.

Lílian Guimarães de Souza Lorenzi
Rio Grande, RS

Esse período era para o sertão
a glória, uma metamorfose
avassaladora, e por um curto
espaço a fartura reinava, córregos
atravessando estradas, crianças
e suas brincadeiras na enxurrada,
um perfume silvestre deixava o ar
com aromas indecifráveis, era a
natureza cumprindo a sua função.

Marileuza Alves Medeiros
Licínio de Almeida, BA

Vamos cuidar da vida!

Quando os adjuntos tornam-se essenciais

Na gramática do cuidado, muito se engana quem acha que os adjuntos — aquelas palavras que deixam as coisas mais precisas ou esclarecem as circunstâncias do que se conta — têm pouca importância e podem ser guardados na caixinha de “acessórios”.

Eis uma prova, com adjuntos adverbiais de lugar que mudam tudo:

Encontrando um amigo no sertão

Cuidar da vida é valorizar nossa verdadeira identidade. Moro num sertão nordestino onde a vida por aqui não é fácil. Por muitas vezes somos discriminados, pensam que somos incapazes de lutar pela vida. Porém mal sabem eles que incapazes são aqueles que fogem da luta, e capacitados são aqueles que vão ao encontro dela.

Assumir quem somos, de onde viemos e como vivemos é qualidade de poucos. Mostrar nosso interior é tarefa difícil, camuflar nosso exterior é tarefa fácil. Portanto, cuidar da vida começa quando nos aceitamos como somos, mas não deixando que as limitações nos digam: NÃO POSSO. Ostentar nosso “eu” é olhar o passado e tê-lo sempre conosco para, quando nos realizarmos e quisermos voar mais alto que os outros, poder olhá-lo para nos manter sempre em equilíbrio durante nossa vida e respeitar o viver do outro.

Não vivo em cidade grande, nem tampouco vou ao shopping. Mas sempre estou de bem com a vida. Tenho um lugar especial, lá estão guardadas muitas lembranças, e quando tenho novidades vou correndo contar para meu amigo o que aconteceu. O nome dele é?! Um pé de mangueira! É isto mesmo, um pé de manga. Lembro-me que quando perdi meu pai foi para lá que corri, chorei, conversei e até o abracei. Fiz dele um ser humano, durante anos ele foi meu companheiro. Certo dia ele me deu uma bela lição de vida. Comecei a observar sua estrutura: raízes, caule, folhas, galhos, sementes e frutos. E por um momento ele falou comigo, mas em uma linguagem que somente amigo entende. Ele me disse assim: “olhe minhas raízes, elas me deixam firme ao chão e trazem para mim os nutrientes que preciso para viver. Veja agora meu caule, este é peça chave, me liga ao restante da minha estrutura. As folhas, flores e os frutos me dão beleza exterior, o galho os sustenta para que eu sempre mantenha minha verdadeira identidade: um pé de manga.

Fui aceito pela vida,
 Fiz um poema comum.
 Pra dizer que a escolha é sua;
 Não há segredo algum.

Douglas Ricardo da Silva
 Bauru, SP

Aqui, um dos sentimentos que
 tenho é a saudade, que coloca
 a tristeza lá em cima e me joga
 no chão.

Dielson Lopes de Souza
 Campinas, SP

Tenho como genética a massa
 interior de gás que também deu
 origem ao Sol e a meus irmãos
 planetas, com os quais vivo
 em sincronia.

Jozimar de Sousa Venção
 Monsenhor Gil, PI

Mas tenho um segredo a revelar, nem em todas as épocas do ano eu me sinto assim. Existem momentos que as raízes não encontram água para me manter sempre verde e resistente ao verão do sertão nordestino. E sem os nutrientes necessários para minha sobrevivência, o caule logo anuncia às folhas que elas poderão secar e cair, deixando que o vento as leve para qualquer direção, e assim as flores não vão florescer, e mais do que isto é saber que meus frutos poderão não ser tão gostosos e vistosos. Passo por todo esse processo, porém nunca desisti, todo ano estou aqui pronto para mais uma estação. Sem contar que quando dou frutos sou logo apedrejado, pois querem meus frutos a todo custo. Às vezes me machucam. Mas não desisto, no ano seguinte lá estou eu novamente”.

Após interpretar esta mensagem, constatei que se tratava de como devemos agir durante a labuta da vida. A raiz é quem você “é”, de lá sairá todo o sustento, se existirem apenas rancor e lamentações sobre os “porquês” da vida ela poderá tornar a nossa vida doentia. O caule significa em quem confiamos, será que escolhemos as pessoas certas para nos ajudar? Se fizermos a escolha errada, ela poderá adoecer nossas folhas e nossas flores e, a partir daí, deixar nossos frutos intactos será um desafio. Faltaram os galhos, neles estão nossas escolhas de vida, sonhos e realizações, perdas e conquistas. Pois se não tivermos uma estrutura física e emocional bem firmada, jamais poderemos mostrar e defender quem realmente somos.

Não precisei ir ao psicólogo para entender os mistérios da mente, apenas busquei no meu interior o que sou e onde vivo. Talvez seja bizarra a “pessoa” que escolhi para contar meus segredos, e mais bizarro ainda é afirmar que dela tirei uma bela lição de vida! Pode crer, não fui à internet para pesquisar o melhor consultor da vida, nem usei o celular para ver se alguém estava disponível a conversar comigo. Não precisei participar de redes sociais para anunciar: quem quer ser meu amigo! Apenas busquei no meu sertão alguém que quisesse ser tão amigo quanto eu.

Cuidar da vida é aceitar diante do mundo o que somos e onde vivemos. Que possamos ser como as mangueiras, que mesmo sabendo que ao darmos frutos seremos apedrejados, estejamos aptos a sempre produzir o tanto de frutos preciso para manter nossa identidade sempre bem vista e atender às necessidades daqueles que não acreditam que um dia poderemos galgar e alcançar o topo da montanha chamada vida!

MICAELE dos Santos Dantas
 12 anos
 Maravilha, AL

Adjetivar

Quando se diz que um adjetivo é um modificador de substantivo, ele nem parece tão importante. Pura ilusão. Os adjetivos qualificam (ou seja, atribuem qualidade) e, na gramática do cuidado, em que os sentidos figurados e simbólicos são tão importantes, adjetivar também é harmonizar, tornar(-se) compatível ou conciliável. Com os adjetivos certos, uma macaúba pode ganhar voz, luz e densidade histórica.

🕒 segredo da vida

*Nos fundos de minha humilde casinha
Um fabuloso pomar com variados frutos
Atraem pássaros de todos os lugares
E águas espelhadas correm lentamente
Sustentando formas e vidas...*

*Mas o que me encanta de verdade
São as maviosas macaúbas às margens da represa
Obra criada por Deus na natureza
Onde animais e flora se cuidam e se alegram
Em um ritmo sano e implacável.*

*Com folhas verde-amareladas
Lar ninho para a bicharada de asas
Que desfrutam de seus aromáticos cocos
Cujos restos no chão
É nova vida macaúba então!*

*Ao olhar de longe
Fico a meditar
Por que destruir essas relíquias tão perfeitas?*

*De tronco áspero e folhas em tiras
Esconde dentro nobre e especial segredo
A minha predileta macaúba
Que persiste... e não deixa cortar.*

*Quem sabe essa simples existência
Seja o símbolo vivo de Clemência
Bandeira e retrato fiel
Da nobreza da Vida a que devo amar.*

A inquietude diante do sofrimento fez com que estudasse muito. Estudou o comportamento da sociedade humana, suas afluências, influências, defluências, reentrâncias e protuberâncias.

Marlene Haboski de Amorim
Marechal Cândido Rondon, PR

Vovó Terezinha me disse que minha mãe foi procurar a felicidade, e que meu pai foi procurar minha mãe. Eu já me entristeci muito com tudo isso. Mas passou.

Larissa Andrade Godoi Moreira
Pouso Alegre, MG

Pois é como se todos nós, juntamente com a natureza e os animais, fossemos caixinhas que se encaixam perfeitamente dentro de uma caixa maior.

Ricardo Fehr Camargo
São Carlos, SP

A cada dia, a manhã parece nos mandar um recado: ACORDA.

Lucyana das Neves Melo
Itaguaí, RJ

Alguns fazem da dor suporte para superar limitações, outros fazem da morte razão para viver intensamente a cada momento, como se fosse o último.

Pietra Joaquim Menezes
Morro do Chapéu, BA

Nosso Planeta Terra é, sim, esta preciosa bola de continentes.

Camila da Silva de Moura
Altônia, PR

Bio-lógica

(porque nossa lógica
precisa ser a da vida):
preocupações, competências
e meios voltados
para o humano
e para a natureza

Lembranças

Aumentativo e diminutivo nem sempre quer dizer aumento e diminuição de tamanho. Quando alguém escreve usando diminutivos, põe a linguagem afetiva em primeiro plano; não está comunicando conclusões, nem reflexões, nem elucubrações: está exprimindo de modo espontâneo e impulsivo o que sente, comove, impressiona. Usar diminutivo é recurso de estilo para sair fora do tom sério e formal e tornar a linguagem mais flexível e amável (e também mais vaga). Quanto aos aumentativos, a maioria deles dão ideia de desproporção e têm um valor um tantinho depreciativo. Na linguagem do dia a dia, aquela que a gente usa sem pensar muito desde que aprende a falar, alguns diminutivos até ganham valor superlativo: cedinho é o mais cedo possível; baixinho é quase inaudível; devagarinho é quase parando; uma estradinha, no baú das lembranças, um caminho que nunca vai ter fim...

*Ah, que saudades!
Dos tempos de criança,
Com meus irmãos nos pequenos riachos de chuva
Nos campos verdejantes a brincar,
Correr, saltar, viver, fraternizar.*

*Papai com seu chapéu de palha
Botas pretas, tecendo seus afazeres
Cuidando do campo
Com a foice roçando,
Árvores deitando, lenha tirando.*

*Mamãe com seu amor materno,
Em seu vestido comprido, bonito
O fogão a lenha acendia,
Entre nossas travessuras, simplicidade
Ela, saboroso café e
Bolinho de chuva fazia.*

*Ah, que saudades!
Dos porquinhos no chiqueiro,
Os amarelinhos piando,
O maestro galo para suas amadas cantando.*

*Saudades!
Do pomar na primavera,
Carregado de flores e frutos
Das grandes palmeiras
Enfeitando o jardim
Perfume igual não há.*

*Saudades!
Dos pássaros ao nascer do sol
Fazendo acrobacias
Na invernada, o gado pastando
O capim no orvalho molhado.*

*Saudades!
Da simples estradinha de terra
Da escolinha no cantinho da serra,
Pronta pra nos ensinar
A professora aflita à espera
Lembranças,*

Vamos cuidar da vida!

**A vida é um pouco de tudo
e resto de nada.**

Mariele Oliveira Paula
Indaiatuba, SP

**Vida nasce, cresce e morre;
é a lei da natureza, a natureza é
perfeita e nada fica sem resposta.**

Lincoln Barroso
Guarulhos, SP

**A vida é curta e, até que provem
cientificamente o contrário,
é também única.**

Arielly Karoline Menezes Fernandes
Paraopeba, MG

**A minha Vida é bem teimosa,
é uma criança muito levada,
não me dá tempo pra nada!
Às vezes me dá uma dor de
cabeça... Mas já estou acostumada.**

Sulamita de Oliveira Michenim
Botucatu, SP

*Que hoje me fazem viver
Pra sempre recordar!*

*Ah, que saudades!
Dos tempos de criança, em que
Fazendo lambança eu era feliz
De tudo o que eu era bem mais
Do que eu fiz
Saudades da infância,
Saudades da vida, saudades de mim
Lembranças,
Marcas da alma e que não têm fim.*

APARECIDO Barbosa

Serra Azul, SP

47 anos

Em vez de dizer “com todos os detalhes, sem omitir nada”, dá para dizer tim-tim por tim-tim — uma combinação de três palavras que nasceu do barulhinho feito pelas moedas, no tempo em que tudo se pagava com elas (menos a felicidade e outras preciosidades não tangíveis, que isso não muda, não). Moeda faz barulho, é dinheiro sonante (que produz som). Essa magia de transformação de barulhinhos em palavras chama-se **onomatopeia**, e faz a língua cantar em tiquetaques, pipilos, cacarejos, ribombos, craques, cliques, zunidos, tilintidos, nhacs, buás, brrrrs, atchins, ais, uis... Na falta de palavras, uma onomatopeia serve de ferramenta de cuidado na comunicação.

Tudo o que vibra, e existe, e pulsa,
ama a luz. Não apenas porque a luz
atrai, orienta ou permite o passo,
mas porque a luz reveste a alma
de todos os seres animados,
carentes do calor da vida.
E viver é manter a luz acesa.

Pedro Oliveira Dutra Neto
São Luís, MA

Vamos cuidar da vida!

Vi Davida

*Cuidar da vida
É uma alegria pra mim
Trabalhando e lutando
Numa correria sem fim.*

*Minha vida é cansada
Filho de mãe separada
E por causa da distância
Sofre por mim.*

*Ah! Como eu queria!
Viver em harmonia
Esquecer desse dia
Que sofri tanto assim.*

*Ah! Se Deus me falasse
E um dia eu mudasse
E se entender eu pudesse
Tim-tim por tim-tim.*

*Levo minha vida
No momento, trancado
Sofrendo, calado
Orando, enfim.*

*Quero ter uma vida
Regada
Como árvore, plantada
No grande jardim.*

*Vida bem tratada
Sempre valorizada,
Protegida
Por anjo Serafim.*

Vamos cuidar da vida.

DAVI Souza Araújo
36 anos
Serra Azul, SP

O cuidador de vidas

Certo dia, passando pela calçada, avistei, na vitrine de uma loja, uma vida. Ela estava suja, machucada, coitada, dava pena de ver. Fiquei comovido, e decidi comprá-la, levar para casa e cuidar dela com muito carinho e amor. Então entrei na loja com vergonha de perguntar o preço, não imaginava o preço de uma vida, devia ser muito caro, eu, um homem humilde, não deveria ter condições de comprar uma vida, mas como aquela estava feia e ferida, imaginei que não seria muito cara, então perguntei a um senhor fumante e tatuado, que se debruçava no balcão com aspecto de cansado:

— Senhor, quanto custa aquela vida que está exposta na vitrine?

E ele, quase sem forças, respondeu-me:

— Dez centavos, mas para você faço por cinco, é a última do estoque.

Eu me assustei:

— Como uma vida pode ser tão barata?!

— Ah, filho, hoje em dia a concorrência está disputada. Foi-se a época em que a vida era valorizada. As pessoas tinham orgulho de ter uma vida em casa! Agora são tantas pessoas vendendo vidas que nem se lucra mais com isso!

Fiquei perplexo com a resposta daquele senhor, mas mesmo assim eu queria muito cuidar daquela pobre vida, então comprei-a.

No caminho para casa, soltei a vida no chão e ela, sem equilíbrio, não conseguia seguir os próprios rumos, levantava-se e caía.

Ela gemia de fome e de frio. Então, chegando em casa, dei-lhe um belo banho e agasalhei-a, e ela ficou feliz. Só que existia um pequeno problema: como cuidar de uma vida? Não fazia a mínima ideia. Afinal, nunca tive uma antes. Talvez eu perguntasse a ela, só que ela era de poucas palavras. Então me lembrei do velho senhor da loja, ele vendeu vidas por tanto tempo, talvez me ensinasse a cuidar de uma vida.

Voltei correndo para a loja, que ficava a alguns quarteirões da minha casa. Encontrando o velho, pedi:

— Meu senhor, ajude-me a cuidar da vida que comprei esta tarde, pois sou iniciante!

No mesmo momento, ele me entregou um pequeno livro e disse:

— Eis aqui o manual de instruções, leia com bastante atenção e lembre-se, não se apegue muito a essa vida, ela não tem vida longa e pode decepcioná-lo.

Os montes respondem com piedade (Camões), margaridas estremecem sobressaltadas (Cecília Meireles), vagalumes gemem inquietos (Machado de Assis), a verdade grita, as casas espiam os homens (Carlos Drummond de Andrade), a solidão tortura, o tempo sorri, os prédios se espreitam (Rubem Braga), a cidade dorme, prosopopeias povoam a língua. Tudo isso é **Prosopopeia**, um recurso de estilo que toca as coisas inanimadas com uma varinha mágica que dá a elas vida, características e ações humanas.

**Mais do que cuidar da vida,
é preciso insistir em atender
aos desejos dela.**

Giovanna Lucirio Brunasso
Rio Claro, SP

**A vida é um mistério magnífico
cuja essência não está na busca
de sua solução.**

José Ronaldo Alves de Oliveira
Juazeiro do Norte, CE

**O regente mor baixou a “batuta”
do tempo, que não para,
não retrocede, não adianta,
segue sempre o ritmo compassado
e incessante.**

Edson Pereira de Matos
Pacaembu, SP

Vamos cuidar da vida!

Eu agradei e saí correndo. Estava certo de que transformaria a pobre vida em uma grande amiga.

No caminho, comecei a ler o manual, e sua capa logo dizia: Manual de Instruções: Como Cuidar de Uma Vida! E no rodapé, em letras miúdas, constava: “se você não for uma pessoa esforçada, não perca seu tempo com este manual”.

Eu era esforçado, então continuei a ler. Quando abri o pequeno livro me assustei, pois havia apenas uma frase escrita, e todas as demais folhas em branco. A frase dizia: “crie suas próprias metas, crie suas próprias regras, crie suas próprias vidas, não existe instrução, a vida nasce, cresce e morre por si só, mas é preciso colaboração”.

Não entendi nada. “E agora, o que fazer?”, perguntei-me em pensamento.

Por mais que fosse improvável e impossível, fui tentar falar com a vida. Voltei correndo para casa, e deparei-me com a vida quase morrendo, ela estava muito ferida. Desesperado, implorei:

— Vida! Por favor, diga-me, como posso te salvar?

A vida, sem forças, com a voz bem fraca, disse:

— Cuide da vida dos animais, eles embelezam nossas matas e equilibram o ecossistema. Cuide da vida das plantas, elas dão o ar puro necessário para nossa sobrevivência. Cuide da vida dos miseráveis e dos pobres, eles são as esperanças para cuidar de novas vidas. Cuide da vida das crianças, elas são o futuro! Cuide da vida da nação, ela faz o futuro! Cuide da sua própria vida — se você não mudar, ninguém muda. Você quer me ajudar? Ajude a si mesmo e aos outros. Essas são as instruções.

Levemente, a minha querida vida foi fechando os olhos, e lágrimas escorriam sobre minha face. Prometi a mim mesmo que nunca mais iria ver uma vida morrer, não sem poder fazer nada. Então comprei várias vidas para cuidar, e fui cuidando das vidas alheias. Hoje várias pessoas me ajudam nesse belo trabalho. E é assim que o mundo muda para melhor. O ideal seria que todos fossem cuidadores de vidas!

ANTHONY Vieira Pirola

16 anos

Jaguarié, ES

Carta a uma amiga

Correspondência é palavra de vaivém, duas vias, resposta compartilhada. Carta é objeto concreto, palpável, de correspondência: folhas de papel com mensagens escritas, fechadas em um envelope que é selado e enviado a um destinatário através do serviço dos Correios ou das mãos de alguém (caso em que o selo é dispensável). Tudo começou nos tempos do Era uma vez, com emissários reais e pombos-correios que, com o passar do tempo, transformaram-se em carteiros e malotes. Hoje a carta cede lugar ao e-mail, que é a forma de correio eletrônico mais difundida no mundo, mas ainda conserva um poder quase mágico, graças à troca física de correspondência e ao cuidado que se põe no escrever.

“Olá,

Não sei direito como começar, você sabe que é difícil controlar minha mania de querer deixar as coisas apenas subentendidas. É difícil falar senão por meio de metáforas, mensagens escondidas, o que está embaixo do tapete, nos menores detalhes, de propósito mesmo, só pra depois ficar observando se você consegue decifrá-las. Não sei ser totalmente direta, sempre preferi deixar reticências, uma vírgula, interrogações ao invés do ponto final. E é esse meu mistério todo que costumava te atrair, fascinado, como uma criança no primeiro capítulo de um livro que promete muitas aventuras imaginárias, ansiosa pra devorar todas as páginas e entrar nesse mundo de descobertas fantásticas. Aí você leu uns três capítulos e descobriu que ele era grande e complicado demais. No início, era divertido o desenrolar da história, mas foi ficando cansativo, surgiram outras coisas para fazer e, com o tempo, inevitavelmente você ficava de mau humor e arranjava uma desculpa para não ler. E é assim que vejo você me deixando agora, como um livro velho e desinteressante atirado às traças num canto qualquer. Você sempre quis constância, parar a ampulheta do tempo, nenhum grão escorrendo pelos dedos. Não sabia que abraços lançados também geram despedidas.

Engraçado eu cobrando coisas depois de ter feito tantos jogos com você, depois de tê-lo deixado confuso e sem saída algumas vezes, obrigando-o a encarar situações indesejáveis e decisões difíceis. Mas eu sou assim, sabe, sou difícil de entender. Contraditória, paradoxal, ininteligível, às vezes. Cada verdade sempre se pondo, indo além. Talvez você não soubesse disso no início, mas eu nunca escondi a realidade de você. O problema é que fica difícil abrir os olhos pra isso quando se é ensinado a preocupar-se mais com o mau humor do chefe do que com o pedido de atenção do seu filho. Você reclama que eu mudei, diz que só te trago azar e, agora, deseja que eu desapareça, ou me torne o que nunca fui. Não percebeu que eu mesma sempre fui uma extensão de você, nossas mãos dadas com o mundo.

A vida é como um tipo de papel com muitas utilidades, igualmente fazer um chapéu ou fazer um barquinho de papel.

João Henrique dos Santos
Palotina, PR

Devemos nos preocupar com a nossa vida porque só temos uma e, se perdermos, não temos como conseguir outra.

Sebastião Rodrigo Monteiro da Silva
Jequiá da Praia, AL

Temos que ser mais do que seres-humanos, temos que ser seres-pensantes.

Beatriz Fialho Senosien
São Paulo, SP

Quanto da vida eu alcanço?

Bárbara Soares Pereira
Ponte Nova, MG

Como dizia aquela canção — não me tome por anacrônica — antiga: “você pode até dizer que eu estou por fora, que eu estou inventando, mas é você que ama o passado e que não vê...”. O brinquito da criança ao lado é sempre mais divertido.

Uma vez ouvi falar que quem ama cuida — é, ainda me lembro dos seus ápices de alegria, quando você exclamou me amar imensamente. E também ouvi que, às vezes, só se dá valor quando se perde. Mas a felicidade caminha de braços dados com a infelicidade. Se tudo fossem flores, não mais as sentiríamos. Então, cuide do que ama. Aproveite o que lhe é proporcionado e tome cuidado para não perder cedo demais.

E saiba que em cada dor há uma partida, mas em cada cor um recomeço. Espero que você reconheça a eterna mudança...

Com carinho,
Vida”

VICTÓRIA Demichei
16 anos
Porto Alegre, RS
2º lugar
CATEGORIA 3

modo feminino do cuidado

(porque precisamos
proteger em vez
de destruir)

Em busca dos gestos poéticos

*“Ah, quanta coisa deliciosamente cotidiana, quanto efêmero
instante, eu não gravaria para sempre na memória dos homens, se...”*

Mário Quintana

Sigo em busca dos gestos poéticos. O motivo é simples. Comungo com a epígrafe acima, que tem como pretensão eternizar as diversas coisas que o cotidiano tem de delicioso. Uma busca pretensiosa, eu sei, pois se dedica a prestar atenção aos efêmeros instantes, àquilo que, de tão comum, escapa aos olhos apressados.

Pressa, um mal necessário para os dias de hoje, dirão alguns. Discordo. A única necessidade da pressa é a volta da demora sobre as coisas, sobre nós mesmos. Fomos acostumados a rendermos graças aos grandes milagres. As façanhas são a pauta dos editoriais, a tevê não tem tempo para o pequeno. Daí o poeta dizer que, se pudesse, gravaria na memória dos homens as delícias cotidianas. Os efêmeros instantes não são acompanhados por conta da sua natureza escorregadia, pelo contrário, nossa memória tornou-se efêmera. Até parece que a formatamos a cada novidade surgida. Assim fica impossível cuidar.

O cotidiano reclama a memória, mas, nessa liquidez em que vivemos, esse trabalho se torna mais difícil.

Quando pequeno, lembro-me de que, em certa ocasião, no quintal da casa da vovó, ao machucar meu pé numa lata enferrujada, corri até a cozinha, com o chinelo todo ensanguentado e em prantos. Ela, vindo ao meu encontro, me pôs no colo e olhou o corte. Levou-me até uma torneira perto da porta da cozinha, lavou o ferimento, que, hoje sei, levaria alguns pontos, aliás, naquele dia já sabia, motivo pelo qual chorei tanto com medo dos tais pontos. Àquela altura eu já havia parado de chorar. Após passar o remédio, a única prescrição que ela me deu foi que eu tivesse cuidado ao pisar no chão.

Pronto! Meu desespero tinha ido embora com a chegada do sereno cuidado da vovó. Dela não ouvi nenhuma reclamação, pois sabia que poderia agravar meu medo, apenas prescreveu o mesmo remédio que havia usado em mim: o cuidado.

Dessa pequena lembrança retiro a força do gesto. Minha infância foi assim, cheia de cortes da minha curiosidade e dos remendos dos cuidados da vovó. E o que há de tão importante nisso tudo, e o que há de poético nesse fato tão pequeno? Justamente sua pequenez, seus detalhes. A poesia nasce do detalhe. O gesto, quando

Antes de inventar a escrita o homem já fazia poesia, porque **a forma poética** ajudava a memorizar e transmitir oralmente tudo o que as pessoas queriam contar e conservar de sua história e de sua cultura, nas primeiras comunidades humanas.

Vamos cuidar da vida!

envolto em cuidado, transforma-se em gesto poético. Fica inscrito na memória, como um poema do Mário Quintana, que vez ou outra me ponho a ler.

Sem a pressa que o nosso tempo nos impõe, é possível ver mãos que curam; trabalhos que edificam; palavras que confortam e fazem o outro confortar também.

Diante de um mundo em que as latas enferrujadas ainda provocam cortes, apenas o cuidado daqueles que têm a coragem da demora nos detalhes é o remédio. A preocupação do poeta com as coisas deliciosamente cotidianas põe em seu coração o desejo de gravar essas coisas para sempre na memória dos homens. Como disse anteriormente, desejo pretensioso, mas sincero.

Aquele cuidado de vó escreveu em mim uma poesia que até hoje me ponho a recitar. De lá pra cá, sigo em busca dos gestos poéticos. Dos gestos que gestam a vida, que cuidam da vida. E, posso confessar, o mundo está cheio deles. Cabe a nós prestar atenção aos detalhes. Sigo em busca dos gestos poéticos, pois quem sabe um dia os meus gestos, cuidando da vida, fiquem poéticos também.

JOÃO Mendes Possiano

31 anos

Juazeiro do Norte, CE

cuidados do poeta com a rosa em botão

(que senão não há sertão):

seja amável com o anseio

sutil com a ingenuidade

delicado com a ousadia

respeitoso no desinteresse

construído na decomposição

e tranquilo na própria maestria

Renata de Andrade

‘Uma vida a serviço do amor – nas ondas da gratidão

Seu nome é Joaquina Lopes de Souza, 79 anos, dos quais 41 morando conosco. O Lopes do seu sobrenome é apenas mera coincidência com o nome da nossa família. Mas foi pelos laços do coração que ela se incorporou à nossa casa. É desse coração que desejo falar, é esse coração que quero homenagear. Coração que, na vida, só soube amar, só fez cuidar. Sua primeira “cria” foi um garoto birrento, magrelo, pelo qual ela caiu de amores, o Marcílio. Sua função na casa não era ser babá, mas isso não foi empecilho para que ela o cercasse de cuidados, de mimos, de adultos. Eram para ele o melhor pedaço de bolo e de galinha e o melhor bife. Nas constantes viagens da mãe, por força do cargo de inspetora escolar, ela velava seu sono, satisfazia seus caprichos e se esmerava nos cuidados. Falando assim, pode até parecer que ela cuidava só do Marcílio; não. Claro que era o seu preferido, o escolhido, mas a todos ela agradava e com todos se preocupava. É claro que, às vezes, ela era também arrebatada, implicante... Coisas da vida! Esse seu temperamento, entretanto, nunca ofuscou o tamanho de sua generosidade. Sua capacidade de amar e aconchegar não tem medida. O menino cresceu, mas para ela continuou o mesmo caçulinha, objeto de atenções e cuidados; cuidados que viraram preocupações por causa das saídas noturnas, das namoradas e do perigo das motos. Esse perigo um dia virou pesadelo, pois um acidente trágico roubou-lhe o seu menino, bem no dia em que ela fazia aniversário. Depois disso, nunca mais quis lembrar a data. Outros meninos vieram: Diogo, Tales... Ah! Por este ela, de novo, perdeu-se de amores, revivendo e reacendendo todo o amor de “mãe do coração”. Mais uma vez o tempo passou e seus meninos cresceram. E vieram a Flora e o Dioguinho, filhos do Diogo, aos quais ela se afeiçoou de um jeito diferente. Atualmente, anda perdidamente apaixonada pelo Dioguinho, e, como sempre fez, cerca-o de cuidados e mimos. Tudo isso aconteceu e acontece nesse intervalo de tempo: 41 anos. Sua história entrelaçou-se com a nossa quando ela tinha 38 anos de idade e dura até hoje. Já há alguns anos, sua saúde anda debilitada, mas ela, heroicamente, resiste em parar de trabalhar, em acomodar-se, apesar da aposentadoria. Sua lida começa às seis horas da manhã e só termina depois da última novela da Globo. A artrite e o diabetes castigam-na bastante, comprometendo sua saúde. Apesar disso, manquitolando, cuida das plantas, vai à feira, cozinha, faz quitanda e toma conta do Dioguinho, o que faz com mais prazer. Não teve

Tecer palavras

“Quem parte leva saudade, quem fica saudade tem.”
E a saudade, onde é que ela mora, então? Ah, essas teias misteriosas que vão se tecendo entre os humanos, fios mágicos capazes de costurar um mundo a outro sem ruptura, uma geração a outra sem fratura, uma vida a outra sem amargura, uma gente a outra gente sem frescura. Diante dos tecelões dessas delicadas rendas de cuidados, justo e belo é tecer loas, que é expressar e tecer com palavras a admiração e o reconhecimento que se tem por alguém.

Vamos cuidar da vida!

filhos, mas criou muitos. São filhos do coração, como se costuma dizer. Ela sempre dividiu com a família, hoje crescida e multiplicada, as alegrias dos nascimentos, casamentos, Natais e as tristezas das mortes... Na morte do Maurílio, dor ainda recente, ela tem sido uma presença carinhosa e confortante para todos nós. Foram tantos problemas, juntamente, superados! Cumplicidade pura, amizade gratuita, generosamente agradecida. Neste relato — à guisa de homenagem —, uma coisa me chama a atenção. Em meio a tantos que receberam a dedicação da Joaquina, um se sobrepõe aos outros pelo senso de gratidão. Falo do Jairo, médico, bênção divina, que a cobre de cuidados, curando-lhe as feridas provocadas pelas quedas, as dores reumáticas, a falta de ar insuportável nas constantes crises. Até as pessoas menos sensíveis percebem esse cuidado e se emocionam com a gentileza e a paciência ao vê-lo trazer, quinzenalmente, os remédios, que não são poucos, separados de forma a facilitar-lhe o entendimento no uso diário. Como o nosso coração se rejubila ao vê-lo retribuir os favores e atenções que todos recebemos da Joaquina, carinhosamente chamada por nós de “Budu”. Agradecer não é simplesmente dizer obrigado. Agradecer é viver de tal forma que esse obrigado transforme-se em gestos e atitudes que concretizem nossa gratidão; é cercar de cuidado, é pagar com a mesma moeda todo bem que alguém nos fez, um dia. Registrando esta história de amor, grito para o mundo: “A Joaquina é uma árvore que produziu e produz muitas flores (as orquídeas são as suas preferidas), muitos frutos e muita sombra”. Até quando? Só Deus sabe. Certo, apenas, é que ela, em toda a sua vida, só faz AMAR E CUIDAR.

MARIA Neick da Piedade Lopes
67 anos
Turmalina, MG

Era uma vez a sensibilidade de pétalas regadas com gotas de orvalho sobreviventes à escuridão.

Joice Rodrigues de Paula Lemes
Goiânia, GO

**Cuidar da vida é o que respiramos
Senão o que pensamos**

Laís Helena Neri Chamon
Buritiz, MG

**O vento ainda suspira
a nosso favor.**

Teilor Matos da Silva
Videira, SC

[...] alguém vira para mim e diz que Deus não está em todos os lugares. Então eu penso: é por isso que ele inventou as mães.

Márcia Aparecida de Andrade
Ponte Nova, MG

Cuido da minha vida como se ela fosse uma criança que emociona, e que às vezes com um simples gesto nos encanta.

Júlia Helena da Silva
São Miguel dos Campos, AL

E aquele tempo gostoso para um bate-papo com os amigos, face a face, olhos nos olhos, que é para poder entender as mensagens que não verbalizamos.

Cláudia Campos Corrêa Martins
Paragominas, PA

Conjugar é prender-se ao mesmo jugo*, o que quer dizer **reunir combinando**, amarrando direitinho, e não de qualquer jeito. Por isso é que se espera que pessoas que viram cônjuges sejam bem felizes juntas. Na gramática da língua portuguesa, conjugar é falar ou escrever do jeito correto os verbos, combinando direitinho com as pessoas (que somos eu, tu, ela, ele, nós, vós, elas, eles, você, vocês), os modos (que são nossas certezas, dúvidas, desejos...) e os tempos em que as coisas estão, são ou acontecem (passado, presente, futuro, quem sabe um dia, sabe-se lá quando...).

*Jugo é canga, e serve também para qualquer coisa usada para manter coisas juntas.

A história de Lisa

Era apenas um pontinho verde em um grande espaço marrom.

A menina diariamente jogava água e conversava com sua mais nova amiguinha, dando-lhe o nome de Lisa.

O tempo foi passando e aquele pontinho verde se transformou em uma linda árvore, que, quando dava frutos, ficava cheia de bolinhas vermelhas.

Ela era feliz, pois suas folhas eram verdes e viçosas. Passava verão, outono, inverno e a primavera, e a árvore ali estava. Crianças brincavam ao seu redor, liam e descansavam no seu abrigo. Eram sorrisos e mais sorrisos. A bela árvore, que era cuidada com muito carinho, compartilhava desses momentos e dividia seus frutos.

O progresso então chegou, e o verde que a rodeava foi se transformando em concreto. A alegria das crianças não era mais sentida como antes.

Começou, então, a ficar visivelmente sufocada e triste. A poluição tomou conta do ar, e o verde de suas folhas virou cinza.

Certo dia, resolveram abrir uma avenida naquele lugar. E o que fazer com Lisa?

Decidiram transportá-la para um outro local. Lisa desmaiou e, quando acordou, estava em um lugar lindo, com muito verde. Ao seu lado, alguém dizia:

— Ei, você está bem? Meu nome é Bela. E o seu?

— Lisa, muito prazer.

— Puxa, achei que você não fosse resistir. Quando chegou, estava tão fraquinha. Todos aqui cuidaram muito bem de você, principalmente a bióloga.

**A vida é o vai e vem
entrelaçando o que tem.**

Igor Feijão Cardoso
Porto Trombetas, PA

**Quando uma pessoa não cresce de
bem com o mundo ela é capaz
de fazer tudo errado.**

Sabrina Martins Camargo Pinto
Tremembé, SP

Vamos cuidar da vida!

Os dias foram passando e Lisa foi se recuperando. Logo estava linda e formosa como Bela.

Com os frutos, vivia repleta de pássaros e, rapidamente, naquele campo verde, várias outras mudinhas surgiram.

A alegria era enorme e Bela não aguentava mais ouvir Lisa falar sobre os horrores da cidade grande, de como as árvores não são mais respeitadas, não são cuidadas e logo são substituídas por avenidas, prédios, pontes... esquecendo as pessoas de sua importância para o meio ambiente.

A menina que lhe deu o nome, hoje adulta e bióloga, foi ver como Lisa estava e ficou admirada com sua beleza. Chorou, vendo que tinha conseguido realmente salvá-la.

Assim, decidiu contar a história de Lisa e sua alegria pessoal, para que outras pessoas não desanimassem e fizessem o mesmo: que salvassem as árvores, plantassem outras, que se esforçassem para não deixar a cidade cinza, poluída, sem cor, sem pássaros, sem perfume, sem alegria, sem vida.

E, ao final, pediu para todos conjugarem o verbo cuidar no presente, em todas as pessoas, não só para as árvores, mas para o meio ambiente como um todo, reciclando, não sujando as ruas, não poluindo, cuidando da natureza em geral, sempre com muito amor, para a saúde e felicidade dos seres vivos.

A mensagem deixada é para que todos cuidem da natureza, tornando, assim, nossa vida mais agradável, saudável e feliz, e deixando um mundo melhor para nossas gerações.

GIOVANNA Mantovani Salim
10 anos
São Paulo, SP

Tico e eu

Oi, primo Christian! Como vai você?

Vou te contar uma história que aconteceu comigo há alguns anos.

Era sábado de manhã e eu tinha dormido na casa da minha avó Tatá. Minhas primas também. Éramos sete meninas, e eu era a mais nova, tinha quatro anos.

Minha avó vivia com dois hamsters, o Tico e o Teco. O Tico era o mais calmo, e o Teco, o mais agitado.

Os dois eram bem velozes, corriam muito. Nós adorávamos brincar com eles, pois tinham um rabo fino, comprido, e um pelo cinza bem macio.

Nesse mesmo dia, Tico estava mais rápido do que nunca. Fechamos a porta do quarto da televisão e ele ficou correndo e nós (minhas primas e eu) brincando de esconde-esconde com ele. Ele se escondia em baixo dos móveis e nós tínhamos que pegá-lo. Eu estava do lado do sofá e ele saiu debaixo do mesmo, correndo em direção à poltrona e passou pela minha frente. Eu o peguei pelo rabo e de repente...

— Pou! Pou! Pou!

Ele caiu no chão e ficou na minha mão, o rabo dele. Mesmo assim ele continuou correndo como se nada tivesse acontecido. Minhas primas Rachel, Rebeca e Bia começaram a brigar comigo. Carol, dinda Dane, Laura e Tatá me defenderam. Fiquei muito assustada naquela hora! Ah, esqueci de te dizer que, naquele dia, era aniversário do meu tio Valzinho. Nós almoçamos com ele na casa da Tatá e à noite fomos ao Clube Piraquê comemorar o aniversário com a família inteira. Encontrei meus pais lá e comecei a chorar no colo de minha mãe.

Cuidado com as palavras:

têm poder absoluto
criam tudo, dão sentido
são o sal, a agonia
e a alquimia que cometem
que minha vida evidencia
faz a pena — o castigo
que eu mesma executo

simplicidade complexa:
nunca subestime o poder
dos antônimos

Renata de Andrade

Adotar uma fala tranquila e harmoniosa é uma maneira de não transmitir uma emoção em uma hora inoportuna; falar delicadamente induz um estado de espírito mais tranquilo.

Jonathan Aguiar Figueiredo
Rio de Janeiro, RJ

Ser leve na hora de tudo.

Bruna Carolina Gomes
João Pinheiro, MG

... é que nem um barquinho de papel
que você navega na aba do seu chapéu...

Marco Antônio Almeron Bueno
Palotina, PR

Vamos cuidar da vida!

Tatá contou para minha mãe tudo o que tinha acontecido e ela ficou muito brava com Rachel, Rebeca e Bia, e quase brigou com elas no meio do restaurante. Eu nunca mais me esquecerei disso, nunca mais!

Acho que com essa história todo mundo aprendeu alguma coisa. Rachel, Rebeca e Bia perceberam que quando se trata de uma criança pequena, devemos ter paciência! Carol, dinda e Laura aprenderam a sempre defender os mais novos e a importância de ser tolerante. Mamãe analisou o fato de que algumas tristezas na minha vida ela não vai poder evitar, só vai poder me consolar, e eu, por fim, deverei ser mais delicada com um ser vivo.

E o Tico?

Ah! Ele aprendeu que quem tem rabo grande não sai de baixo do sofá!

Vou finalizando por aqui, pois já é tarde e estou com sono! Escreva-me quando puder.

Um beijo,
Prima Júlia!

JÚLIA Alfano Keller Ventura Neves da Costa
10 anos
Rio de Janeiro, RJ
3^o lugar

Algum conto

Ela vivia a mesma rotina há tempos: suas aspirações intelectuais findaram assim que concluiu, honrosamente, o ginásial. Claro que não era de toda má — casara-se com um bom homem e tivera lindas crianças. Ocupava-se do ofício de dona de casa com zelo, não deixava nada empoeirar. Às vezes, compenetrada, espanava até os filhos. O marido, as crianças, a casa, a novela lhe levavam toda a atenção.

Um dia, andando à toa, foi parar, quem diria, num sebo, aquele lá na esquina da rua do açougue. Passou na frente, olhou, consultou o relógio, não tinha ninguém em casa e a novela ainda demoraria a começar. Entrou. Os olhos deslizaram pelas prateleiras sem muito afã, olhou, olhou e se aproximou de um livro fino e simples de capa amarela. Ocultando algumas letras do nome do autor, uma marca arroxeadada dava um caráter misterioso ao volume simplório, talvez o manuseio de uma jovem descuidada, uns anos esquecido dentro de um baú, ou mesmo algo nem tão interessante ou poético, mas que de fato lhe dera uma faceta um tanto quanto envolvente. Chegou pertinho e sentiu algo, quase um comichão na alma, largou a sacola de fígado delicadamente, e, com as mãos livres, retirou devagarzinho o moço do meio dos outros. Passando a mão para tirar o pó, abriu-o de supetão e percorreu com os olhos lentamente.

Foram-se minutos, talvez uma hora, até que, de vista cansada, fechou o livro, foi ao balcão e pagou os míseros R\$ 5,00 que a separavam daquele mundo. Indo pra casa, segurava-o bem firme — queria garantir a segurança daquele livreto indefeso que passara sabe-se lá quanto tempo esquecido em uma estante.

Assim que em casa se deitou, com a certeza de estar só, desfrutou cada linha, ponto e vírgula. Sentia na ponta dos dedos a energia daquele mundinho tão pequeno e tão vasto.

Dessa forma, passaram-se dias, ela já não era mais a mesma. Quando se via obrigada a separar-se um segundinho só, ia e voltava o mais rápido que podia ao encontro das páginas de si mesma. O marido e os filhos no começo enciumaram-se, quem era aquele livro para roubar-lhes a esposa e mãe? Depois se comoveram ao ver o constante estado de graça em que ela passara a viver, e, pensando bem, até que o tempero andava melhor, consolavam-se.

Semanas e meses se foram, e o amor dela pelo livro só aumentava, tornara-se amiga do tal, lia, relia, até conversava com o pequeno, levava-o pra todo lugar, pra cozinha, pra sala, na cabeceira da cama então nem se fala, era lá que ele dormia todas as noites, aconchegado pelo olhar zeloso de mãe.

Poesia e poeta

poeta:

deputado dos vários

significados

sargento dos verbetes

cadetes

pedreiro construindo

palavras

multiverso nesse universo

nosso

tudo na poeira:

cheirar poesia deixa a gente

tossindo palavras

Renata de Andrade

Às vezes, um choro é melhor do que um sorriso. Faz bem para a alma, como nossas avós costumavam dizer.

Tainá de Macedo Brito
Jacareí, SP

É maravilhoso ver a vida de diversas maneiras, como uma flor que se abre, no sorriso de quem amamos, no gesto de caridade, ou na chuva caindo sobre os orvalhos, principalmente no nascimento de uma criança que é uma vida surgindo, nascendo para um mundo incerto, mas que Deus fez e que ele está dando a chance de sermos felizes e fazermos os outros felizes.

Francisca Larissa Teixeira Oliveira
Itapipoca, CE

Não adianta nada tentar alcançar o ápice na carreira se o corpo está em estado deplorável e a vida pessoal calamitosa.

Josielly Santana da Silva
Bom Jardim, PE

O tempo que gastava vendo suas preciosas novelas logo deixou de existir, e à noitinha a mulher saía de tênis e rabo-de-cavalo e andava pelo bairro disposta a cuidar também do físico. Não tardou para que aparecesse de visual repaginado, os cabelos agora curtos emolduravam uns olhos brilhantes e uma pele luminosa.

Ninguém sabe ao certo quando começou, só se sabe que o pivô foi o livrinho já desgastado de tanto manuseio, talvez tenha sido naquele sábado, naquela manhã de segunda, ou talvez tenha mesmo sido no feriado de Natal, o fato é que a mulher começou com muito ânimo. Primeiro contou ao marido, depois aos filhos, depois veio a vez da comadre e do compadre, depois a vizinha, a manicure, o padeiro, todo mundo em quem ela confiava ficou sabendo, e, por mais que não entendessem tamanha empolgação, davam o maior apoio.

E assim, com a bênção de todos, começou sua missão. Comprou um caderninho de molas quase infantil e pegou uma caneta vermelha da mochila do filho. O objetivo era passar para o papel as veneradas receitas culinárias da família, chegou até a escrever a do bolo de tapioca, mas, em um fim de tarde, não resistiu, e, entre 3/4 de xícara de farinha de trigo e uma colher de sopa de essência de baunilha, nasceu seu primeiro personagem.

Nas primeiras horas, não conseguia ir além de umas frases, desprovidas de sentido e graça, mas aos poucos, aos pouquinhos, a coisa foi tomando forma e engatou de vez. Uma frase se amarrava na outra, que se juntava com outras. Foi aí que ela se encontrou.

Descobriu que nenhuma tarefa lhe apetecia mais que aquela. Escrevia, apagava, escrevia de novo, gostava, desgostava, sorria e chorava conforme nasciam aqueles pequenos seres, tão profundos, tão seus, mas tão vivos que, por vezes, se pegava pensando neles nos dias de chuva, no friozinho que eles talvez estivessem sentindo.

Por fim, num ensolarado domingo, com o filho mais novo no colo, pingou o ponto final. Custou a acreditar, mas ali estava o seu, o seu livro, e dentro dele couberam todos, de sua família à quitandeira do bairro vizinho; só pra ter certeza de que o mundo inteiro faria parte da sua história, manteve um pedaço da última folha em branco, para deixar bem claro que seu ideal era mesmo que cada leitor pudesse completá-lo com algo de si, com pelo menos um pouquinho de si mesmo.

EMILY Monteiro Costa

19 anos

Boa Vista, RR

Agroecologia

(porque precisamos
de um jeito cuidadoso
de produzir e regenerar
o que mantém a vida)

À terra voltarás um dia

Foram necessários muitos anos para que eu entendesse a atitude dele diante de cada árvore. Ajoelhava-se segurando um cordão pendurado ao pescoço, talvez fosse de prata, mas o suor e a poeira impediam de saber que metal era. Fazia o sinal da cruz e chamava a árvore pelo nome: ipê, mogno. Com um facão, retirava a casca como um médico manuseando um bisturi. Chamava o “Jorge preto”, amigo e colega de trabalho, e o serrote cortava o silêncio da mata. Eu retirava os equipamentos do Ford 56: alavancas, cordas, água.

Nasci menina! Era pra ser menino. Mas nada impediu que seguisse o meu destino de fazer aquelas viagens. Era sempre madrugada, o caminhão funcionava e eu escutava até o som desaparecer.

O dia chegou! Era a minha viagem! Não sentia frio, tamanha a excitação. Chegávamos e logo caminhávamos para a escolha da árvore. E acontecia o ritual. Sentia emoção ao vê-lo ali de joelhos. Perguntava ao “Jorge preto” por que ele fazia aquilo. “Um dia você vai entender”, dizia ele. E entendi mesmo. Meu pai era o irmão caçula, e seu irmão mais velho cuidou dele após a morte de meu avô. Eram ainda jovens. E foi seu irmão quem decidiu montar uma serraria. A cidade crescia. Havia construções e móveis para serem transformados em “cruzeiros”. Meu pai vivia em sintonia com a natureza, nadava no rio, andava de barco, só comia frutas colhidas por ele mesmo. Durante a semana, trabalhava na serraria, e, nas madrugadas de sábado, íamos para a mata cortar árvores. Para mim uma alegria, para ele um suplício. Sempre calado, até quando me puxava pelo braço para corrermos da queda da árvore. Descansávamos deitados sob as estrelas e ele me falava das maravilhas dos frutos saborosos, animais, águas límpidas dos riachos, das ervas medicinais, do vento fresco, e sempre concluía: “A natureza vale mais que nós dois juntos!” Aqueles foram os melhores momentos de nossas vidas! O amanhecer despontava, o canto dos pássaros nos despertava. Seu rosto se cobria de dor e silêncio. Mas não havia nada mais lindo do que vê-lo de joelhos diante das árvores tão frondosas, quando os raios do sol passavam pelos galhos das árvores fazendo brilhar seus cabelos. Meu pai era um anjo!

Apesar de meus protestos, minhas viagens chegaram ao fim: completara treze anos e fui obrigada a me tornar uma mocinha. Mamãe me disse que eu precisava aprender a ser mulher. Eu já sabia tudo o que mais queria, fazia todos os tipos de cálculos

Percorremos a estradinha dos cuidados nossos de cada dia. Circulamos. Passamos. Atravessamos. Deslocamo-nos. Perfazemos. Transitamos. Assim é a vida: transitiva. **Transitividade** é o nome da qualidade das coisas que passam, das coisas que se transmitem, das coisas transitórias (e tão poucas não o são!). Transitivos são os verbos que exigem saber qual é o objeto do que fazemos acontecer ou sentimos, sem o que caímos no poço sem fundo da incompreensão e do desentendimento. Assim, um serrote corta tronco, mas também corta silêncio. Quem troca alguma coisa troca essa coisa por outra. Transitividade é um dos segredos do cuidado, que, sem ela, morre na casca, intransitivo e vão.

Vamos cuidar da vida!

matemáticos, dirigia e entendia de motores de caminhão, preparava remédios e refeições sem ir ao supermercado ou farmácia e sabia a importância do respeito pela vida. A vida que começa numa semente, num girino, num ovo de andorinha, numa nascente de água. Quem disse que para ser mulher tinha que trocar minha botina e macacão por saltos e vestidos? Tirar a graxa das unhas, trocar a serragem e folhas secas por laços de fitas nos cabelos? Eliminar meus arranhões de pernas e braços resultantes das corridas pelas matas? Ao mesmo tempo em que minha metamorfose acontecia, meu pai a cada dia parecia mais fechado em si mesmo. Tinha 40 anos, escutava pouco em decorrência dos engenhos, uma farpa de madeira havia machucado seu olho direito, puxava de uma perna pois fora atingido por uma tora que rolara morro abaixo, perdera um pedaço do dedo na serra circular. Pobre homem rico! E foi assim, aos 40 anos, que se despediu de todos. Sim, de todos nós, menos da terra, menos da mata; ali repousa eternamente. Os médicos disseram que foi infarto, mas eu sei que, assim como eu, ele sofreu uma metamorfose, se transformou em mato verde, terra fofa, chuva fininha e outras coisas que tanto amava. Tempos depois, soube que “Jorge preto” estava doente e fui visitá-lo. Ele estava com raiva, sim, havia contraído “raiva canina”. Conversamos sobre aquele tempo, e Jorge contou-me que meu pai se ajoelhava para pedir perdão às árvores por precisar cortá-las, que tinha uma família para sustentar e um irmão para acatar seus pedidos. Mas nada era capaz de diminuir sua tristeza ao ver um ser tão majestoso cair inerte, ao ver ninhos de pássaros destruídos, minhocas descobertas, formigas desesperadas e o silêncio que se fazia na mata após a derrubada da árvore... era o silêncio da morte. Ele só queria cuidar da vida! E foi obrigado a destruir a vida! Jorge preto morreu de “raiva”, acho que meu pai também. E eu? Não fui mulher por muito tempo... Agora corro, cuido e preservo as matas que cuidam do meu pai, que cuidam de mim.

Se alguém puder me explicar a diferença entre meio ambiente e natureza eu ficaria muito feliz e agradecido, para que eu possa compartilhar isso com todo mundo.

João Kenedy Maria Marques
São Borja, RS

É incrível o que o homem é capaz de fazer! Por exemplo, pegar árvores e transformá-las neste papel que estou escrevendo. Legal, não é?

Brenna Maria Menezes da Cruz
Fortaleza, CE

VALÉRIA Aparecida Galdino Magalhães

50 anos

Manhuaçu, MG

1º lugar

CATEGORIA 6

As frutas mágicas

Vontade de ler, vontade de escrever

Pode acontecer a qualquer momento: algo ou alguém serve de intermediário entre uma pessoa e a língua escrita, e pronto: explode a paixão, com a descoberta do prazer de encontrar beleza na escolha das palavras e na combinação das mesmas no caldeirão da paixão para produzir certos efeitos em quem lê. Ler literatura é risco de paixão e invocação de autor que fez a magia, para experimentar fazê-la por si mesmo, aprendiz de feiticeiro. Como nesta invocação de Renata de Andrade, que chama pela ajuda do escritor Julio Cortázar, um dos mais originais do século XX, entendido em frutas e outros seres mágicos:

divino Cortázar:
dê-me a força das palavras
a gana para encontrá-las
e uma entrada pro zoológico
é lógico

Vamos cuidar da vida!

Era uma vez uma cidade que não tinha mais nenhuma árvore. Perto desta cidade tinha uma floresta, e nessa floresta tinha frutas muito boas e elas eram mágicas, quem comesse dessas frutas nunca ia ficar doente. Mas como elas eram mágicas, elas não deixavam ninguém interessado pegá-las, elas mesmas é que escolhiam as pessoas que podiam comê-las.

Um dia, uma menina estava muito doente e os maus daquela cidade adoraram saber disso, eles queriam aproveitar para pegar a fruta. Então eles fingiram que eram bons e falaram para a irmã da menina ir até a floresta pegar uma fruta mágica. E a irmã foi.

Os homens maus foram escondidos seguindo a irmã da menina para pegar as frutas dela.

Quando a irmã da menina chegou perto das árvores, ela viu tanta fruta que ficou confusa sem saber quais eram as frutas certas, mas as frutas mágicas começaram a brilhar e ela pegou uma.

No caminho, quando ela pegou uma florzinha pra enfeitar a sua cestinha, os homens maus trocaram a fruta e colocaram outra no lugar.

Quando a irmã chegou em casa e deu a fruta para a irmãzinha, ela começou a ficar com o corpo cheio de pelos, cada vez mais ela ficava doente.

Então ela começou a chorar e correu para a floresta para pegar mais frutinhas, dessa vez ela pegou duas.

Quando chegou em casa, ela deu um beijo na frutinha e colocou com cuidado na boca da irmãzinha.

A irmãzinha abriu os olhos, sorriu e as duas ficaram felizes. Os pelos foram caindo e a irmãzinha foi ficando boa.

Os homens maus souberam disso e voltaram para a floresta cortando e destruindo todas as árvores para pegar as frutas mágicas. Mas as frutas ficaram tristes com a maldade das pessoas e acabaram morrendo. E, por causa disso, os homens maus ficaram fracos e doentes.

Então a irmã maior plantou a outra frutinha no quintal da casa para crescer uma nova árvore e ajudar as pessoas.

A irmã deu um pedacinho da frutinha para cada homem mau que estava doente, eles se curaram e ficaram bons.

**Vida são suspiros de esperanças
que brotam em todos os lugares.**

Luzia de Fátima das Neves Fiorezi
Apucarana, PR

**Mundo, você é tão misterioso,
que às vezes me esqueço
que estou dentro de você.**

Antônio Alves
São Paulo, SP

**Meu nome é Sandra, ninguém
percebe o que faço de verdade, mas
sou bibliotecária, planto livros,
para colher vidas novas, e assim,
silenciosamente, faço minha parte.**

Sandra de Souza Corrêa Küster
Venda Nova do Imigrante, ES

**Passou a semear vidas
e a entender o seu sentido.**

Isabela dos Santos Imazu
Cambé, PR

A árvore cresceu muito bonita, tinha flores e frutas lindas. As duas irmãs sempre brincavam embaixo da sombra da árvore, e quando sabiam que alguém estava doente, elas levavam com muito carinho uma frutinha para a pessoa.

Todo mundo naquela cidade aprendeu a plantar sementinhas para crescer novas árvores e a cidade ficar mais bonita. Todo mundo voltou a ter saúde na cidade porque o ar estava mais limpo.

E até hoje, se por acaso alguém ficar doente, as duas irmãs levam uma frutinha, porque sabem que é importante cuidar da vida.

NICOLLE Jacob Vieczorek

8 anos

Rio de Janeiro, RJ

© Nelma Guimarães

Louco?

Em uma simples viela morava, entre tantos outros cidadãos, um cidadão comum, de bom caráter, justo, solidário... Ele gostava de contemplar a natureza, a paisagem à sua volta e até as pessoas. Pois é... ele contemplava as pessoas, e via em cada uma algo especial, diferente, único. E era por isso que as pessoas o chamavam de louco. Alguns tinham medo do seu olhar, diziam que enfeitiçava, que era capaz de descobrir segredos, ler pensamentos, e tantas outras histórias que eram atribuídas a ele que ninguém sabia mais o que era verdade ou invenção. Mas sabe como é, né?! Lugar pequeno, pessoas que gostam de cuidar da vida dos outros, que gostam de se achar certinhas e que para continuarem a se acharem certas precisam dizer quem é o errado, e nesse caso o errado era esse homem.

E eu nem falei o nome dele... mas não me contaram! Quando eu soube dessa história eu o conheci como Louco, e naquele lugar esse passou a ser o nome dele. E foi com a influência desse nome que eu o conheci.

Eu o vi a primeira vez andando pelas ruas daquele vilarejo, olhando para as pessoas e recebendo olhares também de volta, olhares de reprovação, de medo, de raiva, e olhares até que não olhavam. E ele continuava a olhar e a caminhar.

Eu fui atrás, olhando e sem saber ao certo se eu queria ser visto ou não. O homem parou ao entrar em um ambiente mais natural, parou, sentou e olhou. — Caramba! — pensei eu. — Ele é louco! Mas devo ter pensado um pouco alto, ou talvez ele conseguisse mesmo ler pensamentos, porque me respondeu: — Talvez...

Rapidamente eu me desculpei tentando inventar que não era isso que eu queria dizer, mas ele continuou: — Louco? Louco... Louco! Louco!!!! Qual desses é você? Qual você desejaria ou não desejaria ser? Louco? Louco... Louco! Ou louco!!!!?

Não sabia o que responder, então sorri e dessa vez pensei mais baixo: — Esse cara é louco.

Mas achei interessante e me aproximei. Foi aí que comecei a ser presa por aquele olhar, aquelas palavras, aquele jeito, aquela loucura. E, talvez como louca, passei a contemplá-lo para entendê-lo.

Ele tinha um enorme amor pela vida, para ele tudo na natureza era perfeito, tudo e todos eram essenciais para o andamento de novas vidas, de novas descobertas, e passava noites em claro tentando entender sempre um pouco mais. Ele dizia que a vida é um grande mistério, pois uma grande alegria pode nos fazer chorar e

Discurso direto ao ponto

O discurso direto reproduz tintim por tintim as falas das pessoas. Os personagens falam por si mesmos. Quando se escreve usando discurso direto, a situação ganha vida e o leitor incauto se vê de repente dentro dela, cercado de exclamações, interjeições, interrogações, imperativos e todas as emoções da expressão oral que eles carregam.

uma tristeza pode nos fazer rir, e que é preciso compreender essa dualidade de sentimentos e informações. Eu ainda achava isso tudo muito louco, mas interessante.

Aos poucos fui aprendendo de novo (ou, desta vez, de verdade) conceitos e valores que já tinha ouvido na escola: respeito, solidariedade, tolerância, inclusão, consciência ecológica... Fui vendo que aquele homem lutava sozinho contra preconceitos, discriminações, destruição do meio ambiente... Ele enfrentava poderosos por questões que nem eram pessoais, mas eram questões necessárias. Então aprendi que o necessário não é apenas o que você está precisando, mas o que você precisa fazer.

Fui aprendendo a desconstruir meus próprios preconceitos, a ver o potencial criador e transformador no lixo, na natureza e nas pessoas. Fui querendo também olhar e ver o que as pessoas podiam fazer, o que sentiam, o que queriam, como podíamos cuidar do mundo, construir sentimentos, enfim, passei a olhar o mundo, e não apenas passar pelo mundo sem olhar.

Conheci outros loucos como aquele, os encontrei em ONGS, Associações, sozinhos pela rua... mas encontrei. Muitos loucos corajosos buscando um mundo melhor para todos.

Quanto àquele homem, ele era realmente louco, louco pela vida! Mas sabia que dizem que as melhores pessoas são assim?!

Desejo conseguir ser louca: Louca? Louca! Ou louca!!!?
Louca. Pela vida!

CAMILLE Jacob Vieczorek

14 anos

Rio de Janeiro, RJ

A resposta para esse questionamento veio no instante em que abri a geladeira para pegar um suco de caixinha. Por que, você leitor deve se perguntar, uma resposta tão complexa vir de um mero suco de caixinha?

De prontidão lhe respondo: o processo de produção desse mero suco de caixinha envolve uma complexa cadeia de participação de diversos seres e organismos vivos.

O desaparecimento de um único ser dentro dessa cadeia poderia afetar todo o processo e causar um tremendo colapso produtivo, cujas consequências podem ser inimagináveis.

Nicholas Hideki Koga Magario
Janaúba, MG

Uma flor nasceu

Se bem me lembro, nos idos de um tempo passado, podia-se usufruir de uma bela, farta e exuberante natureza, especialmente degustar o esplêndido Cerrado próximo à minha casa, no meu sertão.

Local onde as árvores conversavam com as abundantes águas de um “corguinho” e pássaros faziam ninhada nelas; enfim, vegetais e animais se divertiam à beça num espaço em que também dominavam.

Até que um dia, uma triste realidade se sobrepôs ao indomado Cerradinho. O homem, com suas máquinas de fome e fogo, com seus barulhos ensurdecedores e infernais, delineou uma outra foto antiverso da paisagem natural. Deglutiui tudo.

O sertão foi se transformando em imensas lavouras. Os córregos estão quase mortos todos, e poucas árvores habitam Nonada. Um ambiente macilento e sem vida se criou. A vida, agora materialista, outrora pequizeiros, guarirobas, ingás e uma sorte de onças-pintadas, antas e soldadinhos e ervas medicinais, riquezas naturais. Onde ficou o real sentido da acepção Vida?

Ainda bem que uma flor nasceu. Graças a Deus uma flor nasceu. Só sei que uma flor nasceu, não no asfalto, mas na minha vida. No meio do Sertão “Serrado”, a esperança de reverdecer e o verde ver de novo. Aqui, bem no meio do “Serrado”, Nonada, podemos ver dever, a árdua e caprichosa tarefa de reconstruir, revitalizar, replantar nativas espécies, o verde de volta.

E a cada semente da flor, uma vida, uma árvore, uma nativa, uma filha, um fruto, mais água, mais sustento, proteção. Agora o Cerrado. A cada dia crescendo, rompendo o egoísmo, a teoria, o antiverso ecológico e dizendo “Existo!”

Bem-aventurada é a flor ideia fora do papel para o chão das ações sem medo, desobstaculizadas pelo Amor ao próximo e a si mesmo. Este sim é o real sentido da Vida: o enlace entre os céus e a terra, o homem e a Natureza.

VIVIANE Reinaldo Martins

13 anos

Catalão, GO

3º lugar

CATEGORIA 2

Um dia... um diassistema

Nenhuma língua é inteirinha de um jeito só em qualquer lugar, porque as pessoas não são iguais nem se comportam ou vivem de um mesmo jeito em lugares diferentes. Uma língua é um diassistema (um conjunto de sistemas e subsistemas que trocam uns com os outros o tempo todo). Resultado: uma variação danada, que depende do lugar (variação diatópica), do grupo social (variação diastrática) e até mesmo de quem usa e como usa a língua — se é por escrito, se é oralmente, se é um homem ou uma mulher, se se trata de línguas especiais (variação diafásica). Quando se viaja por Goiás, por exemplo, é uma variação diatópica que explica a transformação de um córrego em “corguinho”. Abençoada diversidade que o cuidado permite conhecer, respeitar e saborear.

Vamos cuidar da Vida!

Osteodesertificação

A ossada
 Prole da mão árida
 Que bate, arranha, seca
 E marca
 Marca em sulcos
 Profundos, covas cravadas
 Nos grãos rochosos.

Ossos estancados na terra
 Onde já houve vida
 Banha-se em poeira vazia
 A última flor, triste, transpira
 Chora. Queima.

Há um rasgo no peito
 Do fantasma úmido
 É uma coleira desnuda universal
 Concentração de areia e cheiro
 Cheiro de nada, tão forte que arde
 O nariz. Vento queima.
 Não há.

O lugar ao sol,
 Tão cobiçado era, quem diria
 Que pelas sombras urge?
 Arrasta a carcaça ardida
 Pelo sol à pino na espinha.
 Afasta.

São os filhos da ossada
 Que arde em vermelho
 Proles da procrastinação
 Do que antes era anil
 Vítimas excomungadas pelo
 Descuido. Enxotadas, abortadas
 Formas deformadas da existência que já foi.

Restam-lhe alguns anos
 De areia e espinhos tortos
 Em galhos retorcidos enrugados
 Boca grossa que mastiga
 Roça a língua áspera.

Neologismar é palavrizar, é usar **neologismos** — palavras novas, recém-inventadas, na maioria das vezes partindo de outras que já existem e que o “palavrizador” altera, combina, recombina e entrega ao mundo. Em geral, o neologismo nem pede explicação: o ouvido e o olho habituados às palavras-mães costumam chegar às conclusões certas sobre o que a palavra recém-nascida veio dizer.

Se imaginarmos que a vida começou num jardim e que da terra firme tudo se fez, podemos imaginar que nossa terra é realmente uma terra mágica e que com o esforço o homem, para adquirir conhecimento, pode transformá-la em um vasto número de objetos e utensílios e ferramentas para se obter tijolos, argamassa, metais, plásticos, madeira, borracha e uma lavoura que pudesse produzir alimentos em grande escala, quando não em produtos tecnológicos como robôs, máquinas, televisores, telefone, computadores, aviões e milhares de itens e alimentos fabricados pela indústria.

Alexandre Agostinho
Franco da Rocha, SP

Lembrar-se que o corpo é um
recipiente,
Dentro dele germina a semente.
Ser tão floresta como a Amazônia,
Sertão jamais!

Sara Diana de Moraes
Poços de Caldas, MG

Vamos cuidar da vida!

*Admira triste
O campo insólito
Sepulcro eterno
Da inércia da alma
Pelos filhos da dor.*

*Corrói as costas e encostas
Erode a carne
Cavuca e revela
A ossada global
Prole da mão árida
Que apanha a crosta-mãe
Fragilizada em câncer
Tumor maligno.*

YURI Ruppini
17 anos
Peruibe, SP

Sobriedade e contentamento

(porque precisamos
encontrar um jeito
cuidadoso de consumir
e compartilhar)

Pintar com palavras

começa no cuidado do olhar
desarmado voltado
para o mundo, onde
o fio do tempo desenrola
na tela do espaço todos
os temas e cores de todos os
quadros já pintados ou ainda
por pintar. O olhar cuidadoso
acolhe o que vê, deixa-se
preencher pelo que a luz
revela, registra o momento
no miolo da alma. Dali em
diante, é abrir caminho
para a manifestação
das palavras aprendidas
desde a primeira respiração.

•Todos os dias, um novo renascer!

É meio-dia, almoço em família, hora do trabalho. Saio de casa, desço a ladeira, vou planejando a fala da tarde, o tom adequado aos meus pequeninos. Sigo pensando, atravesso ruas e chego ao ponto do ônibus na Praça Central.

Espero um pouco até seguir para o engenho onde leciono.

Mais dez minutos e o transporte chega. Entro, sento na poltrona da janela para apreciar o tempo e ver pouco a pouco a cidade ficar para trás e o verde do campo preencher o espaço.

A estrada é meu cenário preferido, quadro harmônico onde céu e terra se encontram com beleza e esplendor. Nesse cenário há casas de um lado, e do outro plantações e bichos no cercado. Todos os dias viajamos pelo mesmo caminho, mas a paisagem se modifica de acordo com as estações do ano. Hoje, por exemplo, vejo crianças brincando de esconde-esconde em frente às suas casas enquanto as mães, sem problemas aparentes, varrem o “terreiro” com suas vassouras naturais.

Do lado das plantações tudo está mais verde, indicando ter chovido dias atrás. Mas no momento o sol queima como fogo!

Vou refletindo sobre tudo, e meus pensamentos vão seguindo livremente como folhas ao vento. Penso na minha família que ficou em casa e naquelas crianças que me esperam na escola... De repente um grupo de alunos acena de longe e o ônibus vai parando. Alguns deles se cumprimentam com gestos e palavras, e a viagem prossegue com a calma aparente dos dias anteriores.

Embalada pelo vai e vem, percebo que chegamos ao destino, e a tarde segue tranquila, saborosa de viver!

Na volta para casa, o tempo muda, o cenário se modifica. A chuva faz doer o pensamento, o ônibus atola e o tempo passa devagar até conseguirmos seguir estrada afora. Sentada na poltrona da janela, vejo crianças correndo na chuva ainda mais felizes e as mães tratando de guardar em jarras de barro (herdadas de suas avós) a água que cai do céu. A bica é feita de lata batida em forma de telha grande, que, conservada no final do telhado, garantirá a água para muitos dias. Com certeza, da primeira chuva nada se aproveita, pois o telhado está sujo. Na chuva seguinte a água estará pronta para o consumo, podendo encher todos os depósitos que houver na casa.

À tardinha, os maridos já estão de volta do trabalho, e, em dias como hoje, começam a abrir “passagem” com a enxada para que a água possa escoar e os carros possam seguir.

Os bichos que estavam soltos no cercado logo cedo foram recolhidos por seus donos. Os riachos estão transbordando, invadindo lentamente a estrada, e a vida desse povo segue o rumo natural, enquanto percorro todos os dias um caminho aberto à renovação.

**Amo nadar, amo estudar,
amo sonhar. Sou cheia de amo.**

Caroline Picetti Zamarchi
São Gabriel do Oeste, MS

RISONEIDE Alves Pequeno

45 anos

Timbaúba, PE

**Moro num lugar simples,
onde posso me orgulhar
não pelo luxo, mas sim pela paz
e sensação de liberdade, também
pelo calor sincero das pessoas
que me rodeiam, por eu ser
reconhecida pelos meus méritos,
sem interesses concretos.**

Renata Gabriele Oliveira Santos
Dores do Indaiá, MG

**Comece brincando de jogo do
contente... como a menina Polyana.**

Manoela Meirelles Menegotto
Capinzal, SC

Cansei do jogo, entrego o joystick

Vai! Mete bala! Derruba esse. Atira naquele que está lá na moita. Detona! Só assim vai vencer o jogo.

Mas isso é somente uma partida de videogame e não posso sair por aí com o *joystick* nas mãos, bolando estratégias sempre para ficar na frente dos outros. E quem falou que tenho algum inimigo na escola? Na vizinhança? Ou em algum lugar? Então, por que me sinto tão pressionado a ter sempre mais ou ser ou fazer tudo para ser melhor que os outros?

Por que tenho que viver o estresse de um campeonato eterno para ter amigos? Ser importante numa turma? Receber os elogios dos professores? E ser feliz? Não acredito que alguém possa ser feliz sem sossego!

Sei que preciso seguir regras. Ser educado e me organizar para viver em harmonia. Mas quem foi que inventou que para ser feliz e satisfeito tenho que continuar me estourando nesse jogo onde ninguém pode perder?

Não sou tapado. Percebo que tenho algumas diferenças em relação à maioria das pessoas que convivo. É verdade que elas me atrapalham um pouco na guerra de tentar ser o melhor. Mas até onde sei, ninguém é perfeito neste mundo. Se existe perfeição já teria aparecido alguém super inteligente para resolver todos os problemas do Planeta. O fato é que não adianta eu fazer as mesmas coisas que a maioria faz, porque por mais que me esforce para subir no pódio dos campeões, o jogo nunca acaba. É sempre uma partida atrás da outra.

Depois da melhor nota, do melhor trabalho da classe, do aluno que mais participa das aulas, do menino que é mais interessado e mais concentrado... Tenho que ser ótimo. No esporte, ser alto, magro, bonitão, ter o cabelo mais da hora, a roupa da melhor marca e o tênis mais caro que existe. Tudo para ser importante e ter valor. Ah! E não posso ter espinhas, nem ser peludo e não ter nada que pareça bizarro, porque corro o risco de ser detonado pelo *bullying*.

Para mim, chega! Cansei desse jogo e entrego o controle.

Sinto que sou capaz e inteligente. Sei que quando quero, consigo sempre fazer o melhor, e isso já basta para mim. Também sei que a tecnologia avança cada dia mais depressa. E por mais que tente ter o melhor hoje, amanhã sempre vai aparecer outra coisa melhor ainda. Então é tudo uma bobagem! O que tenho ganhado com este tipo de jogo: só perda de tempo e o sentimento horrível de que a vida é difícil e injusta para mim.

Vernáculo e estrangeirismo

Estrangeirismo é uso de palavras estrangeiras num texto em vernáculo. Vernáculo é a linguagem falada pelo povo de um país ou região, sem estrangeirismos nem alterações. Mas... será que isso ainda existe, neste mundo “enredado” na Internet? A própria palavra “vernáculo” tem uma origem um tanto insólita, pois vem do latim “verna”, que, por sua vez, atravessou séculos e longas distâncias passando por várias formas de falar em viver e morar, criadas por vários povos diferentes, até significar “escravo nascido na casa”... Do jeito que os diferentes mundos e falares se mesclaram, hoje a gente é meio “verna” do uso de estrangeirismos.

Vamos cuidar da vida!

Quero sentir fora de minha casa a mesma segurança, a alegria e a vontade de viver que sinto quando estou ao lado de minha família. Aprendi com ela que o sol brilha em meu coração, no seu e no da humanidade. É o brilho que tranquiliza, traz confiança e felicidade. É o brilho que só se sente quando terminamos um dia bem vivido. Quando olhamos com mais atenção os acontecimentos, praticamos o bem e o amor em tudo que fazemos. Mas não venho sentindo em mim o calor desse sol. Não podem ser do bem e do amor todas essas guerrilhas de vaidade, de ciúmes, de ofensas, de discussões, de arrogância, de infinitas disputas para se impor uma vontade. Será que o melhor não é se livrar disso tudo?

Até que ponto vamos continuar com o *joystick* nas mãos, acreditando que ganhamos o troféu da felicidade no final desse jogo?

Sinto muito, mas, de agora em diante, estou mais para curtir só jogos virtuais.

Se transportar para as melhores partes vividas, colo de vó, calor do fogo da lareira, cantando, ouvindo histórias, falando bobagens.

Monique Cristina Potuk de Meira
Mallet, PR

ANDRÉ Xavier Rodrigues

13 anos

Vinhedo, SP

2º lugar

CATEGORIA 2

Às vezes pedimos coisas à vida que ela não pode nos oferecer, mas às vezes ela nos dá coisas que não sabemos agradecer.

Rafael Torres dos Santos
Ingazeira, PE

Mas o que é viver? O que viver?
Do que viver?

Viver num mundo em que poucos conseguem respeitar os ensinamentos do útero?

João Salustiano Souza Silva
Igrapiúna, BA

A emoção de viver dos jovens

Gente mais velha adora reclamar de tudo: que não tem tempo pra nada, que precisa de dinheiro, que está com essa ou aquela doença... Será que o tempo tira a emoção e o prazer de viver? Se envelhecer é inevitável, é possível ao menos manter o espírito jovem e a alegria da vida?

Você que tem 18, 20, 25 ou 30 anos, fique alerta! Essa idade vai passar, e mais depressa do que imagina.

Por favor, não perca tempo sofrendo porque a mãe ou o pai não lhe permitiram fazer isso ou aquilo. Nada importa! Quem tem 15 anos deve aproveitar a vida a cada segundo. Talvez seja inútil dizer isso, porque quem tem 15 anos não ouve os mais velhos, mas é muito bom ter essa idade. Não importa se o dinheiro está curto, se foi abandonada pelo namorado, se o futuro é incerto. Nessa idade não há futuro certo ou incerto, há muito mais... há futuro.

Aproveite se estiver triste em casa neste domingo e saia, se divirta, pense: “Sou jovem, tenho uma vida pela frente”. Isso é melhor do que todas as glórias do mundo, só que ninguém diz isso aos que têm 15 anos. A mim ninguém nunca disse!

Não dizem talvez por inveja, é mais fácil mostrar que a vida é dura, que é preciso estudar, trabalhar (o que também é verdade), mas ninguém pega uma pessoa de 15 anos pelo ombro, sacode e diz: “Você tem 15 anos, não se esqueça disso um só minuto, viva sua juventude. Aproveite e viva, porque ela vai passar!” E passa. Não que aos 50 não se tenha outras alegrias, outras compensações, mas saber que os de 15 não se dão conta do que estão vivendo é quase revoltante. Seria preciso que eles pensassem de hora em hora, a cada minuto: “Tenho 15 anos!”

Nessa idade não temos obrigações de quase nada, a não ser a de sermos felizes. Se tudo está dando errado para o seu lado, deite num banco de uma praça, de preferência debaixo de uma árvore, e olhe o céu através das folhas, mais lindo do que a mais linda renda francesa. E respire fundo, muito fundo, pensando em tudo que pode e ainda vai fazer durante muito tempo, isto é: qualquer coisa.

Os tons do imperativo

Verbo no imperativo impõe? Nem sempre. O que o imperativo sempre faz é expressar a vontade do falante (ou escrevente) em relação ao ouvinte (ou leitor). Pode ser que imponha, pode ser que peça com delicadeza, mas também pode ser que sugira, aconselhe, e até mesmo que suplique. Tudo depende da entonação, se for falado: quando pede, é mais brando; quando impõe, mais forte; quando aconselha e encoraja, vem cercado de perguntas e exclamações. Na escrita, a pontuação e a escolha de argumentos operam milagres para transformar imperativos em incentivos.

Vamos cuidar da vida!

Se a Terra falasse, com certeza seríamos frequentemente chamados de ingratos.

Danilo Rodrigues Miranda
Salinas, MG

Destruir a Terra é como se destruíssemos a nossa verdadeira casa, seria como quebrar portas e janelas, encher a casa de lixo... Mas apesar de poluir tanto a Terra, não fazemos isso com nossa casa, talvez porque achamos que apenas as nossas ações não prejudicam a Terra. Que somos muito pequenos em relação à humanidade.

Danilo Rodrigues Miranda
Salinas, MG

Meu caminho até ela é de estrada de chão com poeira, pedras, valetas, lama em dias de chuva, mas tudo que conquistei nesses anos supera todas as dificuldades. Saio de casa antes de cada amanhecer, deixo um rastro de poeira por onde passo, mas construo em meu interior a alegria do dever cumprido, das amizades firmadas e da certeza de contribuir para o cuidado com a vida no planeta!

Flávia Demuner Ribeiro
Santa Teresa, ES

Ache graça em tudo, ria de tudo. O dinheiro está curto? O namorado sumiu? A melhor amiga fez uma falseta? E daí? O dinheiro pode pintar, namorado é o que não vai faltar, e a amiga, esqueça! Tome um sorvete de casquinha, pegue aquele biquíni do ano passado (o único que você tem), vá para uma praia e, quando mergulhar, tenha a consciência de que não existem diamantes nem rubis que façam alguém mais feliz do que a sensação de mergulhar no mar.

Quando, à noite, for para a cama com sono, pense na felicidade que é colocar a cabeça no travesseiro e dormir sem precisar de comprimido para esperar o sono vir. E, quando acordar e se olhar no espelho, pense em outra felicidade, que é não ter que pintar o olho, botar um blush, nem fazer uma escova, pois, por menos bonita que se seja, sempre se é linda aos 15 anos!

E, se alguma coisa te aborrecer, tire da cabeça e pense: “Sou jovem, e isso ninguém pode tirar de mim!”

Viva! Sonhe! Seja feliz! Porque um dia a juventude vai passar e será uma tristeza se você não tiver aproveitado todos os minutos dela, ou os de quando tiver 30, 40, 50, 60, 70, 80 ou 90 anos. Para que nunca passe pela sua cabeça a pior de todas as coisas: “Eu não aproveitei a minha vida!”

PATRÍCIA Rodrigues Costa
15 anos
Pedra Bonita, MG

Devore-me!

A visão do rosto dela... Com a fragrância enlouecedora de comida, focaram nele emoções fortíssimas de ternura e fome, emoções indescritíveis...

**o objeto (do amor)
e o sujeito**

mas querida

— esse aí não presta:

sujeitinho oculto

não se dá a seus desejos

sujeito zero de verbos

impessoais

indeterminado e

descomposto!

e que, além de tudo,

te sujeita a tanta tristeza

— esqueça esse objeto.

Foi assim que os vi nesta cena quase “hollywoodiana”, pareciam esquecer o mundo à sua volta, como se não houvesse ninguém, como se aquele instante fosse o último, assim em meio à metrópole, sem problemas existentes na face da Terra.

Ele: traje esporte. Ela: vestido simples, azulado. Ambos se olhavam estendido, por repetidas vezes, com um movimento lateral do rosto, só sendo distraídos por uma barraca de *hot dog* que subitamente entrou na frente dos dois. Ele, discretamente, deixou-se distrair pelo cheiro inevitável da comida. Estampados em sua face, dois únicos desejos: a sua insaciável fome e a vontade de beijá-la... o que falava bem mais alto perante a beleza de sua amada. Os olhos exalavam sua louca vontade de agarrá-la e envolvê-la com seus braços na trama ardente que é o amor... e, ao mesmo tempo, de acabar de vez com a louca fome que o atormentava.

É assim: a mulher o espera imóvel, como uma mosca aguarda seu fim diante da tão temida aranha. E ele se aproxima... calculando cada movimento... cada passo... cada palavra... Fome! Voltava a lembrar de sua mais primitiva necessidade.

O cheiro do carrinho de *hot dog* ao lado subia ao seu nariz como uma sinfonia aos ouvidos de Beethoven, em meio a todas as outras fragrâncias, nem sempre muito aceitáveis. Num lance rápido, surge uma ideia, uma chance para a conquista: coloca a mão no bolso,

Um amigo meu disse que os que mais reclamam são os que menos se importam, eu não sabia.

Fernanda Stevanin
São Paulo, SP

(...) saia do seu mundinho e aproveite o nosso "mundão"!

Catiane da Silva
Sapiranga, RS

Viver com alegria nos tempos atuais não é para qualquer um.

Jeferson Thiago Santos
Guarulhos, SP

retira em um movimento duas notas ligeiramente amassadas. Um pedido. Uma cena tipicamente americana em meio à metrópole bem mais que brasileira, espremendo-se e lutando por um local mais "livre" entre a imensa multidão.

"Um completo, por favor!", disse o rapaz, acenando logo em seguida com a cabeça, pegando seu pedido e indo confiante em direção a ela. Silêncio. Coração acelera. Ele chega perto. As palavras somem; mais um aceno. Na cabeça correm rápido todas as suas estratégias, que subitamente somem, desaparecem, mas voltam como um "Déjà vu".

"Olá?!", disse ele em direção a ela, que, afoita, se embarçou, e com um jogar de cabelos respondeu um singelo, porém belo: "Oi!" Ambos desconcertados com a presença alheia.

"Eu trouxe para você", disse ele, entregando-lhe um singelo pão de centeio, cortado em duas fatias, com condimentos e uma imensa e gordurosa salsicha, que naquele momento tinha um único significado: ele a quer, mas será que ela o quer mesmo?

"Obrigada! Ainda se lembra dos meus gostos", disse ela com um sorriso no canto dos lábios. "É. Ainda me lembro bem do seu gosto", agora é ele quem diz, com um malicioso olhar. Fome!... novamente o seu eu primitivo lembrava-o de sua necessidade. Mas agora ele só pensava em cortejá-la.

"Eu te amo!", ela disse subitamente, abraçando-o; ele inerte, sem fala, e ainda com fome, balbuciando duas únicas palavras: "Me beije". Dois desejos saciados em um: foi fatal!

... e assim, da mesma forma que cheguei, vi o movimento da cena: era o ônibus andando, o sinal abriu. Escuto o som barulhento do motor; buzinas; despedia-me daquela cena do "belo amor de momento" — como apelidei — que ia passando lentamente pelos meus olhos, como as nuvens cortam o céu. E fui retornando à minha vida com a cena "shakespeariana" mais brasileira que já vi.

Descrição da imagem

Bairro da Liberdade, o farol fecha. Da janela do ônibus, em meio às minhas distrações, observo um casal que aparentemente se desconhecia. Surpreendo-me com esta bela cena de amor: ele, um pobretão, afoito pela fome, prefere dar de comer à sua amada. Só depois percebi que o sentimento já vinha de longas datas.

MAXWELL Cândido da Silva

17 anos

São Bernardo do Campo, SP

Sempre há algo para
perceber; só temos
que olhar além do que
podemos enxergar.

Franceline Rodrigues
Jardim, MS

*Ouçã: isto é um singelo recado
Para aqueles que se esqueceram
Que o abraço cura a dor,
Enxuga lágrimas e
Alivia o temor.*

Victor Leon Marçal da Costa Ramos
Janaúba, MG

*Olhe a vida de outra maneira.
Fique de cabeça para baixo
se for preciso.*

Isabelle Aguiar Rangel
São Pedro da Aldeia, RJ

© Nelma Guimarães

Economia do cuidado

(porque é preciso
estabelecer as regras da
casa-casa, da casa-bairro,
da casa-cidade, da casa
país, da casa-mundo...)

Como cuidar de uma flor no asfalto

Oração para um sujeito simples cheio de predicados que um dia se recompôs

Você faz uma declaração sobre “algo” ou “alguém”: você fez uma oração. Esse “algo” ou “alguém” é o sujeito. O que você declarou a respeito dele é o predicado. Por exemplo: você pode declarar várias coisas sobre um sujeito chamado Rudimar. Coisas que ele é, que ele está sendo; coisas que aconteceram com ele e outras que ele fez acontecerem; seus encontros com outros sujeitos, que, quando cuidado existe, podem até recompor sujeitos e engrandecer predicados.

Rudimar nunca soube o que é cuidado. Nunca. Rudimar cresceu só por valentia. Não fosse assim, minguarda feito flor entre pedras. O menino nasceu por descuido. E descuido ficou, para sempre. Ou melhor: quase sempre. Rudimar é preto, pretinho. E mora num lugar que é esquecido do mundo. Um lugar onde ninguém sabe o que é cuidar da vida, porque estão todos ocupados em continuar vivos. Nesse canto da terra, ninguém envelhece. Quando as crianças sobrevivem à fome, os jovens morrem de bala. Rudimar é cachorro sem dono. Mal começou a andar, descobriu que a rua é o lugar ideal. Na casa, o espaço é pequeno para dividir com os irmãos e os ratos. Na casa, a mãe chora e grita, o pai bebe e briga, as crianças apanham. A rua é o lugar ideal: berçário e escola de Rudimar. Foi lá que ele aprendeu a gritar, como gritam os habitantes de sua terra. Foi lá que ele aprendeu a bater, como batem os habitantes de sua terra. Foi lá que ele aprendeu a sobreviver, a escapar da fome e dos tiros, a debochar da vida e da morte. Rudimar cresceu sonhando armas. Mas, no escuro de si mesmo, escondido de todos, cultivava um prazer só seu: copiar as letras, as palavras, como se, um dia, ele as pudesse ter para si. Como se, um dia, ele pudesse ser capaz de entender o que se esconde sob aqueles enigmas. Quando construíram aquela biblioteca, o menino desdenhou. Mas, como florzinha no asfalto, o mundo de livros se ergueu na casa do esquecimento. E virou a Terra do Nunca, morada dos meninos perdidos que ninguém quer encontrar. Como Rudimar. Ele e outros construíram ali suas esperanças. Mas, como não sabiam fazer de outro jeito, lá chegavam com gritos, socos ou com o silêncio oco dos descuidados. Não tinham aprendido a ouvir. E as histórias que a professora contava chegavam-lhe em migalhas, interrompidas pelo atrito de crianças que se esmurravam, gritavam ou corriam. Rudimar também não sabia ouvir. Mas alguma coisa ficava de todas aquelas leituras. Aos poucos, ele percebia que as letras se desfaziam em histórias e os livros descortinavam mundos ocultos, que ele precisava

Vamos cuidar da vida!

O meio ambiente não é só a natureza, é também o espaço onde nós moramos (em casa, no apartamento e no quarto).

Carlos Eduardo Santos da Nóbrega
São Pedro, SP

Aqui são 6h30, passa a contagem, há um leve despertar, me apresento, já é um sinal de vida.

Éverton Carlos da Silva
Reginópolis, SP

conhecer. Sem sequer perceber, ele passou a atentar às aulas e duplicou esforços para juntar os sons. Escondido de todos, pegava um livro: olhava as figuras e passava horas tentando descobrir o que se escondia atrás das letras. E, um dia, muito tempo depois, ele descobriu. Rudimar tem hoje 30 anos. Cresceu como flor entre pedras. Mas cresceu. E, no mundo que desabrochou por trás das palavras, ele reinventou a vida. Só assim, com a vida reinventada, ele pôde saber o que é cuidar. Então deitou sementes. Seu filho, Ricardinho, tem apenas quatro anos, mas acompanha o pai nas andanças pelo mundo dos livros, onde ele é professor.

FABIANA Coelho de Souza Leão

39 anos

Recife, PE

3º lugar

CATEGORIA 6

O que a estrofe tem a ver com a catástrofe?

Mergulhar nas palavras é viajar no tempo e no espaço em busca do entendimento perdido ou esquecido. Os gregos, há milhares de anos, usavam a palavra *strophe* (lê-se *strofe*) para indicar as voltas, as viradas, o giro da direita para a esquerda que fazia o coro do teatro, enquanto cantava. Uma ciranda-cirandinha à la grega teria, então... vamos dar a meia *strophe*, *strophe* e meia vamos dar, alguma coisa por aí. Como o mundo dá *strophes* e mais *strophes*, um belo dia formou-se estrofe, em português, que é o nome de cada grupo de versos (ou linhas) de um poema. (Que, por sinal, também pode ser chamado estância, palavra que parece mais da família da imobilidade e da permanência que do giro e das cirandas... Ah, os mistérios dos falares humanos...)

E a catástrofe, onde entra nisso tudo? Voltando aos gregos: “cata”, em grego, é “para baixo”, e “catastrophe” era a virada de pernas pro ar ou de cabeça pra baixo que acontecia no final das tragédias representadas no teatro. Claro que esse final estava longe de ser “viveram felizes para sempre”... Por isso, a palavra catástrofe que um belo dia nasceu em português significa um acontecimento muito grave que afeta a vida.

Sim, estrofe rima com catástrofe: desde a **raiz da palavra** (que é *strophe*) até a repetição dos mesmos sons nas sílabas finais (*strofe*).

Vamos cuidar da vida!

A falácia das acácias

*Em um jardim
 Não tão belo, nem tão cuidado
 Havia jasmims
 No, ainda verde, gramado
 Rosas amarelas
 Em um cercado quebrado
 E nem eram belas
 Com botões despetalados
 Havia um muro
 E em seu pé tristes acácias
 Que no futuro
 Tramavam as suas falácias
 E diziam unidas!
 “Como vai o ser humano assim
 Cuidar da vida
 Se nem cuida de seus jardins?”*

RAFAEL Marcell Dias Simões

29 anos

São Vicente, SP

2º lugar

CATEGORIA 4

‘Rio Suco de Maracujá

Eu estive pensando no que a gente tem que fazer pra viver bem. Primeiro, eu acho que todos podiam comer uma ou duas empadas de palmito todos os dias depois da aula de educação física. As empadas da mamãe são grandes e gostosas. Aliás, ter uma mãe que cozinha bem é uma coisa necessária pra viver bem, além de ter uma televisão e umas coisinhas mais. Se o riozinho que passa aqui perto de casa fosse de suco de maracujá seria bem legal. As sementinhas do maracujá podiam ser os peixes bem miudinhos. Então não precisaria tomar água nem coca-cola na hora do almoço. Tomava suco e ficava bem calminho. Mas, pensando bem, se a gente tomasse muito suco de maracujá, pode ser que ficasse com sono, e dormiria bem na hora da aula. Então podia ser rio de suco de morango.

Pra viver bem, a gente precisa escolher as músicas que ouve, porque ouvir música sertaneja é muito ruim. Os vizinhos ouvem, e eu acho que isso estraga o domingo. Falando em música, eu também preciso dizer uma outra coisa: eu não gosto de carnaval. Tem gente que vai nos bailes de carnaval, daí bebe muita cerveja e sai bêbado dirigindo. Isso é muito perigoso. Pensa bem se alguém bate o carro e ainda briga? Não gosto nem um pouco de carnaval, nem de cigarro. O ministério da saúde avverte: fumar é prejudicial à saúde (isso eu ouvi na televisão). Meu pai me disse que quem fuma fica com a cara enrugada e morre logo. Quando meu tio Marcos vem em casa o sofá e as cortinas da sala ficam cheirando fumaça. Da próxima vez que meu tio vier em casa vou ver se a cara dele é enrugada. Eu não queria que ele morresse logo.

Outra coisa que é boba, mas é gostosa, é soprar bola de sabão. Antes eu achava que isso era coisa de menininha, mas hoje eu acho que isso não tem nada a ver. Eu também gosto muito de ler gibis, principalmente quando eu vou no banheiro fazer cocô. Falar outra língua também é legal e vai servir pra quando eu for fazer intercâmbio. Eu faço minhas tarefas todos os dias, mesmo quando eu estou com sono. Minha mochila é nova e meus tênis mais ou menos. Meu caderno é da *Hot Wheels* e é bem caprichado. Meu pai me disse que se eu continuar assim vou ficar mais inteligente do que ele! E olha que ele é professor na faculdade de letras. Já minha mãe é professora de piano.

Eu gosto de colecionar algumas coisas que estão na moda, tipo essas cartinhas que vêm no salgadinho. Tenho quatro coleções completas. Adoro trocar figurinhas com meus amigos e bater bafo. Eu assisto desenhos todos os dias e gosto de todos eles, por mais

Pleonasma é ideia reiterada, insistida, reafirmada, repetida, para deixar MUITO clara a intenção e as ideias de quem fala ou escreve. Se for feito sem cuidado, fica repetitivo, cansativo, e dá a impressão de excesso de palavra e insistência. Se for feito com intenção e cuidado, intensifica e multiplica a força do que se conta, e, devagarinho, vai envolvendo e embalando o leitor numa rede de palavras em torno de uma ideia com a qual ele vai se familiarizando, e na qual acaba por mergulhar, como se fosse um rio de suco de maracujá.

Temos que prestar bem atenção a tudo o que está havendo para não anteciparmos o que está por vir.

Eduardo da Cruz Luque
Sao Paulo, SP

Você já deve ter reparado que, quando não cuidamos da vida, tudo que queremos para nós começa a dar errado de um jeito muito ruim, catastrófico.

Diego Martins Lopes
Salinas, MG

A vida é construída de palavras, pensamentos, ações realizadas todos os dias, coisas perdidas ao longo do tempo, de amizades, amores, alegrias, uma vontade já dentro do peito que nos leva às mais altas montanhas e um desejo de fazer tudo que vem na cabeça, de ser feliz, simplesmente feliz.

Letícia Veloso de Sousa
Caxias, MA

Vamos cuidar da vida!

chatos que sejam. Ganho muitos brinquedos, mas muitos mesmo. Tenho dó de alguns deles, porque só brinco com a metade. Meu primo Wolf, quando vem brincar comigo, esquece um monte de brinquedo aqui em casa. O cachorrinho de pelúcia que eu tinha era dele. Só que quando ele lembrou veio buscar, daí eu fiquei um pouco triste porque eu tive que devolver. Ontem abriu uma loja do lado da minha escola. Eu dei uma passadinha lá e a fila estava enorme, mas mesmo assim deu pra ver que tem bastante carrinho da *Hot Wheels*. Os carrinhos da *Hot Wheels* são os meus preferidos. Acho que se eu juntasse todos os meus carrinhos e conseguisse vender, dava pra comprar um carro de verdade. Eu ainda não sei dirigir, mas já sei passar as marchas com o carro desligado. Tem que pisar na embreagem.

Eu tenho o Homem-Aranha, o Superman e o Toy Story. Gosto muito de brincar com figuras de ação. Elas sempre conseguem salvar o mundo das invasões de inimigos e os terráqueos ficam livres. O último inimigo abatido pelo Toy Story foi o cachorro de pelúcia do Wolf. Gosto de navegar pela net e ver o preço de bonés. Um dia eu vi um boné tão caro, que era preciso juntar a mesada de três meses pra comprar, daí eu desisti. Preferi comprar outras coisas, como o presente do dia das mães, que custou R\$ 23. Meu irmão Miguel acha perda de tempo gastar com carrinhos e hominhos, mas na hora de brincar bem que ele brinca. Eu não gosto muito das férias porque eu fico com saudade das professoras e dos meus amigos. Eu acho que seria bem melhor ter aula o ano inteiro, menos de domingo, porque é o dia que a vovó vem em casa e tem frango assado e sobremesa.

Gosto de inglês, educação física, matemática, ciências, história, português e geografia. De música eu gosto um pouco, menos de sertaneja. Mais uma coisa importante pra viver bem é levar uma camiseta de reserva na mochila, pra quando a gente tiver suado poder trocar e ficar sempre sequinho. E por último é preciso ter um videogame, mas não precisa ser muito sofisticado. É isso tudo o que eu acho que é preciso pra viver bem, sem falar que dormir de bruços é gostoso e tomar banho com sabonete Phebo também. Ia me esquecendo: se não precisasse arrancar dente nem ir no velório, a gente seria bem mais feliz.

EDUARDO Fechus Becker Reis

10 anos

Pouso Alegre, MG

2º lugar

CATEGORIA I

Via Láctea, planeta Terra, ano de 2011

Hermes, mensageiro dos deuses:

Estou te escrevendo porque, ao ler um livro, fiquei sabendo como você ajudou seu irmão Hércules a se livrar dos maus sentimentos de sua madrasta Hera. Admirei os cuidados que você teve com seu irmão, acho que todos deveríamos cuidar de nossos irmãos e das pessoas que estão perto ou distantes de nós. Também fiquei sabendo que os antigos gregos contavam que aquele rastro branco que há em nossa galáxia, a Via Láctea, formou-se pelo leite de Hera, que se derramou quando ela empurrou Hércules, que você tinha colocado para se alimentar enquanto ela dormia. Por falar em Via Láctea, vi num filme que o nosso planeta Terra é só um pálido pontinho azul na imensidão do universo, e ele precisa de muitos cuidados. As pessoas estão fazendo tudo errado e maltratando a Terra, que é o lar de todos nós.

Hermes, você que é o mensageiro dos deuses e é muito veloz, passe por aqui e leve esta minha mensagem para toda a Terra. Nosso planeta precisa de cuidados, quando vi as fotos enviadas pelo telescópio Hubble até senti um arrepio. Eu, meus amigos e minha família não temos os seus poderes, mas estamos cuidando de nosso planeta. Nós reciclamos o lixo, cuidamos das árvores e plantamos flores para encher de cores os nossos quintais. Também ficamos cheios de alegria quando os pássaros cantam na goiabeira. Apesar de o nosso planeta ser tão pequeno no universo, ele é lindo, azul, e é o lar de todos nós: das plantas, dos animais e de toda a vida. Te agradeço por você ter-me feito pensar sobre os cuidados com a vida. Apesar de muita coisa estar errada, acredito que é possível acertar na direção do bem, e nossa história poderá ter um final feliz.

Saudações de um menino cuidador,
Alan Nascimento Maia.

Vocativo é chamado. Não é o assunto nem é a declaração. Não faz parte do sujeito, nem do predicado (e por isso vem sempre separado por vírgula ou por ponto de exclamação). O que em nada diminui seu peso: é importante chamar, dar nome, invocar, como é importante deixar claro a quem nos dirigimos, e com quem contamos, quando praticamos a gramática do cuidado. Nas cartas, o texto começa pelo vocativo que chama o destinatário. Quando se trata de comunicar, quem mais indicado a invocar que uma divindade da comunicação?

ALAN Nascimento Maia
10 anos
Santa Cruz das Palmeiras, SP

A paz pode acontecer

Desde 31 de outubro de 2011, somos 7 bilhões de pessoas no planeta Terra. Mas continuamos sendo sempre **três pessoas**, quando se trata de dialogar: alguém que está com a palavra (eu ou nós, a primeira pessoa); alguém que é destinatário do que a primeira pessoa fala ou escreve (tu/você ou vós/vocês, a segunda pessoa); e o assunto ou ser de quem a primeira pessoa fala (ele/ela ou eles/elas, a terceira pessoa). Pode acontecer, por exemplo, de uma primeira pessoa enviar a uma segunda pessoa que tem grande poder uma mensagem que diz respeito a uma terceira pessoa que inclui bilhões de pessoas.

Vamos cuidar da vida!

São José dos Campos, 14 de junho de 2011.

Caro presidente Obama,

Você é o presidente de um país muito poderoso, belo, pacífico e sem confrontos entre si.

Agora quero lembrar você de um assunto bem importante: como cuidar da vida. Você poderia ajudar, pelo menos, a pacificar o mundo. Muitas pessoas pedem dinheiro para comprar bebidas ao invés de comprar comida e roupas, por exemplo.

Você também poderia ajudar outros países a parar com os conflitos que eles têm entre si, melhorando a qualidade de vida deles.

A melhor forma de acabar com as guerras é pacificar os países. Essas guerras são causadas por motivos bobos, por causa da religião, por causa de futebol. Eles precisam parar de fazer o que Hitler fez.

Agradeço a atenção.

Até a próxima.

Yuri.

YURI dos Reis Videira Pereira

10 anos

São José dos Campos, SP

A vida é bela

*A vida é bela
Se a gente cuida dela.*

*E se não cuidar,
Como vai ficar?*

*A chuva que molha
A cana que seca*

*É a forma correta
Do saber amar.*

*A natureza esperta,
Logo se alerta*

*Vendo o que seca
Vai é molhar!*

*Cana caiana
Milho verdinho.*

*Cuido da vida
Eu sei cuidar.*

*Água da chuva
Vai “pra” cisterna*

*Bem guardadinha
Pode ficar.*

*Ficar tempos e tempos
Para o plantio
Quando for seca
“Mãe” vai usar.*

Rima é coincidência de sons, e não de letras. Por isso, “trouxe” rima com “doce”, “sul” rima com “azul” e, em Portugal, onde a fala é diferente da brasileira, “mãe” rima com “tem”. Rima ajuda a memorizar para perdurar, porque a musicalidade agrada o ouvido e ajuda a associar ideias. Na língua portuguesa, a rima aparece desde o século IV. Mas não é obrigatória na poesia: quando os versos de um poema não rimam, são versos brancos.

VANESSA Maria do Nascimento
12 anos
Timbaúba, PE

Em bom tom e palavras, cuide-se, preserve seus momentos e sua saúde e seja feliz até que a morte a separe.

Gabriela Oliveira Pereira
Rio de Janeiro, RJ

Cada pessoa sente diferente, vive diferente, acredita e sonha com coisas tão singulares que é difícil agradar a todos os paladares.

Adriana Fischer Ribeiro
Brusque, SC

“Como vai, cunpadre?”, ao que meu avô respondia: “Tamo bem, cunpadre, vamos devagar cuidando da vida”.

Fátima Francisca Azevedo Bodanese
Vilhena, RO

Decidida a desistir de entender a espécie humana, desço do ônibus com a minha irmã a caminho da escola.

Isabel Christina C. da Silva Oliveira
João Pessoa, PB

A maior dificuldade que possuímos é a de tentar resolver tudo com calma, em um mundo onde a pressa é a única que não se atrasa.

Camila Aparecida R. de Assis
São João Del Rei, MG

Se as pessoas que esperam por uma resposta de emprego ou do INSS tivessem uma resposta rápida, e esta fosse sim, elas não teriam tanta preocupação e não ficariam nervosas e nem doentes.

Camila Tanise Pereira
Foz do Iguaçu, PR

Devemos zelar e proteger tudo o que é vivo, seja ele um filho, um cachorro, uma flor ou qualquer outra coisa que respire.

Vanessa Silva Queiroz
Magé, RJ

A vida! O que podemos dizer sobre ela? Que pede calma, que pede paciência.

Luciana Aparecida da Silva
Betim, MG

Cuidar da vida é acompanhar onde se aplicam os impostos arrecadados.

É sugerir melhorias a serem feitas em seu bairro, na sua cidade.

É zelar para que melhorem as condições dos postos de saúde, educação e lazer.

Aginaldo Charles Fialho Serafim
Betim, MG

A estrada da vida está sempre em construção. É necessário cuidá-la e preservá-la para o próximo usuário, pois somos apenas passageiros.

Jefferson Cabral da Silva
Reginópolis, SP

Educação para
o cuidado

🕒 menino sentado ao computador

Preposições são

pré-posições. Antes do movimento do bailarino, seu corpo se prepara (pré-para), se pré-posiciona. Para saltar com graça, precisão e leveza, é preciso que todo o seu corpo e toda a sua concentração antecipem e façam o que é preciso para o salto ainda invisível que vai se desenhar no espaço. No campo das palavras da língua e do cuidado, as preposições são aquelas que antecipam e preparam o movimento previsto que vai relacionar ideias: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, sem, sob, sobre, acerca de, por trás de... Pequeninas palavras-borboletas que apontam para o que ainda não é: criança com..., chama para..., curso de..., ensinei a...

Vamos cuidar da vida!

A mãe ri. Fica séria. Quanto é dois vezes três?
O dedinho conta. O olhinho para o alto, como se estivesse
fuçando o cérebro à procura das informações.

O olhinho brilha: seis!

Nossa, que esperto!

Vamos jantar.

Jantar é ruim, quero biscoito!

Come a sopa e não me irrita!

Ele come tudo.

Brinca, brinca, brinca.

A mãe olha e deixa.

Vamos dormir. Jantamos e papai está cansado.

Brinca mais um pouquinho. Desmaia por cima dos brinquedos...

A mãe olha. O pai leva pra cama. Beijos no rostinho cansado da
brincadeira.

A mãe ajeita a coberta e pensa. Meu filho.

Minha joia. Eu ensinei a falar, a contar, a ler.

Ensinei a conversar. Ainda está aprendendo.

Mas como fala!

Criança com dificuldades. Expulso da escola.

Seu filho não vai ser nada na vida, mãe. Ele tem problema.

Lágrimas nos olhos. A mãe senta no banco do templo e chora.

Ninguém diz o que meu filho vai ou não vai ser.

A revolta é a alavanca da ação.

Levantou e foi à luta.

Poeira devidamente sacudida: médicos, neuros, psis, fonos e
outros mais.

Autismo.

Terapias, tratamentos e orações.

Tô cansando...

Evolução!

Fala, fala, fala...

Aulas de inglês!

Como aprende rápido!

Desenha, desenha, desenha...

Quero desenhar, me dá papel, lápis, borracha, cadernos!

Sei que tem muitas coisas ruins na vida do homem. Mas na vida da criança que encontra pelo seu caminho homens bons, tudo fica ótimo, e é incrível como a vida fica linda...

Nathan Pinheiro Fernandes
Turmalina, MG

Sabe o que estou imaginando agora? Uma prateleira de mercado. As melhores marcas são mais caras, as mais comuns, mais baratas. Será que os alunos com as melhores notas serão os melhores cidadãos? Até quando vamos rotular nossos alunos com números, como preço de mercadorias?

Maira Kruger Becker
Cristal, RS

Diga a verdade,
mas se a verdade for dolorosa
diga de maneira delicada.

Douglas Hansen
Jaraguá do Sul, SC

*Curso de desenho!
Escola, nota 10, só notas boas!
Que orgulho!
A mãe sorri, beija e dá um cheiro no pequeno.
Delícia da mamãe!
Respira fundo. O caminho é longo.
Boa parte já percorrida.
Alegria no coração.
Ninguém diz do que o meu pequeno é ou não capaz.
Eu posso, ele pode muito mais.
Amor, fé, luta e perseverança.
Vai, luta, luta e alcança!*

BÁRBARA de Aguiar Barbosa Garrett
38 anos
Rio de Janeiro, RJ

Meu aluno, meu espelho

Gosto de coisas que brilham, pois carregam mistérios, prendem a atenção, acalmam e ao mesmo tempo despertam. Algo mágico que reluz ao olhar, que nunca vê o fim, reflete. Então, muitas vezes me pego conversando em frente ou com o espelho.

Tanto é o prazer, que revejo rapidamente momentos vividos, bem ou malsucedidos. As imagens são entrecortadas por sons e vozes. Encontro perguntas e respostas e me vejo.

Há muito sou professora de alunos que, embora sejam colocados em situações de desvantagem, são os responsáveis pelo resgate de momentos de verdade. Fizeram-me reconhecer como criadora de significados, sentir a relevância da interlocução para que esse significado seja construído e as relações harmoniosas garantam a sua compreensão. Percebem-se a si mesmos e retomam várias informações que foram acumuladas ao longo da vida, uma história de vida.

Recordo uma experiência com duas pessoas cujo propósito era ler. Durante nossa convivência, presenciei em seus rostos o largo sorriso, aquele que franze a cara toda, no qual os olhos, apesar de espremidos, brilham. Em que a boca se abre num eco gostoso. Presenciei em seus rostos o choro carregado de emoção, que franze a testa, que vem do fundo, numa respiração ofegante impedindo a finalização da palavra.

Quando conheci “Ouro”, ele estava concluindo o Ensino Médio. Não sabia sequer segurar corretamente o lápis, mal podia discorrer sobre a folha. Ele era duro para escrever, duro para andar e duro para falar. Um vulto identificado pelas pessoas como esquisito. Sempre cabisbaixo, passava pelos corredores como se fosse um boneco de cordas. Não fitava o olhar, e se falava desandava em muitos assuntos ao mesmo tempo — sem coesão, sem coerência, com erros de linguagem, trocas. Percebi que se tratava de um desafo por ficar tanto tempo imóvel, dormindo sobre a mochila. Chegou a mim sem vontades.

“Prata” ia à escola com interesse voltado para a merenda, comia três pratos “disco voador”. Era a atração da comunidade escolar. Nas maçãs do seu rosto formavam-se profundos sulcos, olhos estatelados e fundos, ausência de contato, dando a ideia de olhar através de. Suas mãos sujas entregavam a função que exercia. Sempre era encontrado nos arredores da escola recolhendo materiais recicláveis ou ajudando a limpar as barracas no fim de feira. Certo dia alguém o convidou a ser aluno. Passava o tempo preenchendo uma

Palavra-ônibus é treco, é coisa, é trem, é coisar, é troço, é legal, é fulano, sicrano e beltrano.

Palavra-ônibus é palavra em que cabe um sem-número de significados e ideias mais ou menos vagas e mais ou menos afins.

Na hora em que a memória falha, a gente chama as palavras-ônibus para não ter que interromper o fio do que está dizendo.

Ou então para fazer de conta que sabe quando não quer passar vergonha.

Vamos cuidar da vida!

Eis a causa de minhas preocupações: sou uma criança, não me incluo e nem me excluo dessa situação.

Teilor Matos da Silva
Videira, SC

Preciso saber quem sou para reconhecer no outro quem ele é.

Vanusa dos Santos de Jesus
Poções, BA

Vida com fome, sem educação e saúde é uma concha vazia.

Maria dos Santos Bezerra Gomes
Monsenhor Hipólito, PI

folha com pauzinhos e bolinhas. Quando chegou a mim, dizia – “Craro que sei escrever”, e mostrava, 1010. Admitia não saber ler. Na verdade não nomeava, não descrevia paisagens ou contava histórias, sequer sequenciava-as. A fala era de difícil compreensão – lembra das maçãs do rosto? Assim como Ouro, não lhe deram oportunidade, na idade certa, de se expressar, dialogar, se movimentar; apenas ouvir.

Uma das professoras de Prata me procurou, sugerindo trocar Prata por dois outros metais, que além de mais em conta, renderiam mais. Diante dessa oferta me tornei surda, cega, imóvel. Encorajada, aumentei os contatos com Prata.

Depois de muitas retomadas, trabalhei com áreas relacionadas, novas estratégias, como folhear livros, ler figuras, ler pessoas, muito diálogo, sentir emoções. Vi Prata dar novos significados aos pauzinhos e bolinhas. Vi Ouro chorar ao juntar as letras da palavra AMIGO. Dei-lhe forças para conseguir concluí-la, e quanta foi a emoção minha e dele diante da descoberta. Vi Prata pegar a pasta com seu nome em meio a tantos outros. Fitou-me nos olhos, pegou uma folha e escreveu, LUCIANO, em seguida pronunciou LUCIANO gaguejando, num tom bem alto completou: “Pensam que sou burro. Olha aqui, este é meu nome”.

Vi Ouro no corredor da escola cumprimentando um amigo “Aí, beleza?” Com aquele encontro de soquinhos, positivo e aperto de mãos. Virou-se para mim e disse “Te contei que na aula da professora falei sobre gases que vi na oficina do meu tio? Que hoje escrevi meu nome na folha da professora?”

Para Luciano e para Ouro a jornada continua, são pessoas que brilham.

E para todos nós resta saber se já aprendemos a escrever nosso nome — Professor.

EDUARDA Maria Normanton Ladeira

53 anos

Jundiaí, SP

1º lugar

CATEGORIA 5

‘É bonita, é bonita e é... bonita!

Assim como perguntou o sábio Gonzaguinha em uma de suas canções: “O que é a vida, meu irmão?” Talvez ele não seja o único a não ter a tal resposta para esta tão complexa pergunta. Se o ilustre Gonzaguinha optou em ficar com as respostas das crianças, eu decido então cuidar dela com a visão do mundo de hoje. Como cuidar da minha vida quando tantas pessoas já se encarregam disso?

Não é mais novidade que hoje pessoas se descuidam de suas próprias vidas pra se dedicarem a de outros, este fato é tão certo que hoje existem até canais e horários certos para isso (*reality shows*), e se esbaldam completamente, perdendo horas, minutos, enfim, momentos preciosos de suas vidas, levando à sério aquele ditado que diz: “A grama do vizinho é mais verdinha...” Se por um lado uns cuidam afoitamente da vida alheia, há outros que vivem em um “mundinho só seu”, onde nada mais os interessa, vivem só para si, só para seus próprios interesses, e nada, nada os faz enxergar a situação muita vezes deplorável do próximo. Por outro lado, esquecemos tanto de nossas vidas, tomamos ou damos certos rumos a ela que acabamos por perder o controle dela, esquecemos dos nossos valores, tudo aquilo que aprendemos no decorrer de nossa vida, esquecemos de nossas bases familiares, que quando acordamos já não temos mais as rédeas de nossas próprias vidas e então caberá a um promotor, um juiz determinar para onde iremos e por quanto tempo ali passaremos. Ainda assim, mesmo em tais circunstâncias, mesmo no lugar onde estou nada está perdido, pois ainda temos uma escolha a fazer: cuidarmos de nossas vidas (agora de modo correto), e quem sabe no meio de tantas dificuldades teremos olhos de amor, mãos de bondade e coração de compreensão, para com boas intenções cuidar de forma correta da vida dos outros.

Numeramos para indicar quantidades exatas ou posições numa ordenação. Com os **numerais** fracionamos, multiplicamos, operamos, computamos, monitoramos, agrupamos, e acabamos achando que temos o controle na mão. Mas tem hora que os numerais assustam: quanto falta, quanto resta, quanto tempo... Ah, os números de contar o tempo, essas palavras que acabam com a nossa falsa sensação de eternidade...

PATRÍCIA Oliveira Cândido

27 anos

São Paulo, SP

Fragmentos humanos

Suspense deixa o leitor pendurado, ansioso, querendo adivinhar e desconfiado da própria adivinhação. Suspense é um artifício que se usa na escrita, no teatro e no cinema — e também no bate-papo — que consiste em retardar a ação com acontecimentos desimportantes para aumentar a emoção do leitor. Existe também um tipo de suspense que pega o leitor desprevenido, achando que já tinha entendido tudo e só faltava ver como ia acabar, e eis que, de repente... Quando alguém escreve usando intencionalmente essa técnica, a vontade é de bater palmas no final.

Dizem que o tempo é a chave para todas as respostas, mas após as obtermos, descobrimos que o liame dos minutos são as perguntas. Dezesseis anos vividos e aprendizados eternizados, maturidade, alegrias compartilhadas... Seria o suficiente? Não. Como o sol ao entardecer, que, com seu pincel mágico, brinca de fazer pinturas no céu, a memória colorida, bem lentamente, traz a lembrança de uma mão a tocar a superfície de uma pele sedosa como as nuvens, de um sorriso que foi, em todos os segundos de duração, a porta do paraíso, de um abraço que era o abrigo das tempestades uivantes do mar a sacolejar. Foi naquelas palavras e nos gestos meigos que se descobriu o amor e a loucura intrigante de viver, olhavam aquelas noites arcanas regidas ao fundo pela orquestra sinfônica do cricri dos grilos, e a lua no recôndito desenhava em sua superfície um homem a segurar as mãos de um pequeno ser. Nesses instantes da infância, o mundo circundante era sentido com um leve toque de dedos, como o sabor dos primeiros doces a provar. Papai Noel um dia pulou a chaminé e veio trazer presentes. Ao abrir os olhos de longas horas de sono, foi correndo em direção a lareira, o coração batia rapidamente como o pêndulo de um relógio, ah que surpresa! A boneca dos sonhos estava dentro de uma caixa rústica, mas que se tornava um deslumbrante embrulho, naquele momento foi o melhor presente... Nesse recinto estavam mesclados os ingredientes dos sentimentos que muitas vezes desafiam a razão, tida como a mãe da existência para alguns. Quando se adormece e as imagens

É preciso inovar sim, mas será que inserir máquinas nas salas é garantir desenvolvimento de aspectos fundamentais da formação humana como a solidariedade, a sensibilidade, o companheirismo?

Rosana de Souza Pereira Carvalho
Rio de Janeiro, RJ

O primeiro passo para quem quer cuidar da vida é alforriar-se do sistema, e de si próprio.

Lucia Carolina Raenke Ertel
Sinimbu, RS

Não é preciso que ele veja o mundo como você vê, nem que distinga formas, rostos e cores com o olhar, mas é preciso vê-lo acreditando que é capaz de enxergar de outro jeito.

Fernando Gomes de Araújo
Bom Jardim, PE

oníricas se tornam realidade, o cerne da visão são pequenas luzes avermelhadas contornando os delicados galhos de um árvore já idosa, mesmo que brevemente, e uma face familiar, com aquela voz que soava como canção de ninar, sorri e diz que não há um fim, que tudo recomeça, pois as verdades impostas a nós se desfazem como pó ao retornar à terra, que o universo é um enigma que nossa frágil condição não nos permite alcançar. Foi assim durante estes anos, em que o futuro cogitado de repente chegou. Veem os olhos deixarem góticulas cristalinas rolar, lavando o que restou daqueles dias passados que se fazem presentes. Sufoco o grito, e por meio destas palavras lhe digo: me ensinaste a buscar a essência de meu eu, com você descobri o que é cuidar da vida, onde estiver saiba que os efêmeros anos que estivemos juntos foram suficientes para me lapidar. Pai, agora humildemente repasso seus ensinamentos, com um poema fragmentado de páginas envelhecidas do livro que escrevemos, que, como o vento, estará em qualquer lugar, mas somente o notaremos se pararmos para senti-lo.

TALITA Sabrina da Silva
16 anos
Patrocínio, MG
3º lugar

•Maria–Maria

Em grego, *Kosmos* é mundo e *Polis* é cidade. Cosmópole, então, é cidade-mundo, onde convivem um número enorme de habitantes vindos de outros países. Com a chegada da internet, a Cosmópole se espalha, onipresente até no sertão mais remoto. **As palavras da Cosmópole** nem usam mais passaporte e se instalaram confortavelmente em outros idiomas como se estivessem em casa. São palavras “cidadãs do mundo”, e a gente até esquece que têm outra nacionalidade: show, site, mouse, e-mail (do inglês), nissei (do japonês), abajur, buquê e hors-concours (do francês)...

De vestido e rosto brancos e sem enfeites. Contava anos entre a adolescência e a madureza. Quando descrita através do rótulo, Maria-Mudinha. Viveu o inverno durante longos anos. A surdo-mudez foi uma bandeira hasteada no pátio da vida de Maria. Não; bandeira, não. Bandeiras voam com o vento. A deficiência de Maria não tinha asas; era um peso, um estorvo. Tal como quando ia à feira e não podia reclamar do preço da melancia. Punho dolorido, voltava com a sacola pesada. Como a alma. No caminho, cortava a praça. Via borboletas azuis, e sobrevoava com elas o canteiro de margaridas bem-me-quer mal-me-quer bem. O moleque trazia cajus num balaio de taquara; ela oferecia moedas em troca dos cajus, e nem esperava o troco. Sentia o gosto da fruta escorrendo no queixo, derramando no decote; lambia os dedos. Percebia, sob os pés, as vibrações dos instrumentos no coreto; via o vento tocar o carrilhão; embalava-se. Apanhava o pássaro-preto, as mãos quase fechadas acarinhavam-no. Mas ela não podia propagar aquelas sensações, nem reparti-las com as crianças pedintes. Diga às crianças, Maria, diga que as flautas assobiam, que os tambores rufam... Maria! O menino ruivo furtou os cajus! Grita, Maria!... Frustração. Um martelo estilhaça um diamante. Cacos cravados na planta do pé. Sangue. Ferida purulenta. Aflição. Caju verde travando a língua. Sacola pesada. Olhos cheios de dor. Não sem tempo, a primavera chegou, tocando realejo naquele pátio. O sol a pino, um dia sem nuvens, flores de cheiro abotoando. O periquito bicou uma papeleta e profetizou, inquisitivo, à Maria: “Quem és tu, ó célebre imagem do avesso? Conhece-te a ti mesmo? Tu te esqueces que és bem-aventurada? A surdo-mudez não é tua adversária; é tua amiga morta. Não chores pelos finados. Abraça os amigos vivos; emociona-te com eles. Varre o lodo dos teus ouvidos e ouve o que os livros têm a dizer”. Maria-Mudinha, atônita, caminhou até a esquina e... no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra... Maria perdeu o rumo... ganhou o mundo, com Viramundo. Conheceu novos aliados, também surdos-mudos, apesar das orelhas. O peso da sacola tornou-se leve. Abriu as mãos, e o pássaro-preto recobrou

**Precisamos transformar
informação em sensibilidade.**

Alessandro Fidelis de Brito
Florida Paulista, SP

**Vejo que esta “minha” gente
está vindo por aí preparada,
ou se preparando, para cuidar
de outras vidas.**

Maria Elizabete Senna Morais de Souza
São Bernardo do Campo, SP

**E os filhos? Se os temos, eles estão
lá. — Lá onde? Em casa ou na
escola sendo educados por alguém
que não somos nós.**

Rosyvane Arguelho Vasques
Jardim, MS

**O caminho me parece comprido,
pois o meu desejo de aprender é
maior do que o caminho da escola.**

Ana Cândida dos Santos
Goiânia, GO

a liberdade. Foi encontrar-se com o sabiá, na Terra das Palmeiras. Maria e os livros: todos com sede de companhia, com necessidade de diálogo. Ela, até então, siamesa da deficiência. Eles, simples razão das traças. Agora, uma sociedade justa e igualitária. Em meio às tramas, Maria tornou-se protagonista da própria vida. Vasculhou as entranhas e descobriu outro diamante — mais precioso do que aquele que se perdera. Maria mudou-se para O Cortiço. Conheceu um povo ora amigo, ora contencioso, cujo suor do trabalho ardia-lhe as narinas. Foi vizinha de Rita Baiana, e com ela aprendeu a saracotear, a namorar e a beber cachaça. À certa altura, Maria, inconformada com a sina de Bertoleza, destratou-se com João Romão; fez as malas, foi para Itaguaí, em visita à Dona Evarista, que estava em profunda melancolia, comia pouco e suspirava muito. Ao cabo de pouca prosa, Maria tomou para si os reclamos da enferma. Ousada, enfrentou O Alienista, então concentrado na leitura: “Doutor Simão Bacamarte, se é certo que Dona Evarista goza de condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, acaso pensa que filhos brotarão dos muros da Casa Verde? Ora, Dona Evarista precisa ser descoberta, desgrenhada, amada. Corre depressa para sua casa, a verdadeira; dos loucos, cuido eu!” O alienista fechou o livro, olhou nos olhos de Maria; julgando-a doida, intentou, em vão, recolhê-la à Casa Verde. De um salto, Maria fincou os pés na casa da chácara de Brás Cubas, em Catumbi. À mesa, candelabros acesos, Brás galanteava Eugênia. Uma ponta de inveja picou Maria, pelo que Brás, dando as costas à cortejada, parodiou ao seu ouvido: “Por que bonita, se muda? Por que muda, se bonita?” E este é só o princípio de longos diálogos que põem termo à solidão de Marias, tornando-as alegres, leves e inteligentes.

GISLAINE Buosi Fechus Monteiro

44 anos

Pouso Alegre, MG

Hors-concours

© Nelma Guimarães

PASSOS
PARA VIVER
CUIDANDO
DA VIDA

ensibilizar para o cuidado

(porque cuidar requer fazer o que é preciso, e não o que se quer):
mudar o jeito de olhar, olhar de fato,
ouvir, farejar, tocar, captar, perceber
o que se passa, considerar o outro,
desacomodar-se, desconstruir,
arriscar, recuperar liberdade
de pensamento, imaginação
e criação

Escutem...

Quem ouve escuta? Quem escuta ouve? Se a gente perguntar ao dicionário, à primeira vista pode achar que sim, porque “ouvir” aparece nele como sinônimo de “escutar”, e vice-versa.

Sinonímia é o nome dessa relação de sentido muito próximo entre palavras. Mas MUITO PRÓXIMO não é IGUAL. São poucos os sinônimos absolutos, perfeitos, que podem ser usados em qualquer circunstância sem alterar nadinha do sentido, como “asno” e “burro”, “enfermo” e “doente”, por exemplo.

Ouvir e escutar são sinônimos relativos: têm sentidos parecidos, mas não iguais. Ambos têm a ver com a audição e dela dependem para acontecer. Ouvir é perceber os sons com o ouvido. Escutar é ouvir com atenção, tomando conhecimento do que se ouve; é ouvir e deixar-se modificar por aquilo que se ouve. Então, quem escuta sempre ouve; mas quem ouve nem sempre escuta: escutar é ouvir com cuidado.

“Roda porungo que nunca rodou, uma velha no meio porumpum-pum.” Ele repetia essas palavras e mexendo suas mãos simulava como a onça pulava e atacava o estranho objeto encantado, e, fazendo caras e bocas, tentava mostrar-nos como a menina se sentia dentro daquele fruto enorme de casca dura. Ficávamos aflitos, pois tanto eram os detalhes que a emoção nos tomava conta. Nós até sabíamos o fim da história, tínhamos certeza de que a menina chegaria à casa da mamãe, intacta, sã e salva, com o pó de café que havia ido buscar na casa da vovó. Mas não importava, era delicioso deitar-se juntamente com meus irmãos, na cama ou no chão da sala, e ouvir mais uma vez um rol de histórias que iam sendo desfolhadas de sua mente. Lembro-me que meu coração acelerava de ansiedade, e às vezes ficávamos na disputa para priorizar o conto que ouviríamos primeiro. E lá estava ele, na sua simplicidade, disposto a nos recontar aquilo que também seus pais contaram em seu passado. Naquele momento ele era o Livro, o guardador dos contos, inovador do tempo, criador, pois, no nosso entusiasmo por mais uma história, ele acabava criando e outras vezes aumentando uma que já existia, para que não ficasse igual à outra do dia anterior.

Ele não sabia ler, malmente escrevia seu nome, mas guardou e guardava as conversas que ouvia e as transformava em causos. E lá estávamos todos, ao seu redor, na noite, para rirmos e nos emocionarmos com suas narrativas mirabolantes. Lembro de como imitava o barulho do vento, o som da chuva, dos animais da mata, embargava e mudava a voz, e com o som cava passava a remedar o povo do seu tempo. “Escutem.” E de repente ao nosso lado estavam Nhô Carro, Zória, Sinhá, Nhô Totó, Chica, Zeca, Framínio, Cota e muitos outros que meu pai, em sua pura modéstia, ressuscitava dos cafezais, revivendo-os intensamente, como um mestre da narrativa.

Homem que veio da roça à cidade, com as dificuldades e a pobreza em que viviam a maioria dos analfabetos, com emprego, mas com mísero salário. Família grande, seis filhos, todavia não desanimava, a alegria e a preocupação conosco superavam os desalentos do momento.

Não sabia tocar violão, mas com a voz desafinada dava suas batidas nas cordas do instrumento, e as toadas iam surgindo leves, alegres, outras até tristes, porém para nós era tudo divertido e fascinante. “Escutem.”

**Simplesmente permitir
que as nuvens brinquem
com o nosso olhar.**

Alessandra Soares de Sena
São Paulo, SP

**Louvido o inventor da borracha
que limpa, que apaga.**

Indiana Tedesco Saugo
Paraíba, RS

Dê uma chance para seu lado bom.

Milen Slavov Andreev
Itaí, SP

**Vamos cuidar bem da nossa
professora. Se ela tiver
alguma dor vamos agradá-la,
não fazendo barulho.**

Henrique Romão de Oliveira
Belo Horizonte, MG

Não sabia tocar violão, como já disse antes, mas sabia afiná-lo como um profissional, fazia seus acordes, ia mexendo as clavículas, dedilhava as cordas próximo ao ouvido. Logo dizia: “Está bom, escutem”. E realmente estava.

Sabia ler o tempo, “Vai chover”, o barulho da chuva, dos trovões era melodia aos seus ouvidos, tinha um carinho especial pelas aves, pelos insetos, respeitava as formigas, não queria que destruíssem a teia das aranhas... Sabia identificar o canto dos pássaros... “Escutem”, e ficávamos atentos.

Ensinou-nos realmente muita coisa, não como um professor, e mais além do que um pai, mas como um amigo que queria dividir o seu alimento, o seu sonho, o seu desejo: amar a vida na sua simplicidade, nas pequenas coisas, na história, na observação, na excelência de ouvir.

Um singelo homem da roça, mas que sempre cuidou da vida, valorizando o ser humano e sabendo selecionar o conhecimento, dando sentido e significância ao seu passado, se esmerando muito, principalmente, em um dom da vida.

— Escutem...

SEBASTIÃO Aparecido da Silveira Moraes

46 anos

Salto, SP

3º lugar

CATEGORIA 5

Caminhos para ver e ser

Havia um menino que não lia. E, por que não lia, pensava que não sabia.

Mesmo pensando que não sabia, ele conseguia fazer do seu mundo um lugar como poucos. Porque seu olhar não se prendia nas letras dos livros que ele tanto amava. Navegava por imagens, cores e formas o levavam a um lugar incomum, repleto de fantasias ditadas por sua imaginação.

Havia uma moça. E ela sabia.

Onde ficavam os livros, como encontrar as respostas, como diminuir a dúvida, como ordenar tudo, de modo que quem queria saber, com sua ajuda, encontrava o caminho.

Ele não lia as palavras. Lia as figuras.

Ela achava que livros assim não eram importantes. Onde já se viu, precisar de tanta cor e tanta figura, quando as palavras é que deviam ser valorizadas, para ensinar quem não sabia, para educar quem precisava.

O menino que achava que não sabia, de uma coisa sabia muito bem: onde moravam os livros.

Sempre entrava lá e deparava-se com a moça, envolta em regras e códigos, organizando tudo para que ninguém ficasse sem saber. Pois para ela tudo deveria ficar no lugar certo, na ordem alfabética, numérica, alfanumericamente ordenado.

Um dia, o menino estava lá onde os livros moravam. E percebendo um livro fora do lugar, correu para entregá-lo à moça organizadora.

— Já li esse livro — disse o menino — e gostei muito. É meu livro preferido!

— Pois eu não gostei — disse a moça, séria. — Pouco texto, muita invencionice. Não é um livro sério.

— Quero esse livro de novo — disse o menino, com um sorriso.

A moça emprestou o livro, achando estranho alguém se interessar por um assim, tão pobre em palavras.

O menino, que gostava da moça sem imaginação, pensou em lhe fazer uma surpresa. Ele queria que ela também visse o que ele via naquele livro colorido.

Então, durante toda a semana, o menino desenhou em seu caderno tudo o que o livro lhe contava: a vida das fadas, as brincadeiras das crianças, as poções das bruxas, os vestidos das princesas, a floresta dos bichos, as aventuras do príncipe.

**Há uns dias já foi,
a uns dias será.**

Quanta gente sofre com a mistura de passado e presente, por causa dessas duas palavrinhas que soam idênticas mas são bem diferentes no tempo e no espaço!

“Há” tem a ver com o tempo passado. Há uns dias, já foi. “Há” é verbo (haver) e olha para trás.

“A” tem a ver com o tempo futuro. Daqui a uns dias, daqui a 20 minutos, será. “A” também tem a ver com o espaço — lugar e distância: vou a um lugar que fica a 100 quilômetros daqui. Esse “a” é preposição e olha para a frente e para os lados...

Vamos cuidar da vida!

Vejo a neblina tocar minha janela
no fim do que fora uma longa tarde.
Procuro as estrelas no céu —
não as vejo.

Penso que a neblina está sendo
egoísta em escondê-las para si.
Ou quem sabe é apenas a noite
preguiçosa em cumprir sua tarefa
— e que fascinante tarefa! —
de substituir o já exausto dia.

Jackson Agra Cunha Júnior
Campina Grande, PB

O que é este encantamento que
perdura, desde que aprendi a ler
o que no mundo vejo?

Edineia Jurema Ramos Antunes
Adrianópolis, PR

A maior prisão que podemos ter
na vida é quando descobrimos
que somos aquilo que os outros
gostariam que fôssemos.

André Panceri
Tangará, SC

Levou seu caderno de desenhos junto com o livro para devolver. E disse à moça que ordenava que tinha arrumado um jeito de fazer com que ela gostasse de seu livro preferido.

A moça viu os desenhos do menino. Depois leu as palavras do livro, e com um sorriso perguntou:

— Mas de onde você tirou tudo isso? Não está escrito nada disso aqui!

— Claro que está. Eu não li, mas vi tudo isso. O livro me contou. Aposto que agora você também vai gostar desse livro tanto quanto eu.

A moça sorriu novamente.

Largou seus códigos e suas listas alfabéticas e sentou-se com o menino.

Leu com ele e para ele.

Retribuindo, mostrou o que ele não tinha visto nas letras. Porque o menino tão generosamente tinha mostrado o que ela não tinha visto durante toda a vida.

O tempo foi passando e a amizade foi crescendo.

Um cuidando do outro, cada dia um pouquinho mais.

Ele pouco depois estava lendo. Então soube que já sabia.

Ela em pouco tempo se habituou a ver.

Aquele encontro fez mudar a vida dos dois.

Eles descobriram que podiam saber mais, descobrir além do que pensavam que já sabiam.

Porque quando há alguém para ir junto, fica mais fácil trilhar o caminho.

LILIA Virgínia Martins Santos

40 anos

Belo Horizonte, MG

© Nelma Guimarães

A pontuação que faz a escrita dançar

A fala tem ritmo e melodia, tem volume, intensidade. Entra no ouvido como música: sobe, interrompe-se, faz pausa, põe mistério no ar, separa, salta, anima, acalma... A escrita, não. Por isso, é preciso pontuar. A **pontuação** é o jeito de reconstituir na escrita o canto e a dança da fala. Com a pontuação, as palavras escritas **◇** anunciam **?** duvidam ou interrogam **!** se espantam, se animam, se indignam **()** explicam **[]** entram nas palavras alheias — dialogam e isolam **;** enfileiram-se **◆◆** fazem mistério e dão lugar à imaginação **“”** citam e ironizam **◆** se encerram.

Bosque das Maravilhas, tempo de coisas de encantar

Querida Jabuticabeira:

Hoje me lembrei do dia em que te plantei; foi num dia lindo de céu azul. Você já era uma muda um pouco crescida: cuidei de você, coloquei água e te dei carinho, então apareceram flores delicadas, cheirosas e... dias depois as primeiras jabuticabas. Aquelas bolinhas roxas eram e até hoje são deliciosas. Você é uma lindeza; eu cuidei e ainda cuidei de você: dando água, afofando a terra, arrumando seus galhos. Hoje você abriga muitas famílias de bichinhos — quando te plantei estava dando mais uma árvore para a mãe Terra. Seus frutos deram uma cor mais alegre e um jeito gracioso para meu quintal. Quando bate aquela vontade de olhar o céu, já penso naquela vez que subindo nos seus galhos nós olhamos o céu juntas. Você me deixou mais pertinho das nuvens. Eu agradeço ao Sol que deu a luz para te fazer crescer e continua te alimentando e cuidando de nós. Agradeço à chuva que te refresca e alimenta trazendo de volta toda água. Mas eu agradeço principalmente a você, que me ensinou a cuidar da vida!

Um grande abraço ao redor de seu tronco,
Andrieli.

ANDRIELI de Mello
10 anos
Santa Cruz das Palmeiras, SP

Querida Branquinha

Barbacena, 29 de junho de 2011.

Querida Branquinha,

Espero que você esteja bem.

Você passou por muitos perigos, você devia ter se protegido melhor.

Por que você não conversou com sua madrasta? Você não ia ter passado por tantos perigos.

Branquinha, sorte que você está sã e salva.

Sorte que os sete anões tiraram o pente do seu cabelo. Quer saber o que eu faço para proteger minha vida? Não sair de perto da minha mãe, não falar com estranhos e não aceitar presentes.

Você se arriscou muito. E se engasgou no final, mas sorte que o príncipe te salvou.

E no final a sua madrasta morreu e você e seu príncipe viveram felizes para sempre. Sorte que sua história é um conto de fadas, que se fosse real ia ter muitos perigos e você podia até morrer.

Te convido para ir na minha casa.

Beijos da sua amiga,

Clara.

Indicativo e subjuntivo

Passado, presente, futuro. Foi, é, será. Antes, agora, depois. Passou, passa, passará. Assim é o tempo natural, assim é o modo indicativo.

Na gramática do cuidado, como na gramática da língua, as coisas se complicam um pouquinho mais com possibilidades, incertezas, pedidos, dúvidas, vontades, condições...

Assim é o modo subjuntivo, que subordina os fatos uns aos outros e serve para que os humanos expressem o possível e o desejado.

CLARA Abrão Moreira

7 anos

Barbacena, MG

1º lugar

CATEGORIA 1

Morte do que é vivo

Se eu tivesse um coração, colocaria todos esses minuciosos
acontecimentos na maior gaveta da minha mente.

Se eu tivesse um coração, derramaria uma lágrima
para cada suspiro que anuncia um novo fim.

Se eu tivesse, ah, se eu tivesse sentiria tudo por não sentir nada.

Mudaria as cores da minha parede, pintaria quadros cheios de
mim e cheios dos outros.

Faria de uma risada um capítulo alegre de uma vida plena.

Mudaria minha rotina, meu agir, meus hábitos e meu tom.

Se eu tivesse um coração faria serenatas ao sol,
brindaria o olhar de uma criança ao ver o mar,
grudaria asas nos meus pés e viajaria até a Lua.

Se eu tivesse um coração.

Sinto uma falta.

Um buraco.

Sinto-me oca.

Sinto falta do oxigênio circulando por meu corpo.

Sinto falta daquele velho espírito de luta e coragem pueril.

Sinto falta das batidas ofegantes depois de um momento de
grande prazer.

Como aquele dia, quando ganhei meu primeiro jogo.

Ou como quando me apaixonei pela primeira vez.

Como quando senti que algo valia a pena.

Como quando presenciei o silêncio e o grito de uma nação
inteira.

Unidos.

Como quando me senti muitas em uma.

Quando minha inocência permitia ver o mundo de uma forma
colorida e pura.

Eram tempos maravilhosos pra mim.

Quando raízes quadradas de divisões sociais baseadas nessa
maldita evolução suja não importavam.

Quando tudo que eu queria era cantar e dançar com quem
estivesse disposto a me acompanhar.

Quando meus ouvidos estavam mais atentos ao canto dos
pássaros que ao barulho de um cano de descarga de um carro.

Quando meus olhos procuravam nuvens em forma de unicórnios
nos céus, e não estavam grudados em uma tela de computador.

simplicidade complexa:

nunca subestime o poder
dos antônimos

gramática melodramática

palágrimas do triste artista

artriste poeta

que sabe que tudo vira rima
e passa

que o apreço só vem tarde
e de graça

que o que se paga pelo
anseio é uma vida

o que não é muito —
uma vida às vezes até curta

o que não é nada,
uma vidinha de nada

vidinha mais barata o sr. não
encontra

em nenhum outro lugar
nessas paradas!

e isso tudo só pra chamar
atenção

pro seu mal

(se fosse mãe maltratava
o filho no hospital

se fosse líder chorava na tevê
pedindo perdão)

grita, poeta

— arre!

e vai fazer feijão

Renata de Andrade

Vamos cuidar da vida!

Quando eu passava as tardes lendo as aventuras da Turma da
Mônica, e não dormindo pra não ter que mentir sobre a minha
felicidade.

Quisera poder voltar ao tempo em que nada me parava.

Muito menos o fato de não saber o que encontrar.

Quando o mundo não era mundo.

Não pra mim. Não pra toda a minha ignorância.

Mas agora que reconheço que nada posso saber,
todas as ideias apresentam-se difusas, como minhas visões

retorcidas

depois de uma noite de pesadelo.

Não sinto.

Sou o fantasma alucinado a me atormentar,

sou as correntes se arrastando na pedra que tenho no peito.

Preferi os muros altos e seguros que constituem meu sangue

capitalista

a encarar o mundo onde a vida morreu.

Assim como eu.

Quisera eu saber que a vida é mais do que aparenta e menos do

que acredito.

Se eu tivesse um coração, ele se abriria ao mundo.

Mas eu só sou mais de uma.

Procuro algum nexo, mas veja no que eu me transformei:

Mais uma abelha operária no meio de uma colmeia cheia de

hipocrisia.

O sistema me corrompeu e agora não sou capaz de amar

verdadeiramente.

Agora, joguei todo aquele espírito de outrora no lixo,

e por ser mais uma, me torno nada.

Sou o retrato do mundo.

O retrato dos que apunhalaram e derrubaram, mas que também

foram apunhalados e derrubados.

O retrato dos que trocaram amor por ganância.

O retrato dos que acreditavam tanto numa vida melhor que se

afogaram nas próprias ilusões.

Vamos mudar o mundo!

Paz!

Revolução!

Marcha-rumo-ao-nada-muito-melhor-que-o-tudo.

Bobagem.

Usaram armas piores que bombas, metralhadoras, canhões,

Viver sozinho nos dá tempo para
pensar, perceber, refletir. Viver
na rua ativa a percepção humana,
fazendo notar pequenos detalhes
que antes passavam despercebidos.

Sara Broll Zanini
Ouro, SC

Tudo anseia por vida
Alguns sem verbo ou sem fala.

Odair José
Serra Azul, SP

chicotes, fuzis, granadas
e todas aquelas outras porcarias derivadas do avanço para nos
parar.

Usaram palavras.
Devoraram nossas vidas, mas dizem que querem salvar o
planeta.

Teoria. Palavras que nunca saem do papel.
Os discursos parecem totalmente claros pra você?
Somos todos filhos da cultura pós-moderna, consumista, fragmentada,
alienada, interligada e sem capacidade de pensar.
Devoraram nossas vidas, mas dizem que querem salvar o
planeta.

Teoria. Palavras que nunca saem do papel.
É o que eles querem de nós.
Somos o fruto de tudo o que eles plantaram.
Cedo ou tarde, tudo volta.
Pois sinta agora toda essa maldade descarada soprando no teu
rosto. Sentiu?

São os mesmos ventos soprados por ti.
Quando você não sorriu para uma criança.
Quando você não estendeu a mão ao mendigo miserável.
Quando você não escutou o velho sentado naquela cadeira de
balanço.

Quando você cuspiu no prato em que comeu.
Quando você cortou aquela árvore e a transformou numa mesa
maior e mais bonita.

Quando você não cedeu o lugar no ônibus pra moça grávida.
Quando você olhou alguém por cima.
Quando você desonrou sua família.
Quando você negou sua raça.
Quando nós desprezamos o mundo.
Quando nós esquecemos nosso Deus.
Se as palavras não tivessem roubado meu coração...

LORENA Miranda de Carvalho
17 anos
Manhuaçu, MG

Cuidar da vida é saber a hora
em que se tem razão.

Andreza Moreno dos Santos
Pacajus, CE

Reescrever não posso. O que
ensinamos não é neutro, fica
gravado de forma indelével!
Mas posso fazer uma releitura:
ver as entrelinhas, atribuir novos
significados, mudar algumas
vírgulas antes de colocar o ponto
final neste texto que há muito
inicie. Bem bonito.

Bernadete Mônica de Lourdes Valadares
Felixlândia, MG

Vamos cuidar da vida!

Religar-se para cuidar

(porque cuidar não se faz sozinho): reunir-se; reunir ideias, pessoas, mundos separados; congregar; buscar semelhanças e pontos em comum

‘Uno e versos

As férias começaram, e a necessidade de descanso levou-me mais uma vez a um equívoco. A vã tentativa de recuperar tantas horas de sono com exageros prendeu-me na cama até muito mais tarde, e o nada que passou na tevê — em todos os canais — parecia realmente interessante.

E cada dia foi passando sem que eu replantasse aquelas mudi-nhas que dependiam de mim, o banho nos cães, os passeios curtos em família, o sol bonito nascendo e se pondo, a lua clareando as noites... Tantas pequenas coisas...

Foi já cansado de tanto evadir-me de mim mesmo que liguei o computador. Era uma sensação de embriaguez, como a de um homem que, já distante de si, insiste na “saideira”, na esperança de que esta o traga de volta à consciência.

Verificando a correspondência, no meio das correntes, de tantas ofertas e promoções, um lembrete: “Nesta semana, ... de seus ami-gos fazem aniversário. Escreva para eles”. Nem todos daquela lista eram meus amigos. Nem todos... Mas havia certamente alguns, a quem eu gostaria de... “dizer”.

O pretexto do aniversário sempre é perfeito para dizermos às pessoas que as amamos. Mal escrevia e já recebia a resposta, tudo com a rapidez que a informática gosta. Fui, então, reencontrando-me com algumas pessoas e reencontrando em mim mesmo uma maneira... de cuidar da vida.

A vida está em mim, antes de eu poder percebê-la no outro, nos lugares. É cuidando da minha alma que meu corpo ressentirá dos cuidados, e é só atingindo o outro que poderemos cuidar juntos da casa em que vivemos...

Aprender a dizer o que sentimos é conquista da maturidade. Ela, que nos reaproxima de nossos pais, de nossas origens, de nós mes-mos. Ela, que cai sobre nós como a cerração desses dias de inverno e nos lembra que talvez já tenhamos vivido mais da metade do tempo que há...

Com palavras e silêncios, com gestos e sorrisos, com ações e consciência... Nas aulas, nos exemplos, nos livros e nos e-mails, nas mensagens de celular, no vento!... Não há melhor maneira de cui-dar da vida que passa do que cuidar da alma da humanidade espal-hada nos nossos próprios corações.

Presas nas formalidades, as palavras mais espontâneas não podem surgir. Açoitados por “prezados” e “caros”, os irmãos não podem fluir. Sufocada na incerteza do “o que vão pensar...”,

Velhas palavras, nova língua

O mundo muda, a vida muda, conseqüentemente a língua muda, para dizer, descrever e explicar os novos objetos e práticas, com palavras inventadas, adaptadas, re combinadas e emprestadas de outros povos e tempos. Assim, internauta vem do nauta grego, que era marinheiro. O bug inglês passou a ser mais que qualquer tipo de inseto: virou defeito de funcionamento. Fórum era a praça central romana onde se discutiam os assuntos públicos. Arroba era uma medida antiga de peso (15 quilos) e de líquidos (16 litros). Blog é uma combinação de “web” (teia) com “log” (diário de bordo). Mouse nada mais era do que um ratinho ou camundongo.

Vamos cuidar da vida!

**Acho que o segredo da vida é este:
dar liga.**

Débora Amaro Moreno
SBCampo, SP

**Não há como negar que a felicidade
está inexplicavelmente entrelaçada
às felicidades dos outros.**

Elinilson Prudente da Silva
Tremembé, SP

**Pensando bem, se você me
perguntar como é minha vida,
vou poder te responder que tenho
muitos motivos para querer viver;
acordo com prazer e posso sentir
o calor das pessoas com quem
convivo.**

Davi dos Santos Souza Menezes
Valença, RJ

**Uma coisa é certa: o homem foi
criado para viver em bandos,
tal como as nuvens originadas
do cachimbo do grande Xamã.**

Alexandre Cavalcante Garcia
Rio de Janeiro, RJ

o sentir presente se cala. Sob a ditadura dos fones de ouvido, as pessoas se esbarram mudas como se se provocassem umas às outras.

E a vida vai passando diante dos nossos olhos, feito um rio poluído que carrega mágoas e arrependimentos, culpas e mudezas...

“Não disse o quanto eu o amava...”

“Não disse num abraço que eu estava lá...”

“Não disse numa mensagem que minha casa era sua...”

“Não disse que queria sua companhia porque...”

“Não disse...”

“Não... diss...”

“Ssss... ssss... sss... ss...”

A depressão é o câncer que nos vai matando aos poucos. Nossas crianças deixam de brincar, nossos jovens perdem o melhor da festa, e nós... bem, nós estamos viciados na confusão. Assumimos o catastrofismo destes dias com muita facilidade, e até que queremos crer no fim dos tempos. É mais cômoda a impressão de que o inominável vá nos destruir irremediavelmente: o problema é grande e complexo demais... e não se resolverá por si, nem ocorrerá com a rapidez com que nos acostumamos...

Jamais pude imaginar que a frieza de um computador pudesse me provocar a cuidar da vida, como aconteceu. É porque, na realidade, não foi ele. Foram as pessoas, sempre elas... “O Uno nos versos da multidão”, assim diria Rohden.

Não sei o que farei amanhã — não importa. Talvez nem amanhã haja, mas hoje, agora, tenho planos: há que se replantar aquelas mudinhas, o banho nos cães, os passeios em família, o sol bonito nascendo e se pondo, a lua clareando as noites... Tantas pequenas coisas de cuja falta me ressentirei...

“FUTURO” é o nome que isso tem...

VALTER de Moraes
44 anos
Biritiba Mirim, SP

Concisão é a feliz reunião de duas qualidades preciosas: a brevidade, que economiza palavras, e a clareza, que as escolhe com cuidado e paciência de artesão.

Conquiliologista

Pérolas... Pérolas, pérolas, pérolas, pérolas?

Pérolas!

Busco pérolas, incrustadas em conchas,

Protegidas da ameaça humana.

Sou um catador de conchas nobres,

Que ao abri-las descobre

A perfeição.

São raras, restam poucas

Da colheita sem critérios.

Há muitas de cultivo artificial.

Abre-se a concha e...

Bem, não é tão mal

Ao olho de um humano qualquer,

Mas para o ourives é fatal.

Percebe, num piscar, a diferença

Daquela do cultivo natural.

Cultivo conchas

Fechadas, incrustadas em mentes

Que guardam pérolas perfeitas.

Cuido com extremo cuidado,

Num trabalho criterioso.

Como o lavrador planta a semente,

Preparo o solo para o fruto deiscente.

Como o cultivador de pérolas,

Quero abraçá-lo, criar pontes,
diminuir distâncias...

Quero encontrá-lo, enfim!

Sueli Terezinha R. S. Toledo da Silva
Ilha Solteira, SP

Se, às vezes, brigo com ela,
é porque quero seu bem,
ou então porque ela me irrita
e me tira do sério.

Beatriz Quirino
Catanduva, SP

Todos amam dizer que ninguém é
perfeito, mas não deixamos nada
passar despercebido, seja bom
ou ruim; sempre fazemos algum
comentário ou uma crítica.

Mayara Yuri Scarante Takaki
Querência, MT

Eu sei, cuidar da vida não é tão
fácil como comer um delicioso
chocolate, é tão difícil como
entender a aula de matemática,
porque sempre tem uma pessoa
do bem para a gente admirar
e algum chato para atrapalhar.

Karen Isabela Borges Barreto
Joselândia, MA

Implanto o grão de areia.

A gestação é lenta,

Dias,

Meses,

Anos...

Cuido, cuido com cuidados de mãe protetora

Que defende sua cria

Humana ou animal.

Cuido de vidas, cultivo mentes, lanço sementes

Para quando chegar a hora

Do parto espontâneo,

Ver abrir-se a concha áspera

E brotar a pérola perfeita

Que, à luz da vida,

Brilhe, faísque e faça

A explosão da palavra.

RITA de Cássia Álvares Nogueira Bastos

50 anos

Ibitinga, SP

© Nelma Guimarães

Ver as coisas no contexto é coisa indispensável na gramática do cuidado. Funciona como com as **formas nominais** dos verbos, que, sozinhas, perdem completamente a possibilidade de exprimir quando (o tempo) e como (o modo). O valor temporal e modal das formas nominais de qualquer verbo depende cem por cento do contexto. Elas são três:

- * o **infinitivo**, que é o “nome” do verbo, a possibilidade do acontecimento: isolar, descabelar, retesar;
- * o **gerúndio**, que é o verbo “em andamento”: isolando, descabelando, retesando;
- * o **particípio**, que é o resultado do verbo: isolado, descabelado, retesado.

Transformação

*Agressivamente, minto à mente
 Projeto meu ensaio, salto, saio
 Caminho feito um bruto e luto
 Retorno ao meu lamento, lento
 A lagarta
 Retesada, descabelada, adulterada
 Isolada em e-mails, descuidada
 Em minhas íris cítricas, descortinadas
 Nada vejo
 Enclausurada em meu confortável conflito
 Grito! O casulo
 Criei fórmulas, me arquitetei
 Mudei, não sei quem são os meus vizinhos
 Os amigos?
 Deixei
 Desvirginei meus pudores
 Saí
 'Inda era tempo, levantei, caí
 Caí, levantei...
 Rasguei os roteiros, purifiquei-me num trem lotado
 Gente, calor, discussão
 Perdi a mão de tudo... olhei direito
 Enterrei meus preconceitos
 Cuidei de viver, voar, voar
 Borboleta!*

ADRIANA Guardianiana Nogueira Silva
 37 anos
 Campo Limpo Paulista, SP

Jargão é um jeito de falar ou escrever que nem todos entendem — só quem faz parte de um mesmo grupo ou ambiente e se acostuma com ele. Mas as palavras que um dia viraram reféns de um jargão podem voltar ao convívio e ao uso comum.

Destarte, a liberdade na comunicação humana pode juntar Tim Maia e Roberto Carlos para fazer axiomática novidade:

**Não exclua, nem segregue.
Isso não é de bom tom.**

Sandra Danielba Gomes Trevisan
Piracicaba, SP

**A arte pode transformar pedras
em plumas, barro em homens,
carne em flores.**

**O carinho é uma arte para quem
sabe utilizar as pinceladas
certeiras na devida tela.**

Roseli da Costa Silva
Luminárias, MG

É preciso saber viver

Segundo a ideologia do cantor, rei, Roberto Carlos, trata-se de fundamentos particulares específicos da sua geração. Exsurge o ego e auxilia a autoestima, para quem sabe viver feliz. Destarte analogicamente, é irrefutável que a música “É preciso saber viver” orienta da melhor forma os princípios de como viver, sob autêntica paz e felicidade.

Noutra geração, alertando as diferentes classes sociais do país, o cantor polêmico Tim Maia conscientiza na música “Azul da cor do mar” com a seguinte resistência de expressão: “ Na vida, a gente tem que entender. Que um nasce pra sofrer, enquanto o outro ri”. Concordo com os dois cantores.

Ter inteligência para viver é viver feliz e proporcionar axiomático respeito ao ser humano.

Doutos e famosos da mídia, motivados pelo alto poder social, divulgam métodos de viver em plena harmonia. Resultando cientificamente que a vida é joia rara, preciosidade sem limite.

Se amar é viver, viver é amar, dirimir e dividir, autenticando que a paz e o amor são fundamentais para quem quer viver bem! “A vida não é bela somente quando se tem alto poder financeiro. É bela também quando mergulha nas profundezas de um ser humano, e alcança dentro do seu íntimo o manuseio pela paz, sinceridade e o amor eterno.” Sempre há motivos pra sonhar...

Pois enquanto houver vida...

Haverá esperança!

VALTER Hakuo Murakami

46 anos

Pacaembu, SP

Deu branco. Tem horas assim pra todo mundo. Quanta canseira, quanto nervoso por trás dessa frase cheia de mistérios, porque se branco deu, quem deu o branco? Ou branco deu o quê? Dar branco é humano. Vai lá saber se outro bicho tem disso, se planta tem disso, onde é que o branco dá. E também nem tem importância. Deu branco? Sossega.

Manoel de Barros ensina:

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam.

© Nelma Guimarães

Vamos cuidar da vida!

A escola depende de todos

João chega do trabalho na segunda-feira à noite. O trânsito em São Paulo é lento e cansativo.

Mas nem o cansaço de João tira a alegria, pois combinou com a Maria, sua esposa, de ir à livraria comprar o material escolar de sua filha. Ele sabe o valor de aprender a ler e escrever, por isso sente alegria em comprar o material de Clarinha.

Clarinha está com sete anos, mas desde os seis anos os pais já incentivavam a menina a usar a sua inteligência e pintar desenhos, reconhecer números e letras.

Chegando à livraria, João observa que Clarinha fala baixinho no ouvido da sua mãe e percebe que a filha já sabe escolher o seu próprio material. Com um sorriso no rosto, a filha segura a “bolsa rosinha”, mostrando para João.

João percebe a alegria da filha e reconhece em seu coração o valor de cuidar da vida e da família através do estudo.

Maria pesquisa a qualidade e o preço dos materiais, João sabe a importância de acompanhar cada passo da filha nessa fase de aprendizagem.

No primeiro dia de aula, João e Maria fazem questão de acompanhar a filha à escola, e, como esse momento é importante, eles fazem questão de registrar tirando fotos do primeiro dia de aula da filha.

Depois de conhecer o ambiente da escola, sala de aula, a professora, os pais se despedem da filha com um forte abraço, e Clarinha, com um sorriso nos lábios, fica na escola aos cuidados da professora.

AMAURI Gomes Carolino

46 anos

Florida Paulista, SP

‘Vamos cuidar da vida?’

Substantivamente

preocupados em saber quem somos e onde nos encaixamos no mundo, criamos **substantivos** para dar nomes e substância às coisas, aos sentimentos, aos objetos, aos seres, às ações, às qualidades, aos lugares. Como os antigos descobridores que atravessavam mares e nomeavam as terras que encontravam em seu caminho, para delas tomar posse, desde bem pequeninos queremos a todo custo saber que nome as coisas têm, para arrumá-las direitinho no pensamento e no afeto.

*Somos índios, somos pardos portugueses,
Maluco bugre, também já fomos franceses.
Hoje misturados, unidos desunidos,
Nos tornamos rebeldes, pobres corrompidos.*

*Também somos nós, simples confusos,
Brasileiros agora, mas muito confusos.
Muito tempo se passa e quase nada, nada muda,
Seguímos escravos de nós, cansados valentes à labuta.*

*Lutamos em guerra, lutamos contra nós,
Guerras políticas idiotas, que muito mais nos deixam sós.
Não posso julgar, mas estamos nos condenando,
Tentamos salvar o mundo, e estamos com ele acabando.*

*Vamos continuar tentando, cicatrizar tantas feridas,
Zelando um pelo outro, vamos cuidar da vida?
Chega de violência, e também de preconceito,
Respeitando todas as bandeiras e fazendo o que é direito.*

*Ao nosso imenso jardim, que é a nossa beleza,
Não sejamos ignorantes, destruindo a natureza.
Começamos por aqui, defendendo nosso quintal,
Daremos um grande passo, cuidando do Pantanal.*

*Também seremos sensatos, não pessoas irônicas,
Não vamos dar as costas, à nossa mata amazônica.
Plantemos árvores, daremos nome a uma nova flor,
Pelejaremos por igualdade, em levante pelo amor.*

*Jogamos lixo químico, em nossa terra e nosso ar,
Respirando poluição, com pouco espaço a plantar.
Descuidamos das crianças, do futuro da nação,
Pedófilos aproveitam nossa falta de atenção.*

Você deve dizer calmamente que não está certo. Diga o que você sabe, não tenha medo de dizer algo errado, pois se você conhece a palavra “desculpa”, vai ficar tudo bem; seja você mesmo, neste momento estou sendo eu mesmo, estou escrevendo o que acho e o que sei, ninguém mandou eu escrever desse jeito. Pra você algo bom e interessante tem que ser algo difícil de entender? Este texto não está complicado, e eu acho que está legal.

Douglas Hansen
Jaraguá do Sul, SC

Difícilmente alguém nos diz
para ter cuidado com nossas
palavras, com nossos atos,
com o nosso próximo...

Milena Santos de Carvalho
Volta Redonda, RJ

Vamos cuidar da vida!

*Somos livres a escolher, um governante leal,
Errando ou acertando, sempre nos damos mal.
Ao menos é mais suave, quanto ao golpe militar,
Morte e covardia da época, muito sangue a jorrar.*

*Continuamos em guerra, várias particular,
Tentando vencer as drogas, passando num vestibular.
Vivemos fazendo festas, tentando amenizar a dor,
Poucas horas de alegria, combatem anos de horror.*

*Vamos todos cuidar da vida, seguros nas mãos de Deus,
O mundo está ruim, mas Ele não esquece dos seus.
Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós,
Abraça o planeta Terra, escute a nossa voz.*

*Vamos sacudir a poeira, unidos damos as mãos,
Seremos um planeta inteiro, batendo um só coração.
Tenha um bom dia, uma boa tarde e uma boa noite,
Que tenha uma boa vida, e a si mesmo não se acoite.*

*Vamos reciclar, precisamos compreender,
Que a vida passa rápido, não temos tempo a perder.
Somos índios, somos da guerra sim,
Guerreiros em prol da vida, da vida até o fim!...*

NELSON Alves da Glória
33 anos
Dracena, SP
1º lugar

Aquele sonho

Foram um, dois bocejos — e, então, o homem espreguiçou-se e logo seus pés tocaram o velho piso amadeirado de seu quarto. O relógio já alertava: eram cinco horas. O chá de camomila já estava sobre a mesa da cozinha logo ao lado dos biscoitos caseiros de aveia e mel.

Gomes — assim era o modo como seus companheiros de trabalho o conheciam — tomou o último gole de seu chá, deixou o caneco sobre a pia e respirou fundo. Pegou seu instrumento de trabalho, embaixo da cama, e saiu da velha casa de madeira.

O céu lá fora ainda estava um pouco escuro, e notava-se um suave “quebrar” das folhas secas no solo da floresta, conforme caminhava — “quebrava” muitas delas até que encontrasse a matéria-prima perfeita. Por mais que, por vezes, esse processo demorasse, ele sempre a encontrava. E, dessa vez, não foi diferente: bem a avistou. Em pé, abriu um pouco as pernas para garantir equilíbrio, segurou forte o cabo de madeira e atingiu-a. Atingiu-a em cheio — lá estava a árvore, caída. O machado em suas mãos denunciava o ato doloroso, bem como seu ganha-pão. Nesse momento, o dia já começava a contar com a presença notória do Sol, e bastava levantar a cabeça para saber que o caminhão estava chegando, para o armazenamento das árvores — a fumaça liberada pelo escapamento, de tão escura, parecia homogênea.

Gomes sofria de problemas respiratórios diversos e, naquele dia, não tinha nem mesmo apetite suficiente para almoçar. Logo, resolveu deitar-se para descansar; o Sol luzia tão fortemente que o obrigou a cobrir o rosto com seu chapéu. Pensou: “Como seria o Sol personificado?” Porém, já exausto, suas pálpebras começaram a pesar, o que, rapidamente, o fez adormecer — e intensamente sonhar...

No sonho, Gomes se deparou com uma visão privilegiada: bem do alto. Tornou-se onisciente. Olhou ao redor, e percebeu que sua forma física não fora mantida. Apesar dos sentimentos bem humanos, fugazmente pôde compreender: havia se tornado a personificação do Sol — e que triste foi reconhecer o quão negativo isso era! De lá, via mais claramente que os homens “quebravam” a natureza na frequência em que o faziam com as folhas secas. Surpreendia-se ao ver formações crescentes de ilhas de calor, e metrópoles que cresciam mais a cada dia, sem investimentos ecológicos. Enxergava mais notoriamente que o excesso de poluição causava doenças respiratórias nos humanos demasiadamente cedo, o que ocasionava uma superlotação nos hospitais.

Subordinação e coordenação

Subordinar-se é colocar-se sob as ordens, a orientação ou o poder de alguma coisa ou de alguém, ou em situação de dependência.

Coordenar-se é associar-se com ordem e harmonia. Na gramática do cuidado, inconsciência gera subordinação e exploração; consciência gera coordenação e respeito.

Na gramática da língua, coordenação é uma reunião de orações em que cada uma é completa em si mesma e poderia muito bem andar sozinha. Subordinação é uma reunião de orações que se entremeiam, umas executando funções nas outras, na impossibilidade de separar-se sem acabar com o sentido.

Sempre vou ler para mim e para ti
 Vou sempre ler para nós
 Achando a saída de tantos nós
 É simples, mais simples que nós
 É apenas ler ou reler
 Não importa o que venha ser
 Seja letra ou figura
 Talvez um clássico da literatura
 Ou até a Bíblia pura
 Que fosse enfim uma boa leitura
 Em resumo seríamos mais ou
 menos assim
 cuidaríamos eu de tu e tu de mim
 Seria exatamente assim
 Lendo, cuidamos da vida, sim.

Maria do Socorro Andreia de A. Lima
 Camocim de São Félix, PE

**As palavras sim podem
 matar alguém.**

Alice de Almeida Imbó
 São Paulo, SP

**Se estivéssemos sozinhos,
 não precisaríamos mudar nada.**

Fábio Araújo
 Iaras, SP

Via lenhadores que, como ele, cegados pela preferência do verde da cédula ao verde das árvores, não enxergavam que o cabo do próprio instrumento de trabalho era feito de madeira. E então notou: a vista nem era tão privilegiada assim. Afinal, isso doía. Uma dor humana. Mas uma dor desnecessária. Já se aproximava o plenilúnio quando percebeu que tinha de despedir-se daquela cena que mais se assemelhava a um martírio. Mas ele não podia, sentia, recordar-se por toda a sua vida daquela cena sem nada fazer... Então, logo se lembrou: tratava-se de uma personificação. A ânsia por revolucionar uma situação provém do homem. Entretanto, a natureza depende de nosso cuidado; necessita de nossa vontade de cuidar do que nos é vital. Gomes passou a não compreender como a raça humana é racional mas, por vezes, age de modo imensuravelmente repleto de irracionalidade.

Questionava-se como nunca antes, até que o seu relógio anunciou, despertando-o: a hora era de voltar ao trabalho. Seus olhos abriram lentamente, e percebeu que a luz do Sol prosseguia a irradiar fortemente, penetrando nas passagens mais imperceptíveis de seu chapéu de palha. Viu suas botas sujas de terra, bem como suas mãos ressecadas. Entristeceu-se. “Isso é mesmo necessário?” O rádio estava ligado dentro do velho caminhão, e Gomes resolveu centrar-se na canção que tocava. Renato Russo cantarolava:

“Venha! Meu coração está com pressa. Quando a esperança está dispersa, só a verdade nos liberta. Venha! O amor tem sempre a porta aberta, e vem chegando a primavera: nosso futuro recomeça.”

E então, sorrindo, encorajou-se: assumiu o arrependimento, largando o velho instrumento de trabalho e saindo, cantando junto a canção que tocava, tão alto que sua voz abafava a grave voz no rádio: “Venha, que o que vem é perfeição...”

Descrição da imagem

Escolher uma imagem que reflita a beleza e sirva como ponto de partida de uma redação sobre o cuidar da vida? Puxa, essa não é uma tarefa trivial. Diante de tanta amargura, nós, felizmente, teimamos em ver o belo em suas diferentes formas, em diversos lugares. Como escolher?

Porém, quando pensamos em coautoria, uma imagem nos vem, imediatamente, à cabeça. O Sol. Existe uma coautoria maior do que a ação do Sol sobre os seres vivos? Seria possível a vida sem a presença do astro-rei?

Tendo isso em mente, escolhemos o quadro *O Sol*, de Edvard Munch. Os raios solares invadem cada espaço da paisagem, apresentando o seu esplendor, gratuitamente, a todos os seres, em todos os cantos. Há algo mais belo que a força da natureza?

CAROLINA Benazzato
 16 anos
 São Paulo, SP

Pôr as mãos nas ferramentas

(porque é preciso disseminar cuidado): procurar, escolher, informar-se, duplicar, triplicar, replicar, espalhar

Leitura: prazer, informação e transformação

A minha convivência com os livros, desde cedo, trouxe-me a infinita noção de liberdade. Na prática, eu sabia falar e escrever com mais fluência e prazer que a maioria dos meus amigos e colegas de escola, da minha faixa etária, vez que os meus pais eram leitores diários, desses que estavam sempre rodeados de jornais, do município e de fora, gibis, livros de bolso, revistas variadas (palavras cruzadas, *Seleções do Reader's Digest*), romances (os policiais eram os preferidos de meu pai; os de aventuras romanescas, os de minha mãe). Minha mãe também ficava sempre ansiosa aguardando a *Revista do Rádio* e as suas revistas de moda — ela era uma exímia costureira e bordadeira. Todo esse cenário de leitura e leitores era corriqueiro “na aurora da minha vida, que os anos não trazem mais...” Esse cenário foi palco de criação e encenação de “pequenas grandes” peças teatrais com a meninada da rua, o que já me inspirou a escrever um conto intitulado “Éramos crianças de pés no chão...”

Meus irmãos e eu sempre fomos incentivados a valorizar a relação entre escrita, leitura e pessoas. Era um prazer ler nossas redações escolares em casa ou escrever livros de história. Eu os escrevia sempre, e depois, já adulta, descubro em meu irmão caçula esse mesmo gosto infantil pela leitura e criação de textos, gosto que até hoje persiste. Eu lia poemas para os meus “ouvintes de casa”, ensaiando para declamá-los nos auditórios festivos da escola; gostávamos de escrever cartas para os parentes distantes, trocar bilhetes entre nós, pendurando-os nos lugares o mais possível improvisados, com intenções as mais diversas, principalmente desaforados, extravasando a raiva durante as contendas infantojuvenis. Lembro-me de meu pai colando, com alfinetinhos de cabeça, na cortina da janela do meu quarto, extenso rol de deveres que eu deixava de cumprir, no meu afã de brincar solta pelos quintais da vizinhança, na ladeira da rua Senador Antônio Martins. Com sua letra bem talhada, firme e autoritária, determinava dia e hora para cumpri-los. Ah! Mas éramos os dois, pai e filha, boêmios da leitura, esquecendo-nos das horas avançadas, embebidos que ficávamos nos livros. Lembro-me de minha mãe zangando sempre conosco: “Vá dormir, menina! Apague essa luz! Chega! Deixe um pouco para o seu futuro. Os seus olhos não vão aguentar!...” E se dirigindo ao meu pai, assentado na poltrona da sala: “Chega! Não dê mau exemplo. Tudo com exagero é ruim. Venha você deitar também!”

As crianças pequenas têm uma vontade doida de aprender a ler. Perguntam sem parar e brincam com as palavras como quem brinca com as peças de um quebra-cabeça. No meio do caminho entre uma criança curiosa e um leitor apaixonado pode haver uma pedra ou uma ponte. Muitas vezes, só depende (ou depende em grande parte) da intervenção de um educador atento e sensível.

Ler é um prazer, ler ajuda a entender melhor o mundo e a si mesmo. Ler o que se escreveu é um exercício de busca de sentido e qualidade, porque ler também pode ajudar a ser gente melhor.

Vamos cuidar da vida!

Todos os dias as palavras se encontram, conversam, argumentam e no final elas desaparecem no ar.

Bruna Souza Silva
Sumaré, SP

Funciona assim: eu terceirizei o raciocínio. Ele contratou uma prestadora de serviço para cuidar do peso que o livre-arbítrio tem.

Olivaldo da Silva Marques Ferreira
Venda Nova do Imigrante, ES

Liberdade não se limita no ir e vir, mas no estar, ficar, permanecer.

Reinaldo dos Reis
Bauru, SP

Atualmente não há neblina em meus objetivos

Edileny Machado
Jaraguá do Sul, SC

Eu sentia que o apagar das luzes era para nós dois um sinal de que a leitura poderia (e muitas vezes acontecia de) se transformar em lindos sonhos, em belas viagens a lugares que até hoje só conheço através dos livros; conhecer pessoas e ver coisas possíveis na imaginação e além dela. Guardo dessa época um segredo: na caixa em que meu pai colocava seus apetrechos de pescaria, havia duas lanternas. Acostumei-me a pegar emprestada uma delas, em algumas noites, para fazer a luz sob o meu cobertor; e aí eu perdia a noção do tempo, silenciosamente feliz e inebriada pelos personagens, suas histórias e seus lugares tão próximos e ao mesmo tempo tão longínquos...

Desde então, descobri que a leitura possibilita a aquisição e o compartilhamento de conhecimentos; por isso, nos faz viver e sentir as mais diversas emoções. É a chave que nos dá a oportunidade de entrar em contato com outros mundos e outros tempos; amplia horizontes, desperta ideias novas e nos faz pensar em quem somos e em quem poderemos ser. Leitura são caminhos para a transformação. Leitura é a ponte que liga um texto a outro e à própria vida. Quem ainda não descobriu o significado da leitura em sua vida, que o faça já ou... se contente com uma visão reduzida do mundo. Tenho a mesma sensação que Jorge Luís Borges expressou: “Não sei exatamente por que acredito que livro e leitura nos trazem a possibilidade da felicidade; mas sou profundamente grato por esse modesto milagre”.

MIRACY Ferreira do Nascimento Real

61 anos

Ponte Nova, MG

‘Uma coisa chamada helicóptero

Eu ainda não conhecia e nem sabia ler direito a palavra he-li-cóp-te-ro, perguntei para minha “tia” (professora) e ela me ensinou letra por letra. Na comunidade que eu moro, temos dificuldades de tudo, pequena e muito pobre as pessoas dificilmente têm acesso às coisas bonitas da vida. Mas nesse dia surgiu no céu um helicóptero, um, dois, três... sobrevoando. Lindo! Encantador! Que presentão! Logo do dia das mães! Ele era verde e amarelo e eu pensei: — É do Brasiil! Fiz igualzinho aquele homem que fala na televisão. Consegui devagarinho ler as palavras que estavam escritas neles, de tão baixinho que ficavam, e tinha assim: PM OPERAÇÕES ESPECIAIS. Não era presente para as mães, não era alegria para uma comunidade tão pobre. Buscavam assaltantes que vinham fugindo da polícia por terem assaltado um banco. Quando olhei vi... Homens fardados, armas enormes, sangue, gente morta. Meus olhos foram ao chão, e sentadinho no batente da porta pensei: Porque uma coisa tão bonita como um helicóptero não traz para nós cesta básica para amenizar a fome, flores para alegrar os dias das mães, brinquedos para gente fazer a maior farra! Mudas de plantas para arborizar essas ruas feias e sujas. E quem sabe até um dentista para arrumar meus dentes? Ainda pensei: Se caísse dali de cima de dentro do helicóptero cadernos, ih! Com meus desenhos favoritos! Lápis, borrachas, mochilas, nossa! Íamos fazer a maior festa. E se esses homens das OPERAÇÕES ESPECIAIS trocassem as balas de matar gente por balas que adoçam a boca e a vida da gente! E se essas fardas que eles usam feias e escuras fossem vermelhas igualzinho a do Papai Noel? Será que íamos ter Natal o tempo todo? Já que é a melhor época do ano? Quando as pessoas ficam mais amigas e mais pertinho da gente? Um dia ainda vou pedir aos policiais para cuidar das nossas vidas enquanto somos pequeninos, para não precisar usar helicópteros tão lindos para matar bandidos tão grandes.

FRANCISCO das Chagas da Silva

15 anos

Alto Santo, CE

1º lugar

CATEGORIA 2

Prolepses e sínquises

Quem cuida antecipa. Isso, em gramática, chama-se prolepse: a pessoa que escreve já imagina o que o leitor vai pensar e antecipa argumentos e informações.

Quem cuida faz o que pode para deixar as coisas claras e evitar confusão. Mas às vezes a pessoa que escreve cria um pouquinho de confusão no texto de propósito, invertendo a ordem das palavras e embaralhando-as para sacudir o leitor. Isso, em gramática, chama-se sínquise.

Vamos cuidar da vida!

Libras é a língua brasileira de sinais — uma língua que permite a comunicação de pessoas que não ouvem. É uma língua à parte, e para usá-la não basta conhecer os sinais: é preciso também conhecer sua gramática para poder combiná-los e formar frases. Para fazer os sinais de Libras usam-se as mãos, movimentos e locais no espaço e no corpo onde os sinais são feitos.

Para transcrever em português uma comunicação em Libras, escrevem-se as palavras que correspondem ao que os sinais significam (geralmente em letras maiúsculas), e os verbos no infinitivo.

Cuidar é respeitar as diferenças

Eu nasci surda. Meu passado de criança foi muito difícil, pois não havia pessoa nenhuma para me ensinar. Eu estava sempre sozinha... não tinha amigos. Minha mãe estava sempre preocupada:

“Como ter comunicação? Como conversar com minha filha?!”

Meu mundo parecia fechado, não porque eu não podia ouvir sons, mas porque faltava COMUNICAÇÃO.

Depois eu comecei a ir para a escola. Tinha amigos surdos, professora, intérprete e começaram a me ensinar a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Foi quando eu comecei a aprender e o mundo começou a se abrir...

Hoje eu sei o quanto é importante a comunicação. Tenho amigos surdos e ouvintes. Tenho um professor surdo, o André, que é muito legal, me ensina Libras e coisas sobre a Cultura Surda.

Minha mãe sabe muito de Libras. Ela aprendeu muito para poder conversar com os surdos.

Através da minha língua eu aprendo tudo sobre o mundo e também a cuidar dele.

Para mim é muito difícil falar e não gosto que me obriguem a falar. Mas se não tenho ouvidos para ouvir, tenho meus olhos para ver. Se não tenho palavras para falar, tenho mãos para dizer o que sinto:

Sinto que o mundo é lindo e que pode melhorar se todos respeitarem a vida com todas as suas diferenças!

IANCA Regina Simões

15 anos

Santa Cruz das Palmeiras, SP

Segue abaixo a primeira versão do texto escrito pela aluna (sem os estudos, as discussões e reescritas feitas posteriormente junto com a professora):

O passado 2002 crianças difícil muito como libras saber não ensinar.

mãe preocupada como comunicação conversar. está sozinha, não tenho amigos.

Depois crescer começou foi escola tenho amigos surdos, tenho professora intérprete a começou ensinar libras mais aprender.

hoje parecer eu saber libras importante tenho amigos surdos e ouvintes.

Mãe sabe libras muito. Aprender todo.

Prof. André surdo que legal Muito ensinar sinal coisa importante mais libras.

Gosto não oralismo porque difícil muito fala problemas.

Eu cuidar mundo gostei adoro estudo sempre.

Etimologia curiosa

Em português, auto de fé é destruição pelo fogo. Em francês, em italiano, em sueco e em alemão, diz-se autodafé; em inglês e em espanhol, auto de fe. Por que tanta coincidência, e por que uma expressão tão estranha para “queimar”? A explicação vem de tempos muito antigos, quando se queimavam livros que não estivessem rigorosamente de acordo com a crença de quem ordenava a queima. Foi a expressão portuguesa que se difundiu por outras línguas porque na Península Ibérica, na Idade Média, as fogueiras da Inquisição eram muitas e constantes. Triste é que a prática atravessa os séculos e volta e meia reaparece.

© Nelma Guimarães

Ler é cuidar bem da vida!

Fiquei sabendo que em minha sala de aula um livro havia sido rasgado. Parei, pensei...

Lembrei-me de uma frase dita por um poeta alemão chamado Heine, há cem anos atrás, antes da Segunda Guerra Mundial: “Onde livros são queimados, seres humanos também serão”. Não deu outra, universitários alemães queimaram vários livros considerados “proibidos” em 1933, poucos anos depois todos ficamos sabendo o que os nazistas fizeram.

Fiquei triste sabendo desses fatos e, no episódio dos livros, desolado, pois cada um deles contém um mundo inexplorável, às vezes inexorável. Então peguei-me pensando novamente: se livros fossem árvores (ou são) seria uma a menos para limpar o ar. Lembrei do poeta brasileiro: havia uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho havia uma pedra. Não posso desviar-me dessa pedra metafórica sem me questionar: por que aquele livro fora rasgado na sala de aula? Será que ele continha algo obscuro? Não! Como dizia o Pequeno Príncipe: “Os olhos são cegos, é preciso ver com o coração! Os Baobás antes de crescerem são pequenos”, e são assim os atos antes de virarem atitude. Se pudesse daria livros para todo mundo. A leitura traz novos universos e novas descobertas, mas nem todos veem assim. “Eles olham com os olhos, mas só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”, dizia o Pequeno Príncipe.

Havia uma pedra no meio do caminho; será que alguém poderia desviar-se dessa pedra sem sentir dor? Não acredito! Esse tipo de pessoa “é como uma rosa fraca e ingênua. Defende-se como pode julgando-se poderosa com seus espinhos”. Um livro é uma vida que teve ideias de como cuidar bem de outras vidas.

Aliás, vamos cuidar bem da vida? Como? Rasgando livros? Só plantando árvores ou não poluindo rios? Ou acreditando no “carpe diem” dos anúncios publicitários de planos de saúde? Não, cuidar bem da vida é mais do que isso. É amar generosamente o próximo. É fazer diferença onde ela não exista. É importar-se profundamente com o que acontece com nossos livros, falar com eles delicadamente! Livros fechados são apenas um monte de folhas juntas, um livro só se torna um livro depois que alguém o ler.

Livros não fazem mal a ninguém. Eles não têm gosto de Dipirona. Também não tem aparência de sopa de jiló, mas de um mundo que precisa ser aberto para alguém conhecer (seres humanos também são assim). A vida é curta e tantas pessoas morrem sem ler um livro.

Vamos cuidar da vida!

Aprendi a ler e descobri que ler
pode ser doce ou amargo.
Ler às vezes dói.

Daniela Aparecida Francisco
Penápolis, SP

A leitura é assim mesmo,
silenciosa, solitária, mas quanto
nos diz, quanto nos ilumina,
quanto nos alimenta.

Andressa de Santana Ferreira
São Gonçalo dos Campos, BA

Se você quer um conselho,
leia literatura, conheça outras
pessoas e depois faça pintura.

Cristiane Ferreira Cerqueira
Camaçari, BA

Permito-me ser tudo o que posso
para merecer o que existe
de melhor na vida.

Hayanne Fernandes Freitas
João Pessoa, PB

Podemos cuidar bem da vida lendo? Creio que sim.

Bem, não posso recuperar aquele livro, mas posso aconselhar a ler, ao invés de rasgá-los. A leitura é uma dádiva. Ler transforma vidas.

HENRIQUE Ostemberg de Oliveira

14 anos

Campo Grande, MS

© Nelma Guimarães

A voz reflexiva faz do verbo um bumerangue que traz a ação de volta ao sujeito, como um espelho nos devolve a nós mesmos.

Cuidar também é examinar nosso reflexo no mundo.

Há aqueles que se tornam importantes por manter a vida e afastar a morte; eu queria poder ajudar a transformar vidas.

Alfredo Andrade Ferraz
Petrópolis, RJ

Vamos cuidar da vida!

‘Uma estrela adolescente

Você já percebeu como o tempo passa rápido? A vida é como o vento, não podemos vê-la, apenas sentimos. Somos eternos adolescentes em relação ao mundo, pois o percebemos de forma reflexiva, olhando para o passado; e percebemos que éramos só crianças e a vida nos ensinou as coisas importantes que somos obrigados a fazer ao longo de nossa existência.

A gente tem que olhar para o espelho e dizer: “sou uma estrela, aprendi que para brilhar preciso de conhecimentos, de minha família e, principalmente, de Deus, com Ele vou até o fim na certeza de que nunca vou apagar”.

Levo a vida cheia de estudos, de prazos, sim, porque adoro ter dúvidas! Aí eu pesquiso até encontrar uma resposta, e se por acaso errar tenho a quem recorrer para me orientar a refazer o caminho. Adoro estudar, tenho uma boa educação em casa, na escola, agradeço a Deus por todo esse céu colorido e cheio de brilho que é a minha vida; se fosse escuro certamente o Criador não estava ao meu lado.

Sou apenas uma adolescente novata neste mundo, muitas vezes sem significado, com treze anos, que não sabe ainda realmente o que quer.

Amar e ajudar é fundamental, portanto se estiver errado em alguma coisa me procure, meu nome é Dúvida, minha estrela nunca desaparece, mas se renova a cada dia, a cada cometa que passa, a cada vento que sopra... Completa não sou, sou apenas uma estrela adolescente.

JAQUELINE Cândido Guedes

14 anos

Cerro Corá, RN

R

realizar a ação
cuidadosa,
situada,
planejada,
adaptada,
criativa

Capítulos de olhar

O que as margaridas, os livros e os insetos têm em comum? Pra início de conversa, capítulos.

Uma única margarida, sozinha, já é um buquê de flores. O miolo da margarida é um buquê de flores minúsculas (no girassol e no crisântemo também é assim, e dá para ver que as flores do centro são diferentes das mais externas). Esse tipo de inflorescência (modo como as flores se agrupam numa planta) chama-se capítulo.

Um livro, sozinho, em geral é um “buquê” de divisões por assuntos ou episódios. Cada uma dessas divisões é um capítulo.

Insetos têm antenas para perceber o que se passa no ambiente. Essas antenas têm uma extremidade achatada, o capítulo.

Se você for ao dicionário, vai descobrir que margaridas, livros e insetos também têm capítulos em comum com autoridades da igreja, cabeça de carrapato e reuniões...

Homonímia é essa coincidência de palavras que têm a mesma forma e o mesmo som mas significados diferentes. Com o leitor de “Capítulos de olhar” o desafio: são capítulos de livro, de flor ou de sensibilidade?

Vamos cuidar da vida!

Ana – 6 anos

*O que vejo em teus olhos, pequena?
E o que teus olhos veem em mim?
Quem dera ver-te serena
Sem dores, tormentos, enfim...
E é socorro que me imploras
Em momentos de embaraço
Ora agrides, foges, choras,
Ora pedes meu abraço!*

Gabriel – 13 anos

*O azul dos teus olhos vagueia
Procurando entendimento
Um mar agitado de ideias
Pulsante comportamento...
Quem deseja compreendê-lo
Muito além precisa ir
Não segues qualquer modelo
És um mundo a descobrir...*

Bruna – 15 anos

*Menina moça sofrida
Tantas cargas a levar
Arrimo, força exigida
Mãe, irmãos a carregar
Escola, espaço de luta,
Olhar que pede atenção
Insisto nesta conduta:
Cada dia é uma lição...*

Cuidar da vida é fazer pequenas ações que mudam o dia de alguém. Fazer que alguém triste tenha um ataque de risadas, ou então ensinar seu irmãozinho a andar de bicicleta, segurar o elevador para alguém, conversar com os amigos, se propor a mudar e a “organizar constantemente seus armários”.

Alice de Almeida Imbó
São Paulo, SP

Em suma, se muitos não conseguem ouvir nossas vozes, pelo menos que milhares possam desvendar o segredo de nosso silêncio através das pequenas linhas traçadas.

Rillery Pabline Alves da Silva
Escada, PE

Coraçãozinho, gosto muito de uma car ninh a bem temperada com uma tirinha de gordurinha. Mas ao estudar o sistema circulatório fiquei muito preocupada e vi que não estava cuidando de você.

Jéssica Caetano Pereira
Curvelo, MG

Marcelo – 13 anos
*O primeiro encontro veio
E forte conflito também
Foi o tempo que interveio
Levando-nos mais além.
Um ano de muita exigência
E um olhar mais apurado
Vencemos a resistência
O carinho foi plantado...*

*Pedro, Elaine, Emanuele
Diego, Iago e Amanda
Renata, Elton, Michele,
Daiane, Lucas, Fernanda...*

*Tiago, Raquel, Carolina
Suzana, Maicon, André,
Lilian, Felipe, Cristina
Maria, Eduardo, José...*

*São nomes, mais do que isso,
Histórias de professora:
São filhos, então, compromisso
Fogo, força propulsora...*

*Quem cuida da vida insiste
Intui, vibra, cai, levanta,
E, ao crer, nunca desiste
Ama, sonha, colhe e planta...*

*Muitas histórias passaram
E outras tantas virão
Olhares que muito marcaram
Ampliando minha visão...*

*Sou professora – ah, poesia!
Vivo escola – sou aprendiz:
E cada olhar me desafia...
Aprendo, cresço, sou feliz!*

EDILEINE Carvalho Bisinella
44 anos
Canoas, RS

Ser sendo, aprender aprendendo

Se um verbo exprime o que se passa, um acontecimento no tempo, o **gerúndio** é a forma que nos lembra que tudo está e é em movimento. O gerúndio é o aspecto não concluído, o ainda, o durante. Troca-se o R do infinitivo ou “nome” do verbo pelo sufixo “ndo”, e a mágica se faz: tudo se põe em movimento como em um filme. Em curso. A caminho. Vindo do passado, indo para o futuro. Graças a esse jeito inacabado que o gerúndio tem, ele se presta para exprimir a ideia de progressão indefinida, que fica ainda mais acentuada se vier repetida.

*Não sou todo humano, estou sendo.
Sendo o amor enquanto ajo com amor,
Por amor e pelo amor!*

*Não sou todo humano, aprendo aprendendo.
Aprendendo com a vida, na vida,
Porto da vida!*

*Ainda não sou todo humano, estou sendo.
Sendo a fé, acredito querendo,
Quero acreditando!*

*Metade de mim é um pouco do que sou.
A outra metade ainda pergunta:
Quem sou? O que sou? Como serei?*

*Metade de tudo o que sou é semente,
Lançada ao solo da incerteza,
Verdade em esperança dessa
Contradição que me tornei.*

*Não sou tão humano, estou sendo.
Sendo o inverno, o outono, o verão.
E a primavera que vai chegar!*

*Não sou tão humano, aprendo aprendendo.
Tempestade de qualquer estação;
Da que foi, da que veio e acabou de acabar!*

*Ainda não sou tão humano.
Resposta sem pergunta,
Um fim sem começo.
Causa sem cruz!*

*Ainda não sou tão humano.
Lágrimas em dor,
Músicas em letra.
Velas em luz!*

*Sou tão sertão humano
Árido, seco, frio, gélido.
Devo investir; sonhar, conceber,
Gerar, a luz me dar.*

*Sertão humano
Fértil, úmido, quente.
É hora de molhar; jogar a terra.
Semear, o coração reflorestar.*

Ao chegar da escola, pedi a minha mãe para me ensinar a ler; ela não sabia muito, era o suficiente para me mandar para esse mundo fascinante de imaginação que é o ato de ler.

Lidiane Menezes Ribeiro
Maravilha, AL

Apesar de tudo o que se tem a lamentar, um raio vívido e de esperança à terra desce, pois o homem, assim como destrói, desmorona, chora, pode construir, edificar, sorrir, reconstruir, inclusive novos significados para a vida, tão necessitada de carinho, cuidado, aconchego.

Rosa Biondo Pioner
Farroupilha, RS

*Sou terra, sou água, fogo, vento.
Sou fértil, sacio a sede, aqueço no frio.
Espalho as folhas que se desprendem de mim*

Sou movimento!

*Sou esperança, saudade, dor.
Sou tristeza, dúvida, fogo da paixão.
Recolho as pedras que determinam meu fim.*

Sou pavimento! Sou amor!

*Sou essência do tão ser que serei.
Saudade do ser tão que não fui.
Essência que instiga!
Saudade que inquieta!*

*Estou sendo!
Aprendo aprendendo!*

*Estou sendo!
Sendo o que sou, deixando de ser o que era.
Pois o errado que era, não pode mais ser.*

*Estou sendo!
Sendo o que sou, forjando o que serei.
Aprendendo a não ser o que não era pra ser.*

*Vou na teia da vida
Tecendo minha história.
Vou no trilho do tempo
Forjando a trajetória.*

*Desafiando suas linhas.
Desafiando meus dias.*

*Não sou todo humano,
Estou sendo,
Aprendo aprendendo.*

*Quero ser sendo!
Aprender aprendendo!*

*Ainda me resta gana, manha.
Fome e saudade do que sou,
Do ser tão humano
Quanto o humano que já sou!*

Sendo! Aprendendo!

Formação de palavras

Uma pessoa conhece, domina e usa regularmente, em média, entre 20 e 30 mil palavras. Destas, outras vão nascendo, à medida que as ideias se combinam e se adaptam umas às outras. Quando duas palavras se unem, dá-se a composição em uma nova ideia independente. Pode ser que elas se justaponham, caso em que cada palavra continua inteirinha na companhia da outra, como em “passatempo” e “beija-flor”. Pode ser que elas percam letras, como em “embora” e “aguardente”. E pode ser que elas se aglutinem em palavra-valise: uma perde o começo, outra perde o final e, juntinhas, dão nome a algo que antes não existia. Foi assim que surgiu “informática”, palavra-valise que combina informação com automática. Foi assim, também, que, um belo dia, a palavra-valise “bicicletoteca” nasceu para que um sonho se tornasse real.

Vamos cuidar da vida!

O sonho é real

Quando na rua eu morava,
E ia à biblioteca livro buscar,
Sentia que todos me olhavam,
Por dois sacos carregar.
Um era do cobertor,
O outro de latinhas que eu vivia a juntar.
Por isso eu comecei pensando,
Como poderia esta situação mudar?

Pensei, porque a população de rua
Não pode uma biblioteca formar?
Que se levem livros para ela
No lugar em que ela está.
Uma biblioteca itinerante,
Que comprovante de residência
Não venha a precisar.
Aí, fiz um projeto pra ela realizar.

Foram muitos anos de espera...
Mas a população não veio desanimar.
Hoje a Bicicletoteca é realidade,
Já vai começar a funcionar.
E a população de rua
Vai poder livros requisitar.
Ela vai estar nas praças,
Onde a população de rua está.

A sociedade se esquece
De que na rua, muitos vieram a se formar.
Uns em advocacia pela OAB
Outros no Banco do Brasil o concurso passar.
Um aqui em São Paulo,
Outro em Pernambuco está,
A leitura é importante
Pra quem não pode estudo pagar.

O livro leva o homem
 Para qualquer lugar.
 Por isso é importante
 O povo de rua acesso à leitura ganhar.
 A Bicicloteca vai esse povo ajudar,
 Levando a eles cultura,
 Sem eles se preocuparem
 Em comprovar residência,
 Ou atravessado alguém pra eles olhar.
 E você, quer ajudar?

ROBSON César Correia de Mendonça
 60 anos
 São Paulo, SP

Se você tiver algum problema, faça
 alguma coisa! Se não puder passar
 por cima, passe por baixo, passe
 atrás, dê a volta, vá pela direita,
 vá pela esquerda!!!

Helen Gonçalves Luciano
 São Gonçalo do Sapucaí, MG

Já é quase inverno.
 Fui testemunha de um fim
 e de um começo, ao mesmo tempo.

Geferson Lucatelli
 Paraí, RS

Carta aos Terráqueos

Marte, 1º de julho de 2011.

Queridos Terráqueos,

Aqui do alto tenho uma vista privilegiada do planeta de vocês.

Tenho visto muitas coisas ruins acontecendo aí na Terra, que aqui de cima ainda é azul. Mas é preciso ter cuidado porque o aquecimento global tem aumentado e os focos de guerra também. Há também alguns pontos negros de preconceito de todo tipo.

Mas nem tudo está perdido, porque por outro lado tenho visto a maioria das pessoas preocupada em melhorar a vida por aí.

Tem muita gente lutando para acabar com os desmatamentos e as queimadas. As escolas têm ensinado as crianças a combater a poluição e a evitar as drogas e a violência. O combate ao preconceito e a diminuição da pobreza também pode ser sentido aqui de cima.

Cuidar da vida parece ser a missão da maioria das pessoas por aí. Ainda bem, né?

Continuem assim e todos continuarão pensando que a vida só existe aí na Terra, porque não é todo mundo que acredita em ET.

Um abraço extraterrestre,
Seu amigo marciano.

BRUNO Duarte Pereira

10 anos

Curvelo, MG

Boa escrita sai da ponta do lápis ou da caneta — ou da ponta dos dedos no teclado — como água da fonte: boa escrita é escrita eficaz (produz o resultado esperado), transmite claramente as ideias, toca a sensibilidade de quem lê, tece a linguagem com cuidado e beleza, com originalidade (foge do comum) e limpidez.

Vamos cuidar da vida!

Preguiça? – Só se for o bicho...

*É preciso ter fogo no coração para que o medo não vença.
É preciso ter fogo no coração para amar e uma vida salvar.*

Em um dia qualquer de verão, quando o sol parece tomado de paixão, pintando o céu de vermelho e tornando ardente o calor da tarde, surge um grande incêndio numa floresta, causado por uma bituca de cigarro.

O fogo é tão intenso que mesmo a quilômetros da cidade a fumaça é vista pela população, despertando a curiosidade de muitos sobre o que estaria ali havendo. O corpo de bombeiros foi chamado e, a princípio, o objetivo era apenas impedir o fogo de se alastrar, já que seria praticamente impossível encontrar alguém ali com vida.

Ao chegarem no local, os bombeiros ficaram estarecidos com o enorme clarão que se levantava e se expandia em tons crescentes de amarelo-ouro, laranja e púrpura, seguido de ondas cinzentas que formavam um mar de fumaça, dominando o espaço celeste. Um verdadeiro espetáculo a olho nu, jamais presenciado em suas jornadas de trabalho... Como poderia uma luz tão bonita, tão forte, ser a causa de tamanha ruína?

Basicamente a visão dos bombeiros era de destruição, destruição e destruição... O que mais pediam (a Deus ou sabe-se lá a quem...) era que as vidas que ali estivessem pudessem se salvar sozinhas, porque não havia condições de fazer buscas por sobreviventes.

O tempo foi passando e o fogo se acalmando, porém ainda se espalhava pelas extremidades da floresta. Um dos bombeiros, com sua mangueira, mirava o jato de água além do fogo com a esperança de contê-lo. O olhar fixo no fogo da mata. De repente, em meio a toda aquela fumaça, algo se movia em uma árvore. Seu instinto profissional o guiou até lá.

O restante dos homens não conseguiam acreditar no que ele estava fazendo, todos gritavam desesperadamente para que ele voltasse, pois era se arriscar demais naquelas condições. É óbvio que o trabalho de qualquer bombeiro é se arriscar para salvar alguém, mas aquele incêndio... aquele incêndio era indescritível, parecia até que tinha vida própria!

O bombeiro temerário teve de se esforçar muito para chegar perto daquela árvore, já que o calor era incessante. Ao se aproximar um pouco mais, viu que realmente havia algo lá, e que precisava de

Condição para praticar a gramática do cuidado

O maior apetite do homem é
desejar ser.

Se os olhos veem com amor
o que não é, tem ser.

(Padre Antônio Vieira, século XVII)

sua ajuda. Naquele instante, o homem estava ali não mais pela profissão que carregava, mas seguindo o pulso de seu coração e o valor que dava à vida.

Com grande esforço e sem hesitar em nenhum momento, o bom bombeiro conseguiu, enfim, resgatar aquela vida que, consciente ou não, lutava para continuar neste mundo.

Os outros bombeiros também agiram com êxito em relação ao fogo: o suficiente para deixar a situação sob controle. Todos eles estavam preocupados com o companheiro de trabalho que tinha adentrado aquele cenário suicida. Para felicidade geral, avistaram o bombeiro voltando com algo em seu colo. Ao se aproximarem, muitos homens não conseguiram acreditar no que viam: o bombeiro com um bicho-preguiça nos braços!

A maioria ficou questionando o porquê de ele ter feito aquilo, arriscar sua vida por conta de um animal... Se fosse uma pessoa — que era o que todos esperavam — tudo bem... mas não! Aos ouvidos do nobre bombeiro, as vozes foram sumindo... ensurdeceu-se para as críticas: sentou-se no chão e gentilmente dava água para o bichinho — só o seu bem-estar importava.

Para acabar com todo aquele interrogatório, o bombeiro se levantou, e, ainda com o animal em seu colo, resolveu dizer: “Ao me tornar bombeiro, fiz o juramento de proteger a vida, o meio ambiente e o patrimônio da sociedade em quaisquer circunstâncias. Ao salvar este animal nada mais fiz do que honrá-lo. Esse animal tem o direito à vida. Enquanto eu estiver no meu posto de trabalho, seguirei esse lema”.

O silêncio impregnou aquele momento. De tudo poderiam os colegas tê-lo chamado, menos de “bicho-preguiça”... essa certeza ele tinha!

Descrição da imagem

A inspiração para este texto nasceu de uma foto que mostrava um bombeiro que havia resgatado um bicho-preguiça. Ele segurava o animal no colo e dava água ao bicho com uma garrafa. Ao ver essa imagem eu pude entender a beleza que existe nos atos do ser humano.

JÉSSICA Rangel Pereira

17 anos

Diadema, SP

Sem bússolas, as vidas viram de pernas pro ar, o dia vira noite e a escuridão nada clareia. Ficamos à mercê do vazio, do isolamento, iguais às malhas perdidas na confecção de um cobertor que ao ser concluído se revela um tecido frágil e inútil. Para espantar o frio, somente o calor da convivência, do pensar e agir ecológicos.

Ilza Marina Rehfeld Santos
Belo Horizonte, MG

A vida tem vários caminhos e, entre eles, o destino improvisa.

Nataly de Sá Oliveira
São Paulo, SP

Vamos cuidar da vida!

Papai do Céu, você já ofendeu alguém?

Dizem que a gente dialoga sem cessar quando está acordada, e que é difícil silenciar esse diálogo até quando a pessoa está sozinha, porque o homem é dialogando. **Diálogo** é conversa, é colóquio, é bate-papo, é chat, é troca de ideias e opiniões, é pergunta-e-resposta, é briga, e às vezes é “diálogo de surdos” — expressão que alguém inventou para indicar aqueles diálogos em que ninguém presta atenção aos argumentos do outro, cada um preocupado exclusivamente em defender seu lado. O diálogo interior é um recurso poderoso para a escrita, quando se consegue conversar dentro de si mesmo como faz um amigo de verdade.

Papai nosso que estais no Céu, aí no Céu tem gente que briga? Aqui na terra tem. A Ciça, ainda ontem, brigou com a Carola, só porque ela perdeu a sombrinha da Ciça. Mas ontem não estava chovendo, brigaram à toa. Sombrinha nem é coisa tão boa, porque a gente pode furar o olho, não no pano da sombrinha, mas nas pontinhas que ela tem. Santificado seja o vosso nome... Papai do Céu, como é mesmo o teu vosso nome?... Deus? Deus do quê?... O meu é Anita. Venha a nós o vosso reino... Papai do Céu, porque você não vem aqui em casa tomar um chazinho? A casa é pequena, mas tem uma cadeira e um banquinho sobrando. Seu vosso reino é grande? Quantos cômodos tem?... Enquanto você conta, sabe, Papai do Céu, a Ciça falou nomes feios pra Carola. Nem tenho coragem de repetir. Seja feita a vossa vontade... Eu tô com vontade de... atchim!... assim na terra como no Céu. Trinta cômodos, fora a garagem? Que reino enorme! Tem casinha pra cachorro? Hoje de manhã, o Titio, meu cachorro, fez xixi no tapete da sala. Daí ficou uma roda redonda molhada no tapete. Acho que é isso que eles chamam de incontinência urinária. O Titio e a vovó têm isso. A vovó usa fralda, mas o Titio late só de ver o pacote. O pão nosso de cada dia nos dai hoje... Se não for pedir muito, em vez de pão, hoje podia ser rosquinha de coco? Tem tanta coisa boa na padaria... Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido... Não é verdade que quem não perdoa não vai pro Céu? A mamãe xingou o Titio, mas acho que já perdoou ele, porque a roda redonda molhada já secou. A Ciça, não sei não... acho que ela não vai pro Céu, porque não perdoou a Carola. Papai do Céu, perdoar e desculpar são a mesma coisa?... Hein?... Ah, bom! Desculpar é falar “não foi nada!”, quando a ofensa é pequena, e perdoar é falar a mesma coisa, quando a ofensa é grande. E o que é ofensa?... Hummm... Uma coisa que alguém faz pra gente, e a gente não gosta. O sumiço da sombrinha foi ofensa grande ou pequena?... Média... Cachorro também faz ofensa ou só gente?... Deixar de estender a cama deve ser uma ofensinha. E apertar a campainha das casas e sair correndo? E esconder a dentadura da vovó? E ter preguiça? E cuspir o xarope na pia? E pisar o chão da sala com os pés sujos? E rasgar, sem querer, a roupinha da Barbie? Papai do Céu, você já ofendeu alguém?... Nunquinha, mesmo?... Uma vez o papai e a mamãe brigaram, porque ele falou mal da vovó. A vovó é tão

Existem diversas maneiras de cuidar da vida: você cuida da vida ao ajudar um velhinho a atravessar a rua, ao doar roupa, brinquedo e alimento para os mais necessitados, você cuida da vida ao sair de casa à tarde e ir chamar o vizinho para brincar, seja de futebol ou de boneca. Cuida da vida ao ajudar sua mãe a preparar o jantar, ao colocar um sorriso no rosto e dizer “bom dia” com sinceridade para alguém.

Thaís Oliveira Magalhães
Aracati, CE

Pensei isso bem baixinho,
para que ninguém ouvisse.

Amanda Caroline Decker
Toledo, PR

Aproveitar a vida deveria
ser obrigação.

Natiéli Pollermann Sampaio
São Gabriel do Oeste, MS

boazinha, mas, coitada!, é manca de uma perna. O doce de leite que ela fez ficou bem docinho. No dia do doce, ela queimou a camisa nova do papai, e colocou a camisa no armário, com a parte queimada virada pra lá. Isso também é ofensa?... Nem precisa falar que o papai ficou uma onça por causa da camisa nova queimada. Mas ele tem outras, uma azul, uma xadrezinha e outra que ele ganhou na rifa, e, depois de um tempinho, acho que ele até perdoou a vovó, apesar da mamãe ainda ter ficado brava, porque ele aprontou uma gritaria aqui em casa até descobrir quem tinha queimado a camisa. Decerto ele achou que a ofensa foi grande, e a mamãe achou que foi pequena. E não nos deixeis cair em tentação... Um dia eu tropecei e caí no degrauzinho do ônibus. Daí minha amiga riu de mim. Na hora eu nem liguei muito, mas, depois, quando a gente chegou na escola, ela contou pra todo mundo, e eu acho que isso foi uma ofensa média. Eu desculpei ela, mesmo sem ela pedir desculpa — eu vi que ela se arrependeu da risada, porque ela me deu metade do lanche na hora do recreio, e perguntou, sem dar risada, se ainda tava ardendo o meu joelho. Mas livrai-nos do mal. Papai do Céu, posso pedir uma coisa? Não me deixa ofender ninguém, nem ofensa pequena, nem média, muito menos ofensa grande. E só mais uma coisinha: se alguém me ofender, me ensina a desculpar e a perdoar e até a esquecer na mesma hora, porque é muito ruim a gente ficar pensando em ofensas. Isso atrapalha a inteligência. Eu acho que pra gente viver bem alegre, bem leve... a gente tem que saber perdoar. Amém.

GISLAINE Buosi Fechus Monteiro
44 anos
Pouso Alegre, MG

Hors-concours

© Nelma Guimarães

Diário de bordo

Especialistas em cuidado: os autores dos textos vencedores

ADRIANA Guardiana Nogueira Silva

Vivo dos detalhes, da essência das coisas, em Campo Limpo Paulista, São Paulo. Vivo com quem o tempo me dá, com quem ao tempo conquisto. Adoro a Deus e não gosto de tempestade em copo d'água. Meu sonho é um mundo mais dialogal.

ANDRÉ Xavier Rodrigues

Moro em Vinhedo, São Paulo. Adoro videogame, não gosto de salada e sonho com um emprego bom para cobrir todas as necessidades da família que eu vou ter.

ANDRIELI de Melo

Vivo em Santa Cruz das Palmeiras, São Paulo, no meu lugar, com meus amigos. Adoro cachoeiras. Não gosto de destruição. Sonho com flores se abrindo e crianças sorrindo.

Acervo Pessoal

AMAURI Gomes Carolino

Vive em Florida Paulista, São Paulo, e tem 46 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

ALAN Nascimento Maia

Vivo em Santa Cruz das Palmeiras, São Paulo, no meu jardim com árvores e passarinhos. Adoro a primavera. Não gosto de desamor. Sonho com árvores abrigando vidas.

ANTHONY Vieira Pirola

Vivo em Jaguaré, Espírito Santo, no meu cotidiano sempre que possível, com a ajuda de todos os que apoiam essa atitude. Adoro estar com minha família e amigos, para mim esse é um momento sagrado. Não gosto de pessoas gananciosas, que vivem e morrem pelo dinheiro. Sonho com um futuro mais justo e promissor para mim e para os que virão.

APARECIDO Barbosa

Vive em Serra Azul, São Paulo, e tem 47 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

BÁRBARA de Aguiar Barbosa Garrett

Vivo na cidade do Rio de Janeiro, com meu filho Eric e meu marido Arilson. Adoro livros de terror e sobrenaturais e séries de tevê. Não gosto de funk, violência e grosseria. Sonho com meu mestrado em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ e em ser muito feliz com minha família.

BRUNO Duarte Pereira

Vivo no planeta, em Curvelo, MG, com minha família. Adoro a natureza. Não gosto de violência. Meu sonho é um mundo melhor.

CAMILLE Jacob Vieczorek

Vivo no Rio de Janeiro, com pessoas que estejam dispostas a ajudar também. Adoro arte, música e teatro, e não gosto de pessoas hipócritas, falsas e preconceituosas. Meu sonho é descobrir a cura para as doenças e ser atriz.

CAROLINA Benazzato

Vivo em São Paulo, no compasso dos ponteiros do tempo, com a presença do afeto verdadeiro de quem amo em minha órbita — inconstante, por ser sempre crescente. Adoro a adocicada voz da esperança, aos sussurros. Não gosto da crença nas derrotas pré-estabelecidas. Sonho com um futuro espiritualmente reciclável.

CLARA Vidal Abrão Assis Moreira

Vivo na minha cidade, Barbacena, Minas Gerais, com meus amigos e minha família. Adoro entrar em contato com a natureza e ajudá-la muito plantando árvores com quem quiser e com meu vovô e minha vovó. Não gosto de falta de respeito comigo e com outras pessoas, com os bichos e com a natureza. Meu sonho é ser professora de balé, porque quando danço me sinto solta no ar.

DAVI Souza Araújo

Vive em Serra Azul, São Paulo, e tem 36 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

EDILEINE Carvalho Bisinella

Vivo em Canoas, Rio Grande do Sul, no caminho em que percorro, como mãe e profissional, principais papéis aos quais me dedico. Vivo com a família no âmbito particular e com outros filhos que o carinho e a responsabilidade me apresentam na escola. Adoro sorriso de criança, trabalhos bem feitos, famílias emocionadas, vitalidade e a sensação de liberdade que o mar oferece. Não gosto de arrogância, cigarro, bebidas alcoólicas, falta de compromisso e vulgarização da cultura, de um modo geral. Sonho com a valorização dos professores e a parceria constante das famílias em atividades pedagógicas, além, é claro, de sonhar ver os filhos felizes em suas escolhas.

EDUARDA Maria Normanton Ladeira

Vivo em Jundiaí, São Paulo, no nosso quintal, com meus pintinhos. Adoro testemunhar o triunfar. Não gosto de falsidade, ironia, traição. Sonho com respeito, reconhecimento, aceitação do valor ímpar de cada um. Então eu sonho, sonho, sonho muito e simplesmente vivo sonhando, torcendo para que o mundo não privilegie uma única cor e propague a dor, mas seja muito, muito, muito colorido.

EDUARDO Fechus Becker Reis

Vivo em Pouso Alegre, Minas Gerais, com a minha imaginação, fazendo coisas divertidas, como andar de bicicleta, brincar com os amigos, nadar pelo menos uma vez por semana. Eu vivo com a minha mãe. Adoro ir tomar açaí ou sorvete nos dias de domingo, de abrir pacotinhos de Gogo's e de colar as figurinhas dos Gogo's nos álbuns. Não gosto quando as visitas vão embora, porque a casa fica vazia. Sonho em ter o gênio da lâmpada. Eu ia pedir a coleção completa dos Gogo's, muitos carrinhos e um poço dos desejos. Eu sonho em ter um avô, porque não conheci nenhum avô meu, pois o pai da minha mãe morreu quando ela tinha quatro anos e o pai do meu pai morreu quando meu pai era adolescente. Eu queria brincar com eles, mas agora isso não é possível. Só se uma das minhas avós casar-se de novo.

EMILY Monteiro Costa

Vivo em Boa Vista, Roraima, no cotidiano, com alegria. Adoro ler, escrever e viajar. Não gosto de perder tempo e de qualquer tipo de violência. Meu sonho é um futuro feliz e promissor.

ERICK Thiago Farias Santana da Silva

Vive em São Vicente, São Paulo, e tem 25 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

EURÍPEDES César Osório

Vive em Serra Azul, São Paulo, e tem 38 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

FABIANA Camargo da Silva

Vivo em Ibitinga, São Paulo, no princípio da coesão universal: o amor de Deus, com sua criação. Adoro a misericórdia e não gosto de intolerância. Sonho com paz, benevolência, calorosa amizade, forte unidade entre os povos do mundo.

FABIANA Coelho de Souza Leão

Vivo na Biblioteca Popular do Coque, na periferia do Recife, Pernambuco, com Maria Betânia Andrade. Adoro quando nossas crianças descobrem a magia dos livros e das letras. Não gosto quando a vida interfere nos sonhos para dizer aos meninos que não há lugar para eles na literatura e na aprendizagem. Meu sonho é que algumas destas sementes que estamos plantando possam vencer a aridez da terra, e que nossas crianças cresçam acreditando nos livros, na vida e em si mesmas.

FRANCISCO das Chagas da Silva

Vivo na comunidade "Tibolo", em Alto Santo, Ceará, com um povo humilde. Adoro as coisas simples da vida, não gosto do descaso dos governantes e sonho que um dia tudo isso vai mudar.

GIOVANNA Mantovani Salim

Vivo em São Paulo, na cidade e no campo, com minha família. Adoro ler e brincar junto da natureza. Não gosto de ver o meio ambiente degradado. Sonho com um mundo melhor.

GISLAINE Buosi Fechus Monteiro

Vive em Pouso Alegre, Minas Gerais, e tem 44 anos. É professora há dez anos e teve o 1º lugar na categoria Professores no concurso anterior. Já publicou três livros: Tuniquim e outros contos, Era uma vez um avô japonês e Primeira pessoa. Doze de seus alunos participaram desta edição do concurso, e dois textos seus são aqui publicados hors-concours.

HENRIQUE Ostemberg de Oliveira

Vivo em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na minha casa e no meu bairro, com minha família, com amor e dedicação. Adoro saber que ainda existem pessoas que se preocupam com a vida e não gosto de atitudes de violência. Meu sonho é que os outros parem de apenas sonhar com um lugar melhor e comecem a fazê-lo, assim como eu, que já comecei.

IANCA Regina Simões

Vivo em Santa Cruz das Palmeiras, São Paulo, na minha casa, com minha família. Adoro aprender, não gosto de bagunça e violência e sonho com um futuro muito melhor.

ISABELA Rodrigues de Paula

Vivo em qualquer lugar em São Paulo, com a minha família e amigos. Adoro ler e escrever e não gosto de sofrimento, violência e preconceito. Sonho com um mundo mais justo, com menos desigualdade social e mais altruísmo.

JAQUELINE Cândido Guedes

Vivo em Cerro Corá, Rio Grande do Norte, no Sítio Arisco, com meus pais, Maria das Vitórias da Silva Guedes e Joaquim do Nascimento Guedes. Adoro o lugar onde vivo, não gosto de praticar o mal e sonho com uma faculdade de medicina.

JÉSSICA Rangel Pereira

Vivo nos lírios do campo em Diadema, São Paulo, com as pessoas que amo. Adoro viver, não gosto de preconceitos e sonho com minhas metas alcançadas.

JOÃO Mendes Possiano

Vivo em Juazeiro do Norte, no Ceará, na minha sala de aula, com meus alunos. Adoro detalhes daqueles que aprendem. Não gosto de pressa. Sonho com um mundo mais demorado naquilo que é bom.

JÚLIA Alfano Keller V. Neves da Costa

Vivo no Rio de Janeiro, me divertindo e brincando com meus amigos. Adoro brincar de Turma da Mônica com eles — eu sou sempre a Mônica, mas minhas “coelhadas” são sempre delicadas. Não gosto de ficar a tarde toda na frente da televisão. Meu sonho é ser dançarina pop.

LEOBALDO Duarte Júnior

Vivo no meu pedacinho de céu em Catalão, Goiás, com a minha família e amigos da natureza. Adoro contemplar a minha predileta macaúba às margens da represa. Não gosto de ver a destruição e a morte das relíquias naturais. Meu sonho é um mundo cheio de amor, paz e consciência.

LILIA Virgínia Martins Santos

Vivo em Belo Horizonte, Minas Gerais, na biblioteca de uma escola pública, com crianças, adolescentes, jovens, adultos, professores, funcionários, comunidade e qualquer pessoa que queira ler. Adoro livros, música, arte, cinema, amigos, viagens e família. Não gosto de mau humor, de desrespeito e de qualquer tipo de preconceito. Sonho com todas as crianças brasileiras com escolas de qualidade e com um país de que a gente consiga se orgulhar.

LORENA Miranda de Carvalho

Vivo em Manhuaçu, Minas Gerais, no lugar onde menos se espera e com quem for menos provável. Adoro o que a vida tem de mais sutil e não gosto dessa corrupção doentia que coloca a paz abaixo da ganância. Sonho com a capacidade de tornar homogênea a água misturada ao óleo.

MARIA Neick da Piedade Lopes

Vivo no planeta, na minha cidade de Turmalina, Minas Gerais, com minha família, na biblioteca, onde sou promotora de leitura voluntária, e na Igreja, como coordenadora da Pastoral do Dízimo, do coral “Vozes de Anjos” e do programa de rádio “A Hora do Ângelus”. Adoro ler, escrever, dar presentes, oferecer ajuda, tomar uma taça de vinho e bater papo com amigos, contar histórias, fazer teatro (atrás dos bastidores), conviver com gente de bom caráter.. Não gosto de discussões, brigas, qualquer tipo de violência, desrespeito, desperdício, ingratidão. Tenho pavor de drogas, a corrupção me enoja e a injustiça me tira do sério. Sonho sonhos possíveis, sonhos bons de se realizar, com gestos que, apesar de pequenos, fazem a diferença. Sonho com uma família unida, uma Turmalina cheia de leitores, um povo feliz e uma Igreja que semeia esperança. Não desejo nunca parar de sonhar e me emocionar, pois estes são os combustíveis que me fazem uma pessoa feliz.

MAXWELL Cândido da Silva

Vivo numa cidade pequena em um bairro chamado Vila Pauliceia, em São Bernardo do Campo, São Paulo, com minha mãe e irmãos, e tenho também dois cachorros. Adoro ler e escrever e seguir minha religião evangélica. Não há o que não goste, e sonho em fazer uma boa faculdade e ter um futuro bem preparado.

MICAELE dos Santos Dantas

Vivo em Maravilha, no sertão de Alagoas, num simples povoado, porém cheio de qualidades que somente nós moradores valorizamos, com pessoas que tenho por base para firmar meus propósitos de vida, como familiares (mãe, padrasto, irmãos...) e amigos. “Adoro” para mim é um verbo de compromisso divino, mas, substituindo-o por gostar, gosto de diversão, estudar e ajudar o próximo. Não gosto de pessoas “dupla face”, aquelas que mudam de personalidade a cada instante. Sonho com um mundo melhor, onde crianças voltem a brincar na pracinha, onde jovens voltem a ser responsáveis e os idosos voltem a ser amados e não maltratados; sonho que um dia o verde volte a crescer e os pássaros a cantar, enfim, que a vida possa ser vivida intensamente.

MIRACY Ferreira do Nascimento Real

Vivo em Ponte Nova, Minas Gerais, no meu lar, na minha escola, na vizinhança, com aqueles que me são caros e com todos os que precisam de mim e acreditam que podemos fazer a vida melhor. Adoro aprender e ensinar, ler e escrever, assistir a bons filmes. Não gosto de inércia. Sonho com mais qualidade de vida para o povo, menos violência e sofrimentos, mais educação.

MOZAR Inácio da Silva

Vivo em Uberlândia, Minas Gerais, no meu pequeno ateliê com todos que amo. Adoro quando consigo reconhecimento do meu trabalho. Não gosto de desperdício e aproveito vários materiais transformando-os em obras de arte. Sonho com a conclusão dos meus estudos.

Acervo Pessoal

NELSON Alves da Glória

Vive em Dracena, São Paulo, e tem 33 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

NICOLLE Jacob Vieczorek

Vivo no Rio de Janeiro, em minha casa, com as minhas irmãs e minha família. Adoro brincar e desenhar. Não gosto de pessoas más que falam muita mentira e roubam coisas. Meu sonho é ajudar pessoas, ser cantora e inventar coisas que nunca existiram.

OLDEMAR Cabanhe

Vivo na escola (o lugar em que passo mais tempo) em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com meus alunos, sabendo que é única e preciosa. Adoro incentivá-los sempre a ler e a valorizar cada minuto em sala de aula e fora dela. Não gosto de ver o sofrimento de florestas em chamas e de ver alguém batendo em cavalos e cachorros. Meus sonhos são os sonhos de todo poeta (mesmo sem sê-lo).

Acervo Pessoal

PATRÍCIA Oliveira Cândido

Vive em São Paulo, e tem 27 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

PATRÍCIA Rodrigues Costa

Vivo no campo, com meus pais, em Pedra Bonita, Minas Gerais. Adoro estudar, não gosto de preconceito e sonho com um futuro melhor.

Acervo Pessoal

PAULO de Pontes

Vive em Andradina, São Paulo, e tem 55 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

Acredit Pessoal

RAFAEL Marcell Dias Simões

*Vive em São Vicente, São Paulo, e tem 29 anos.
Atualmente encontra-se em reclusão.*

Acredit Pessoal

RALPH Kelley Gonzaga do Nascimento

*Vive em São Vicente, São Paulo, e tem 36 anos.
Atualmente encontra-se em reclusão.*

RISONEIDE Alves Pequeno

*Vivo no Engenho Limoeirinho, em Timbaúba,
Pernambuco, com meus alunos. Adoro voltar
para casa, não gosto de terra seca (sinal de tristeza),
e meu sonho é uma casa no campo.*

RITA de Cássia Álvares Nogueira Bastos

*Vivo em Ibitinga, São Paulo, no sempre, no exato
ponto em que se inicia até... a vida se faz partilha.
Adoro a mão que se oferece e não gosto da mão que
se esconde, que se omite. Sonho com as mãos unidas
num cuidar eterno.*

ROBSON César Correia de Mendonça

*Vivo no futuro, com amor, em São Paulo.
Adoro a natureza e não gosto de desperdício.
Meu sonho é um mundo melhor.*

SEBASTIÃO Aparecido da Silveira Moraes

*Vivo em Salto, São Paulo, na Terra, em busca de novos
ideais, respeitando a vida. Adoro curtir a natureza,
não gosto de degradação do meio ambiente e sonho
com um mundo fraterno e feliz.*

TALITA Sabrina da Silva

*Vivo em Patrocínio, Minas Gerais, no agradável
distrito de Macaúbas de Cima, com meus queridos
avós paternos Enedina e João. Adoro viajar pelo
fascinante mundo da leitura. Não gosto de intolerância.
Sonho com uma existência plena em que eu possa
fazer a diferença.*

VALÉRIA Aparecida Galdino Magalhães

Vivo em Manhuaçu, Minas Gerais, no dia a dia na minha casa, na escola e na comunidade, com meus filhos e trabalhando as questões de lixo no meu bairro. Adoro a natureza... mato... terra... e sentir o vento no rosto. Não gosto de barulho excessivo. Sonho com as pessoas reconhecendo a importância da natureza, da terra. Sonho com a harmonia entre o homem e o planeta.

VALTER de Moraes

Vivo em Biritiba Mirim, São Paulo, nos lugares onde podem chegar a minha voz, as palavras que parecem minhas, minha alma, enfim. Nessa empreitada, conto com aquilo que a inspiração me sopra. Vivo com a coragem de devolver para o outro aquilo que ele me fez sentir. Sou um sentidor visceral que adora viver por um triz, alguém que oscila entre a treva e o perdão. Não gosto de quem parece ter tudo sob controle, porque são os únicos que nada podem ensinar, já que se recusam a aprender. Sonho com um tempo em que Deus conseguirá dizer a todos por meio da... Arte.

Arquivo Pessoal

VALTER Hakuo Murakami

Vive em Pacaembu, São Paulo, e tem 46 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

VANESSA Maria do Nascimento

Cuido da vida no Sítio Queimadas, com minha mãe, em Timbaúba, Pernambuco. Adoro pular corda, não gosto de tristeza e sonho com o mar.

Arquivo Pessoal

VERISSIANO Cardoso da Silva

Vive em Marabá Paulista, São Paulo, e tem 34 anos. Atualmente encontra-se em reclusão.

VICTÓRIA Martinez Demichei

Vivo no meu dia a dia, com as pessoas que amo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Adoro rir e conversar. Não gosto de hipocrisia e crueldade. Meu sonho é um futuro agradável pra mim e pro mundo inteiro, onde todos possam conviver em paz.

VIVIANE Reinaldo Martins

Vivo no meu cantinho em Catalão, Goiás, com a contribuição das pessoas que trabalham a favor da justiça social e da sustentabilidade. Adoro sentir o perfume das flores e ouvir as palmas das folhas se misturando à canção dos pássaros. Não gosto de abrir a janela do meu quarto e ver que a vida ao redor desaparece a cada dia, ficando ali apenas homens gananciosos. Sonho com o dia em que verei as sementes da conscientização se transformarem em flores e frutos viçosos, dignos de louvor.

YURI dos Reis Videira Pereira

Vivo no planeta, em São José dos Campos, São Paulo, com minha família e meus amigos. Adoro que todos tenham uma vida feliz. Não gosto de hipocrisia. Meu sonho é a paz.

YURI Ruppini Prado

Vivo em Itanhaém, São Paulo, em minha comunidade, com minha família. Adoro a natureza e não gosto de intolerância. Meu sonho é a igualdade entre os povos.

© Nelma Guimarães

Histórias em quadrinhos

Cuidar da vida é também falar de amor, não é?

É, sim. E foi disso que falou Ana Cândida dos Santos: aos 70 anos, trabalhando de dia como costureira e estudando à noite, achou tempo e inspiração para participar do Concurso. Ana Cândida está presente neste livro com uma pérola sobre a alegria de aprender.

Como não fui eu que fiz?

É verdade. Tem coisa escrita de que a gente gosta tanto, mas tanto, mas tanto, que nem consegue entender como é que não a escreveu. Ai, que vontade de ter sido o autor... Todo mundo sabe (ou deveria ser disso informado): o certo é copiar entre aspas e indicar o nome de quem escreveu. A cada edição do concurso, alguns participantes se empolgam com o que encontram em livros, em canções e na internet e mandam seus achados misturados em seus textos, sem indicar o verdadeiro criador.

Nesta edição, uma surpresa: um trecho copiado totalmente dispensável no meio de um texto que valia a pena, criado pelo participante! Pena que ele não confiou mais no próprio talento: o que ele escreveu leva a pensar que poderia ter sido muito interessante... Marília Castello-Branco, a jurada multiplicadora que descobriu a “brincadeira”, fez questão de mandar esta mensagem ao autor, reproduzindo o que era mesmo de sua autoria e substituindo a parte plagiada por (...):

É isso continuamos na luta ferrenha mais dura que o adamantium do wolverine contra as forças do retrocesso e atraso na minha Mentirinha city e outra Lies lands e em todos os limites espirituais, físicos e mentais que minha visão crua pode ver...

(...)

Eu penso nisso, na nossa capacidade de ser artista, vivendo num sexto mundo dentro de um terceiro, cheio de segundas intenções num lugar chamado: BRASIL, MENTIRINHA MOR ... Segunda-feira, 28-03-2011 S.O.S... Slow, cambio, tschzrsrsr, tscxhgr..(estática) ... Tem alguém aí ???

A jurada responde:

Sim, tem alguém aqui. Sua mensagem chegou. Entendida.

Segue resposta:

O texto espontâneo que você mesmo criou é a única coisa boa da sua redação etc. É gostoso, criativo, tem humor, chama a atenção. Continue escrevendo, beijos, câmbio, desligo.

tschzrsrsr,tscxhgr, tschzrsrsr, tscxhgr...

Olha no Google

Quantas vezes você já ouviu alguém dizer esta frase? Cem? Mil?
Um milhão? Googol vezes?

Era uma vez um matemático chamado Edward Kasner, que, em 1938, tentava encontrar um nome para este número:

10. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000.
000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000.
000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000. 000

Aproveitando que um sobrinho de 9 anos andava por ali, o matemático pediu uma sugestão, e o garoto saiu-se com esta: “Googol”.

Ele gostou da ideia, e a palavra “Googol” ficou sendo oficialmente o nome desse número.

Passados 60 anos, dois jovens doidos por coisas de informática inventaram, em sua garagem, um “motor de pesquisa” para procurar informações na internet. E acharam que o nome daquele número inventado 60 anos antes pelo sobrinho do cientista era bom para a invenção. Só que... Só que na hora de escrever o nome, alguém “cochilou” e cometeu um erro de ortografia: em vez de “Googol”, escreveu “Google”.

Ficou Google mesmo, e hoje funciona em cerca de 100 línguas diferentes, para mais de 200 milhões de pesquisas por dia. Nas duas últimas edições do Concurso Cultural, algumas dessas milhões de pesquisas serviram para que os autores buscassem ideias e informações; outras, para que alguns, na falta de inspiração, copiassem textos; e outras ainda — toda moeda tem duas faces — para que os jurados descobrissem a cópia...

Na dúvida... A gente também olha no Google.

É nisso que dá misturar agricultura com filosofia...

No mesmo ano em que a palavra “Googol” era inventada nos Estados Unidos (1938), nascia, do outro lado do mundo, na África, mais precisamente em um oásis da Argélia, um menino chamado Pierre Rabhi. Seu pai era ferreiro, músico e poeta.

Pierre cresceu atento ao que aquele mundo simples em que nasceu tinha de bom e às dificuldades que vinham junto com o chamado progresso, como toda pessoa adepta do CUIDADO. Suas ideias de cuidado foram se multiplicando: “Oásis em todos os lugares”, por exemplo. E ele foi inventando palavras para suas ideias de cuidado, palavras que adotamos com entusiasmo, como “agroecologia”, que usamos neste livro, porque expressam com muita propriedade as ideias de cuidado que nos chegaram de todos os cantos do Brasil. Afinal, cuidado não tem fronteiras.

Pierre Rabhi cresceu, foi operário, aprendeu a ser agricultor; escreveu e escreve livros sobre cuidar do mundo, de nós e da vida; mora na França, cercado por uma comunidade cada vez maior de cuidadores, e realizando também um belo projeto de educação. Anda pelo mundo plantando sementes de cuidado e convencendo gente de que é preciso pensar não só no planeta que deixaremos a nossos filhos, mas nos filhos que deixaremos a este planeta.

A Pierre Rabhi, nosso agradecimento por tantas ideias luminosas sobre cuidar da vida, e nossa homenagem nas respostas eloquentes dos brasileiros que aqui compartilharam seus gestos de cuidado.

Site sobre ele (em francês):

<http://www.colibris-lemouvement.org/colibris/aux-origines-du-mouvement/pierre-rabhi>

Quem abriu o caminho para a escrita

*“Eu não sou um professor: sou apenas um
companheiro de viagem a quem você
perguntou qual era o caminho.*

Eu indiquei à frente – à frente de mim e de você.”

George Bernard Shaw

Para levar à realidade concreta do papel a palavra da alma, alguém propõe, dialoga, anima, encoraja, compartilha leituras, abre perspectivas. Esse alguém é o educador, que está ligado a uma instituição. Ele acredita, como nós, na palavra como ferramenta de desenvolvimento. Ele leva a seus alunos a boa nova de que as palavras deles serão bem-vindas. Ao mesmo tempo, compartilha com eles a ideia que Graciliano Ramos expressou tão claramente:

*“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar
como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”*

Nossa homenagem a esses profissionais que abriram o caminho aos autores dos textos deste livro, orientando-os no sentido da liberdade de expressão, da originalidade e da escrita que toca a sensibilidade do leitor:

Amanda Aparecida Helena Neves

Yuri dos Reis Videira Pereira — *A paz pode acontecer*
Instituto Educacional Iguatemy | São José dos Campos SP

Aparecida de Fátima Mazzotti

Alan Nascimento Maia — *Via Láctea, planeta Terra, ano de 2011*
Andrieli de Mello — *Bosque das Maravilhas, tempo de coisas de encantar*
EM Pio Borges Gonçalves | Santa Cruz das Palmeiras SP

Eliane de Paula Rocha

Clara Abrão Moreira — *Querida Branquinha*
Vila Marquês de Rabicó | Barbacena MG

Gislaine Buosi Fechus Monteiro

Eduardo Fechus Becker Reis — *Rio Suco de Maracujá*
Instituto de Educação e Ensino de Pouso Alegre | Pouso Alegre MG

Márcia Jacob

Nicolle Jacob Vieczorek — *As frutas mágicas*
Fundação Bradesco | Rio de Janeiro RJ

Risoneide Alves Pequeno

Vanessa Maria do Nascimento — *A vida é bela*
Escola Doutor João Ferreira Lima | Timbaúba PE

Rita de Cássia Ximenes Mury

Júlia Alfano Keller Ventura Neves da Costa — *Tico e eu*
Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social – ANEAS | Rio de Janeiro RJ

Rogério da Fonseca Trindade

Bruno Duarte Pereira — *Carta aos terráqueos*
EM Dr. Viriato Diniz Mascarenhas | Curvelo MG

Veronice Aparecida Leal Rocha

Giovanna Mantovani Salim — *A história de Lisa*
Colégio Santa Maria | São Paulo SP

Elaine Cristina Bortolotti

Ianca Regina Simões — *Cuidar é respeitar as diferenças*

EE Professora Maria de Lourdes Nascimento Guerreiro | Santa Cruz das Palmeiras SP

Josenildo Pinheiro da Silva

Jaqueline Cândido Guedes — *Uma estrela adolescente*

EM Belmira Viana | Cerro Corá RN

Luciana Rossi Gardim

André Xavier Rodrigues — *Cansei do jogo, entrego o joystick*

Colégio Novo Anglo | Vinhedo SP

Márcia Jacob

Camille Jacob Vieczorek — *Louco?*

Colégio Sagres | Rio de Janeiro RJ

Maria Gisélia Bezerra Gomes

Francisco das Chagas da Silva — *Uma coisa chamada helicóptero*

EMEF Urcesina Moura Cantidio | Alto Santo CE

Oldemar Cabanhe

Henrique Ostemberg de Oliveira — *Ler é cuidar bem da vida!*

EM Dr. Eduardo Olímpio Machado | Campo Grande MS

Simone Aparecida Mendes Sampaio de Souza

Patrícia Rodrigues Costa — *A emoção de viver dos jovens*

Centro de Referência de Assistência Social | Pedra Bonita MG

Simone de Fátima dos Santos

Leobaldo Duarte Júnior — *O segredo da vida*

Viviane Reinaldo Martins — *Uma flor nasceu*

EM Arminda Rosa de Mesquita | Catalão GO

Wallyn Vieira da Silva

Micaele dos Santos Dantas — *Encontrando um amigo no sertão*

Escola Municipal de Educação Básica Sagrada Família | Maravilha AL

Beatrice Jazotte Pires de Vasconcelos

Isabela Rodrigues de Paula — *As cores de Guernica*
ETE Prof. Basíledes de Godoy | São Paulo SP

Eduardo Marques Silva

Victória Martinez Demichei — *Carta a uma amiga*
Escola Estadual de Ensino Médio Itália | Porto Alegre RS

Joana d’Arc Aparecida de Lima Silva

Talita Sabrina da Silva — *Fragments humanos*
EE Coronel Elmiro Alves do Nascimento | Patrocínio MG

Jocelaine Oliveira dos Santos

Emily Monteiro Costa — *Algum conto*
Instituto Federal de Roraima | Boa Vista RR

Letícia Nóbrega de Mello

Carolina Benazzato — *Aquele sonho*
Instituto Paulista de Ensino (Centro de Ensino Wellington) | São Paulo SP

Luciana Pansini

Anthony Vieira Pirola — *O cuidador de vidas*
Escola Estadual de Ensino Médio Pedro Paulo Grobério | Jaguaré ES

Regina de Aquino Xavier

Lorena Miranda de Carvalho — *Morte do que é vivo*
Colégio Tiradentes da Polícia Militar | Manhuaçu MG

Rita de Cássia Bordoni

Jéssica Rangel Pereira — *Preguiça? – Só se for o bicho...*
Maxwell Cândido da Silva — *Devore-me!*
EE Laudo Ferreira de Camargo, Ministro | São Bernardo do Campo SP

Vanda Rolnik Borges

Yuri Ruppini — *Osteodesertificação*
Colégio Irene Bargieri | Peruíbe SP

Adriana Cristina Dias de Oliveira

Aparecido Barbosa — *Lembranças*

Davi Souza Araujo — *ViDavida*

Penitenciária II de Serra Azul | Serra Azul SP

Agostinho Mariano Fernandes

Patrícia Oliveira Cândido — *É bonita, é bonita e é... bonita*

Penitenciária Fem. Drª Marina M. Cardoso de Oliveira do Butantan | São Paulo SP

Joana D'Arc Rosário da Silva Melazzo

Mozar Inácio da Silva — *Um artesão*

Escola Municipal Profª Cecy Cardoso Porfírio | Uberlândia MG

Júlio Costa da Silva

Erick Thiago Farias Santana Silva — *Cuidar da vida*

Rafael Marcell Dias Simões — *A falácia das acácias*

Penitenciária Dr. Geraldo de Andrade Vieira | São Vicente SP

Marcelo Rigobelli Ferreira

Nelson Alves da Gloria — *Vamos cuidar da vida?*

Penitenciária Asp Adriano Aparecido de Pieri | Dracena SP

Márcio Henrique Lanza

Valter Hakuo Murakami — *É preciso saber viver*

Penitenciária de Pacaembu | Pacaembu SP

Marco Antônio Araújo Rocha

Amauri Gomes Carolino — *A escola depende de todos*

Penitenciária Estadual de Florida Paulista | Florida Paulista SP

Marcos Miranda

Paulo de Pontes — *No passado*

Penitenciária de Andradina | Andradina SP

PROFESSORES

Adriana Guardiania Nogueira Silva*Transformação*

EMEF Vila Thomazina | Campo Limpo Paulista SP

Bárbara de Aguiar Barbosa Garrett*O menino sentado ao computador*

Escola Municipal Amapá | Rio de Janeiro RJ

Edileine Carvalho Bisinella*Capítulos de olhar*

EMEF Rio Grande do Sul | Canoas RS

Eduarda Maria Normanton Ladeira*Meu aluno, meu espelho*

EM Professor André Franco Montoro | Vinhedo SP

Gislaine Buosi Fechus Monteiro*Maria-Maria e Papai do Céu, você já ofendeu alguém?*

Instituto de Educação e Ensino de Pouso Alegre | Pouso Alegre MG

João Mendes Possiano*Em busca dos gestos poéticos*

Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Educar SESC | Juazeiro do Norte CE

Oldemar Cabanhe*Simplesmente assim*

Escola Municipal Dr. Eduardo Olímpio Machado | Campo Grande MS

Risoneide Alves Pequeno*Todos os dias, um novo renascer!*

Escola Doutor João Ferreira Lima | Timbaúba PE

Rita de Cássia Álvares Nogueira Bastos*Conquiliologista*

EE Profª Iracema de Oliveira Carlos | Ibitinga SP

Sebastião Aparecido da Silveira Moraes*Escutem*

EE Francisco Nardy Filho | Salto SP

Valter de Moraes*Uno e versos*

Colégio Guilherme de Almeida | Guarulhos SP

PROFISSIONAIS
DE BIBLIOTECA E
EDUCADORES
SOCIAIS

Eurípedes Cesar Osório

Ser sendo, aprender aprendendo

Penitenciária II de Serra Azul | Serra Azul SP

Fabiana Camargo da Silva

Semeadura

EE Iracema de Oliveira Carlos | Ibitinga SP

Fabiana Coelho de Souza Leão

Como cuidar de uma flor no asfalto

Fundação Círculo de Histórias do Coque | Recife PE

Lilia Virgínia Martins Santos

Caminhos para ver e ser

EM Padre Francisco Carvalho Moreira | Belo Horizonte MG

Maria Neick da Piedade Lopes

Uma vida a serviço do amor – nas ondas da gratidão

Biblioteca Pública Municipal Mestra Augusta | Turmalina MG

Miracy Ferreira do Nascimento Real

Leitura: prazer, informação e transformação

Cesec Professora Vera Parentoni | Ponte Nova MG

Ralph Kelley Gonzaga do Nascimento

A Jennifer

Penitenciária Dr. Geraldo de Andrade Vieira | São Vicente SP

Robson César Correia de Mendonça

O sonho é real

Movimento Estadual da População em Situação de Rua | São Paulo SP

Valéria Aparecida Galdino Magalhães

À terra voltarás um dia

Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais | Manhuaçu MG

Verissiano Cardoso da Silva

Do chão à educação

Penitenciária João Augustinho Panucci | Marabá Paulista SP

quem fez a primeira leitura

A diversidade é uma das características essenciais do grupo que faz a primeira leitura dos textos, e o resultado disso é uma grande riqueza de perspectivas e visões. Todos têm em comum o amor pela leitura e a crença de que tomar a palavra por escrito é um gesto corajoso e digno que merece respeito e atenção. Eles são preparados e orientados pelos jurados multiplicadores, que tomam a decisão final na seleção.

Este grupo também é responsável pela preciosa tarefa de identificar “pérolas” — trechos que brilham nos milhares de textos recebidos e também são publicados neste livro.

Alessandro Sbampatto

Alice Assef

Aline Stivaletti Barbosa

Amanda Chieregatti de Souza

Angélica Ponce

Areli Cid Baena Castilho

Cláudia Varella

Denize Guazzelli

Diego Almeida de Aguiar

Dilma Pichoneri

Eduardo Mendonça Menezes

Eliana Guedes

Eliza Mania

Giovana Umbuzeiro Valent

Grasiela Castilho Diamantino

Jonas Tavares de Souza

Júlia Young

Juliana Achcar

Juliana Assef

Juliana Silva Maia

Jussara da Silva Couto

Laura Knoll

Luíza Albuquerque

Mahomed Bamba

Márcia Almeida Batista

Maria Aparecida de Araújo Gomes

Maria Fátima Rizzo

Maria Veridiana Negrini

Mariana Batista Bragante

Maurício Boldrin Zampaulo

Melissa Castilho Diamantino

Michael Falkenberg

Nanah Correia

Nina Lopes Esperança

Patrícia Mendonça Menezes

Régis Bueno da Silva

Renata de Andrade

Renato de Sá

Sueli Miriam Silva Maia

Suzel Prado

Vanessa de Cássia Silva

Vinícius Whitaker

Viviane Aguiar

Quem multiplicou cuidados na seleção dos textos vencedores

Ana Cláudia Leite

Sou pedagoga, dedico-me ao cuidado das novas gerações, pois acredito que todas as crianças têm direito de ter infância, de ter tempo para brincar e se desenvolver conforme seu ritmo e características. Para tanto, cuido do adulto, do educador, e me nutro de arte, natureza e das experiências proporcionadas pelas cidades.

Beth Negrini

O cuidar do outro é buscando, apalpando, auxiliando. Há ternura pelo outro, vivo e ileso, uma gratidão por o outro estar vivo. Agora se compartilha outra vez, irmana-se mais, faz-se o cordão dos que bailaram a estranha melodia do fim que se negou. O tempo vai deixar o momento como sombra e depois como momento, aventura-sem-perigo. Resta, no entanto, a certeza de que, no bailado da morte, não importa o tamanho do corpo de baile, não há comunicação ou troca de auxílio, cada qual vai morrer na sua vez. Cada um vai fazer seus movimentos absolutamente só. É absurdamente individual o ritual da passagem. Vale o momento. Cuidaremos da sua, da nossa, da minha, enquanto somos todos nesta vida.

Cláudia Varella

Sou jornalista apaixonada pela língua portuguesa. Afinal, trabalho com essa senhora secular e dinâmica todos os dias, produzindo textos e tentando apresentá-los ao leitor da forma mais prazerosa possível. Adoro ler e escrever e sou meio fanática por pontuação e acentuação. Vírgula e acento é comigo mesmo. Aos 44 anos de idade e 23 de profissão, defendo a nossa língua diariamente.

Dorinha Gonçalves

Estou aprendendo a cuidar da minha vida com mais amor por quem eu sou, pelo que faço e como faço.

Trabalho desenvolvendo ideias para projetos do Terceiro Setor, adoro fotografar a natureza e participo de um projeto de plantio de árvores nativas em espaços públicos.

Inês Mindlin Lafer

De quase três anos pra cá, cuidar da vida ganhou novo sentido: uma menina pra amar e crescer junto. Mestrado feito (em administração pública), novo projeto pra fazer crescer: empresa própria pra movimentar investimentos sociais, ações e formações no campo das políticas públicas. Felizmente, com tempo para coisas prazerosas como o Concurso Cultural Ler é Preciso. Uma honra ser multiplicadora mais uma vez!

Jane Menezes

Já fiz de quase tudo um pouco e descubro todos os dias o quanto o amor pela leitura me ajuda sempre e o quanto ainda tenho que aprender, aprender, aprender. Na minha versão mais recente e sensível, a de avó do Renan, observo cuidadosamente como escrevem e o que leem nossas crianças — pequeninos e poderosos pedaços do futuro —, para poder crescer com elas.

Leandro Nomura

Aos 28 anos, sou jornalista. Para mim, cuidar da vida se dá por meio do compartilhar de palavras e de espaços em branco, para o outro completar. Viajei na maionese?

Luciana Gardim

Sou cuidadora de palavras alheias. Aplico a atenção, o carinho. Assim, considero-me mais que uma professora de Português. Sou educadora. Cuido do olhar, cuido do saber. Amo o que faço. Faço com paixão. O que me move é a certeza da aprendizagem, da melhora e da vitória no final.

Luiz Mendes

Eu, Luiz Mendes, tenho a pretensão de querer ser um escritor. Por conta disso, cuido da palavra. Busco aquela palavra inteira que transmita tudo o que meu coração quer levar de amor, briga e entendimento às pessoas que me leem. Aquela palavra que, à primeira batida do olhar, qualquer um possa compreender, sentir e me ver nela.

Maria Ângela Santos

Sou jornalista que atua há bastante tempo em televisão, veículo que sempre me permitiu registrar rostos e sorrisos felizes de crianças e jovens com acesso à escola, à leitura e a um mundo de oportunidades.

Maria Teresa Paliologo de Britto

Penso que sou confiável, justa, sensível, e gosto de levar a vida serelepeamente, com responsabilidade e correção. Acredito e me encanto com o potencial de cada pessoa, e sutileza e inteligência me cativam demasiadamente. Por isso, comprometo-me, sempre, a cuidar a-t-e-n-t-a-m-e-n-t-e e da parte que parece ser “mais invisível” na vida, já que da parte visível muitos já dizem cuidar!

Marília Assef

De mãos dadas com meu avô, aprendi muito cedo a jogar papel de bala na lata de lixo e também a observar a natureza. Vovô Tônico não era de muitas palavras, mas fotografava tudo o que achava bonito: passarinhos no ninho, flores nascendo, rios de águas limpinhas e geladinhos, crianças brincando na rua, a lua nascendo e o sol morrendo. Depois ele fazia uma mágica e tirava todas aquelas imagens da máquina fotográfica e as colocava em papéis. Eu ganhava um monte, as mais lindas, e prometia tomar conta delas e acompanhar se aquilo de que a gente gostava estava sendo bem tratado pelas pessoas. Cresci, estudei jornalismo e ainda hoje, aos 60 anos, as imagens são bons instrumentos para cuidar de vidas. Da minha e de tantos outros.

Marília Castello-Branco

Atriz, aprendi a cuidar de mim: corpo, gesto, olhar, emoção. Livreira e escritora, aprendi a cuidar da palavra: letras, livros, papel, cultura. Psicóloga, aprendendo a cuidar do outro: outro que há no outro, outro que há em mim, que há em ti. Tudo junto, aprendo/ensino a cuidar da vida. Arteterapeuta e

dramaterapeuta no Proad — Unifesp: clínica, prevenção, ensino e pesquisa em dependência química.

Naná Prado

Uso todos os meus sentidos para exercer o nobre papel de mãe de primeira viagem do Francisco. Uso também todos os sentidos para ir além da formação (jornalista, gestora ambiental, professora de yoga) e conseguir cuidar de dentro para fora, dos sentimentos, das palavras, das pessoas.

Pimpa Barros

Não é possível que o outro não tenha uma qualidade. Ache. Reforce para apoiá-lo (disse Vera Dawe, minha mãe). Esse cuidar aprendi com ela.

Reni Adriano

Aos 4, fui alfabetizado pela minha mãe — que não era leitora. E minha avó Dindinha, que era analfabeta, me ensinou a fabular. Adulto, ao descobrir que não poderia viver sem tudo isso, é que entendi como elas cuidaram de mim. Então, o meu jeito de cuidar da vida é escrever, ler e oferecer leitura. A melhor maneira que encontrei foi fazer-me escritor — o que minha mãe e Dindinha chamariam de mentiroso mesmo.

Tatiana Achcar

Navego entre o jornalismo, a bicicleta e a horta. Gosto de contar histórias que ajudam a cuidar do mundo e de rodar esse mundão com o olhar observador, e a autonomia da força das pernas e uma brisa no rosto. Nessas andanças, encontro gente que cuida da terra, que embala uma semente, que dá de beber, que vê crescer e frutificar. No campo ou na cidade, vejo pinceladas de um tempo de fraternidade e cuidado.

Telma Regina Matheus

Reunião de amigos na varanda, um vaso de flores, toalha de crochê tecida por minha mãe enfeitando a mesa, fotos das crianças que preenchem minha vida de madrinha, dormir com uma gatinha enrodilhada nos meus pés, abrir a janela da minha casa e sentir o sol ou a chuva. Cuidar da vida é aprender a vivê-la nas coisas simples. E assim cuidando cuido dos que amo.

Ondas de cuidado

É motivo de grande orgulho escrever esta mensagem para o livro que reúne as 60 melhores redações sobre o tema “Vamos cuidar da vida”, do concurso cultural promovido pelo Instituto Ecofuturo pela sétima vez. O entendimento que tenho desse processo em que milhares de pessoas (alunos, familiares, colegas, professores, orientadores) se envolvem para explorar um determinado tema e estimular a criação de textos que externam opiniões, preocupações, visões, é muito positivo, pois aumenta a competência do cidadão, aguça sua visão crítica, mostra que o debate sério é válido e necessário.

Quero traçar um paralelo entre o tema *vamos cuidar da vida* e uma canção de Lulu Santos que diz que “a vida vem em ondas como o mar”. Todos nós, até pelo espírito de sobrevivência, temos que *cuidar de nós*: aqui valem alimentação, exercícios, relacionamentos, leituras, estudos, capacitação técnica. Esta é a primeira onda, e quanto melhor estivermos, maiores serão as chances de atuarmos positivamente no próximo nível.

A segunda onda diz respeito à nossa família. Temos que *cuidar* dela com amor e respeito, pois é o nosso porto seguro e é nela em que passamos mais intensamente toda nossa vida. A terceira onda refere-se aos relacionamentos, ao nosso círculo de amizades, àquelas pessoas que estão sempre prontas para nos ouvir, para nos dar apoio, nos estimular; não há caminhos difíceis se há um amigo do nosso lado. Pois é dessas pessoas que devemos *cuidar* com carinho, independente da frequência e intensidade dos encontros.

Temos que *cuidar da sociedade* em que vivemos, do bairro onde fincamos raízes; o trabalho que fazemos é um bom exemplo de contribuição para a melhoria do nosso “mundinho”, agindo de modo responsável. Como diz a placa que um grande banco instalou ao lado de sua sede: “se cada um cuidar da sua rua, o mundo será melhor”. É preciso, portanto, cuidar dos valores morais, preservar as instituições, para que possamos viver em harmonia.

E então chegamos à última onda, que é o mundo em que vivemos. Esta nave que hoje transporta cerca de 7 bilhões de pessoas, que tem sido desrespeitada durante séculos com devastações, poluição e guerras. Devemos agir pensando nas futuras gerações, e isso implica comportamento cidadão, uso racional dos recursos naturais. Recentemente presenciamos a retirada de sofás e até carcaças de automóveis de dentro de um dos rios mais importantes de São Paulo, o que contribui para causar enchentes desastrosas; trata-se aqui de uma atitude que pode e precisa ser mudada já. Isso é *cuidar do mundo*.

Para finalizar, quero cumprimentar a todos os participantes desta 7^a Edição do Concurso Cultural Ler e Escrever É Preciso. É por meio de pequenos atos que vamos conseguir fazer um mundo melhor, e vocês deram uma clara demonstração de que isso é possível.

Cuidemos da vida, então.

Acesso à palavra

Textos profundos e interessantes! O 7^o Concurso Cultural Ler e Escrever É Preciso será lembrado pela edição que mais contou com a participação de adolescentes entre os estudantes. Do total de inscritos, eles representaram 26% dos participantes, índice significativamente superior aos 16% registrados na última edição do concurso.

Esse crescimento pode ser explicado, em parte, pela disseminação maciça via meios de comunicação — incluindo aí o papel determinante da internet — e também pelo esforço diário dos mestres preocupados com o futuro dos nossos jovens, crianças e adultos, que, cada vez mais, estão constatando que dominar a arte da palavra faz a diferença, abre portas e propicia oportunidades.

Na verdade, isso nos mostra que o despertar existe em todas as idades, e que o acesso à palavra continua sendo a base para uma educação de qualidade, para o que contamos com o trabalho competente que muitos educadores têm realizado em escolas públicas e privadas, e com o qual colaboramos, inclusive a partir do nosso apoio integral para a realização da sétima edição do Concurso.

O desenvolvimento das competências de leitura e escrita é importante para mudarmos verdadeiramente de patamar, para que o Brasil passe a ser considerado um país do presente, pronto para colocar em prática os princípios de sustentabilidade e competitividade em nível de igualdade com as demais potências mundiais.

Esse é o caminho. Acreditamos que iniciativas como esta ajudarão a fortalecer a máxima de que o acesso à palavra é para todos e pode mudar o mundo.

Antonio Maciel Neto
Presidente da Suzano Papel e Celulose

*O segredo é não correr atrás das borboletas...
É cuidar do jardim para que elas venham até você.*

Mário Quintana

Cuidar vem do latim *cogitare*, que significa cogitar, considerar, imaginar, pensar, meditar. Daí veio depois o sentido de tratar de, ter cuidado, assistir.

Ao ler todas essas definições, percebi que a palavra de origem tem um sentido mais voltado ao pensamento, à concepção de alguma coisa. O cuidar está voltado à ação, à execução daquilo que foi pensado e planejado.

O tema escolhido para a sétima versão do nosso Concurso é, de certa forma, a síntese de tudo o que fazemos no Instituto Ecofuturo: imaginar como podemos contribuir para melhorar a vida das pessoas, aprender com nossas iniciativas, compartilhar esse aprendizado, atuar junto ao poder público para que toda essa experiência oriente a elaboração de políticas públicas que propiciem uma educação para a sustentabilidade. E uma característica sempre presente no desempenho de cada um dos membros da equipe é o *cuidado*.

O compromisso com o resultado que se quer alcançar, por vezes bastante audacioso, cuida para que barreiras como escassez de recursos, premência de tempo ou quaisquer outras sejam superadas.

Por isso, é com muita felicidade que vemos, mais uma vez, um projeto trabalhoso como o Concurso chegar ao seu final com um resultado tão auspicioso, com textos de qualidade como os que vocês terão a oportunidade de ler e com a honrosa participação de parceiros sempre presentes.

As borboletas mencionadas no texto de Mário Quintana são, para nós, os conselheiros, os mantenedores, os patrocinadores, os parceiros de projetos, os colaboradores externos, a equipe do Ecofuturo e todos os que, de alguma forma, contribuem para o sucesso da nossa empreitada. Esses já estão no nosso jardim. Nosso compromisso é fazer com que continuem conosco, tornando esse jardim ainda mais atraente para novas borboletas.

Sergio Alves
Superintendente do Instituto Ecofuturo

Corrupio

Escrevo e alguém no rádio diz que seremos 7 bilhões (!) na segunda-feira, 31 de outubro de 2011. São estimativas das Organizações das Nações Unidas, informa o locutor. **Corrupio, corrupio, corrupio...**

Terça, dia 25, ouvi um Nobel de Economia, James Heckman, dizer que educar para o século 21 é educar de forma integrada, preparando a criança e o jovem para a vida em sociedade. Tchau aprendizado de disciplinas isoladas; bem-vinda a construção de conhecimentos com sentido. Falou sobre cinco importantes dimensões não cognitivas que devem ser potencializadas na escola: extroversão, controle emocional, abertura para o outro e para o conhecimento, conscientização e cooperação. **Corrupio, corrupio, corrupio...**

Os textos que recebemos de todos os cantos do país, como bem lembrou a educadora Maria Betânia Ferreira — que está com a gente desde a primeira edição deste projeto, contribuindo na construção de seu sentido —, revelam que há “mais reconhecimento das qualidades excepcionais que se encontram em gente que nos cerca e na qualidade de vida que é possível em qualquer tipo de ambiente”. **Corrupio, corrupio, corrupio...**

Corrupio é o nome de uma brincadeira infantil. É simples, bem simples: duas pessoas ficam de frente uma para a outra, esticam os braços trançados e dão as mãos. Com os braços esticados e os corpos jogados para trás, giram o mais rápido possível, rodopiam para a esquerda ou para a direita. Enquanto rodopiam ficam repetindo uma palavra: corrupio. Até rapidamente pararem de girar. Esta roda viva silencia e anuncia num instante confiança e cuidado, princípios da amorosidade, a grande tecnologia da vida.

Obrigada, de coração, por acreditar e **corrupiar** com a gente.

Grande abraço

Christine Castilho Fontelles
Diretora de Educação e Cultura do Instituto Ecofuturo

INSTITUTO ECOFUTURO

Daniel Feffer **Presidente**

Sergio Alves **Superintendente**

Christine Castilho Fontelles **Diretora de Educação e Cultura**

Paulo Groke **Diretor de Meio Ambiente**

Alessandra Avanzo **Coordenadora de Comunicação**

Cesar Augusto Amaral **Coordenador Financeiro**

Guilherme Rocha Dias **Coordenador do Projeto Parque das Neblinas**

Rachel Barbosa Gomes Carneiro **Coordenadora de Desenvolvimento Institucional**

Silvana Ferreira Silva **Contadora**

Daniele Juaçaba **Analista do Programa Ler é Preciso**

Julia de Lima Krahenbuhl **Analista de Projetos**

Maurício de Alcântara Marinho **Analista de Projetos**

Michele Cristina Martins **Analista de Projetos**

Palmira Petrocelli Nascimento **Analista do Programa Ler é Preciso**

Regiane Basso **Analista Contábil**

Renato Guimarães de Oliveira **Analista Administrativo Financeiro**

Alexandre Oliveira da Silva **Assistente de Manutenção**

Amanda Garcia Silva **Assistente do Programa Ler é Preciso**

Carlos de Medeiros Delcidio **Assistente de Desenvolvimento Institucional**

Luciani Oliveira Santos **Assistente Administrativo**

Patricia Mirabile Barbosa Banevicius **Assistente de Comunicação**

Sandro Custódio da Silva **Assistente de Manutenção e Manejo Florestal**

Vanessa de Jesus Espíndola **Assistente do Programa Ler é Preciso**

Cléia Marcia Ribeiro de Araújo **Auxiliar Administrativo**

Marcos José Rodrigues do Prado **Auxiliar de Manutenção e Manejo Florestal**

Wagner Roberto Anjos **Auxiliar de Manutenção e Manejo Florestal**

Bruno Santiago Alface **Estagiário de Comunicação**

CONSELHO DIRETOR

Daniel Feffer **Presidente**

David Feffer e Jorge Feffer **Vice-presidentes**

Antonio Maciel Neto, Claudio Thomaz Lobo Sonder, Gustavo Ioschpe, Jacques Marcovitch, Murilo César Lemos dos Santos Passos, Paulo Lima, Sergio Arthur Ferreira Alves, Sergio Abranches **Conselheiros**

MANTENEDOR

Suzano Papel e Celulose

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

PARCERIA INSTITUCIONAL

APOIO

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura

**A alegria é
uma das principais
espertezas da vida.**

Franceline Rodrigues
Jardim, MS

ISBN 978-85-60833-06-1

9 788560 833061

É com os gestos e as palavras de CUIDADO, guiados pelo princípio de fazer o máximo de bem e causar o mínimo de dano, que o “era uma vez” da humanidade vai se corrigindo e melhorando.

Neste livro, gente brasileira de todos os cantos e idades fala de CUIDADOS com uma naturalidade surpreendente, e mostra que um país que mudou se lê na escrita de seus habitantes, sim.

INSTITUTO
COFUTURO

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA